CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Graciela de Andrade Boschetti

CORPO-SI SEXUADO?

o que narram as mulheres da Tecnologia da Informação

Belo Horizonte
2021

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Graciela de Andrade Boschetti

CORPO-SI SEXUADO?

o que narram as mulheres da Tecnologia da Informação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais para obtenção do título de Mestra em Educação Tecnológica.
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Raquel Quirino
Coorientador: Prof. Dr. Admardo B. Gomes Júnior

Área de concentração: Processos formativos em Educação Tecnológica

Belo Horizonte
2021

Boschetti, Graciela de Andrade
B742c Corpo-si sexuado?: o que narram as mulheres da Tecnologia da Informação / Graciela de Andrade Boschetti. – 2021.
194 f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica.
Orientadora: Raquel Quirino.
Coorientador: Admardo B. Gomes Júnior.
Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

1. Tecnologia da informação – Teses. 2. Mulheres na tecnologia – Teses 3. Divisão do trabalho por sexo – Aspectos sociais – Teses. 4. Ergologia – Teses. 5. Trabalho – Teses. 6. Trabalhadoras – Aspectos fisiológicos – Teses. 7. Papel sexual – Teses. 8. Reconhecimento da atividade humana – Teses. I. Quirino, Raquel. II. Gomes Júnior, Admardo Bonifácio. III. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. IV. Título.

CDD 370.193

Elaboração da ficha catalográfica pela bibliotecária Jane Marangon Duarte, CRB 6º 1592 / Cefet/MG

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA - PPGET
Portaria MEC n°. 1.077, de 31/08/2012, republicada no DOU em 13/09/2012

Graciela de Andrade Boschetti

"Corpo-si Sexuado? O que narram as mulheres da Tecnologia da Informação"

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 12 de fevereiro de 2021, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Tecnológica, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação constituída pelos professores:

Prof.ª Dr.ª Raquel Quirino - Orientadora
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Dr. Admardo Bonifácio Gomes Júnior - Coorientador
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Mariana Veríssimo Soares de Aguiar e Silva
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Bianca Rückert
Prof.ª Dr.ª Bianca Rückert
Universidade Federal da Bahia

DEDICATÓRIA

À minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Ouvi dizer que mestrado é uma viagem solitária. Mas não, para mim foi uma viagem em solitude, uma jornada de transformação, e por onde andei, não andei só. Aos que estiveram comigo expresso meus sinceros agradecimentos:

À vida e aos amparadores por me permitirem materializar esse sonho.

Às feministas pelas conquistas, as quais, nós, mulheres herdamos e desfrutamos e às amigas e os amigos que o mestrado me presenteou.

À CAPES que financiou esta pesquisa.

Às mulheres da TI participantes desta pesquisa: Lola, Maka, Sara e especialmente, Lamarr e Pandora. Vocês foram a 'vida' que dialetizou com os 'conceitos'. Obrigada pela confiança.

Aos meus orientadores, por abraçarem este desafio junto comigo, confiando-me seus saberes e valores. Obrigada Prof.ª Raquel Quirino, por me apresentar o feminismo materialista de Danièle Kergoat e Helena Hirata, por acreditar que essa jornada seria possível, por desafiar-me a não trilhar pelo caminho mais fácil, pela oportunidade de transformação. Minha admiração por você é transversal a todas as fronteiras. Ao Prof.º Admardo B. Gomes Júnior, obrigada pela paciência e leveza, por sua incansável disponibilidade, pelo entusiasmo em incentivar-me a construir meus próprios referenciais ergológicos, obrigada por tudo.

À minha família, Valda, Paulos, Ricardo, Poliana, Diego e Gustavo, pelo amor, por me apoiarem em todos os momentos dessa caminhada. Cada um de vocês foi singularmente importante nesse percurso. Ao meu companheiro, Maurício, pelo amor, paciência e compreensão, obrigada pela assistência silenciosa.

Às membras da banca de defesa, Prof.ª Bianca Rückert e à Prof.ª Mariana Veríssimo agradeço por aceitarem o convite de contribuir com este trabalho. Também agradeço às pareceristas do projeto de pesquisa, Prof.ª Fernanda Tarabal e Prof.ª Mônica Bianco pela generosa contribuição.

Aos professores do mestrado, Prof.ª Maria Adélia Costa, Prof.º José Geraldo Pedrosa, Prof.ª Ludmila Guimarães, Prof.º Luiz Abraão, pelos ensinamentos compartilhados, sou-lhes muito grata. Um agradecimento especial à Prof.ª Silvani Valentin, minha anfitriã no CEFET-MG, muito obrigada por ter

acreditado e investido no meu potencial quando eu era ainda uma candidata a mestranda.

Ao Coordenador do PPGET, Prof.º Irlen Gonçalves pela prontidão, cuidado e atenção com as individualidades discentes do CEFET-MG. Aos funcionários e estagiária da Secretaria do MET, Fábio, Marcus, Miriene e em especial, ao Narlison, pela atenção e presteza a mim dispensadas.

Aos professores externos ao mestrado do CEFET-MG, Prof.º Abelardo Araújo, Prof.ª Clevi Rapkiewicz, Prof.ª Deise Dias, Prof.º Jurandir Soares, Prof.ª Luciana Kind, Prof.ª Luciana Novaes, Prof.ª Marilza Santos, Prof.ª Nali Ferreira, que, nas diversas fases desta pesquisa, contribuíram imensamente com a melhoria deste trabalho.

À amiga Laís, ergóloga feminista, cuja capacidade de realização precisa ser reverenciada, obrigada pela amizade, pelas tardes de escrita e revisão conjunta, pelas experiências em *dibellar*. Você é minha grande referência.

À amiga-irmã Adriana pelas longas horas de transcrição do material produzido em campo, pelas trocas de afeto ao longo de mais de vinte anos de história. Você sempre esteve comigo. Não confiaria a mais ninguém transformar nossas vozes em palavras.

A você, Fernanda, parceira de vida, com quem compartilho afeto, alegrias, angústias e meus textos, muitos textos. Suas colocações são pontuais e assertivas. Sigo aprendendo muito contigo. Obrigada por estar na minha vida!

À Lucimara, obrigada pelo carinho e generosidade, por me proporcionar esse grande (re)encontro, por atravessar essa jornada comigo e me acudir quando me encontrava perdida. A você, amiga, dirijo meu afeto e gratidão inefáveis.

À Bruninha, obrigada pela amizade, pelas trocas. Sua estética de escrita e maturidade apesar de tão jovem são inspiradoras! Obrigada por confiar-me seus textos e criticar os meus. Você foi um presente que quero levar para a vida.

À(os) querida(os) leitora(es), Adelaine, Luiz pelo tempo, cuidado e generosidade dispendidos na leitura e *feedback* dos meus textos.

Ao Thiago, *menino de ouro*, não só pela leitura e *feedback* dos meus texto, mas, sobretudo pelo e elaboração da arte do convite de divulgação e suporte técnico na transmissão da minha defesa.

Aos amigos e colegas de mestrado, aos que estiveram antes, aos que estiveram durante e aos que estarão depois. Obrigada! Foi incrível estar com vocês!

Aos amigos e colegas dos grupos de pesquisa CEGRID, FORQUAP e Garimpo da atividade.

Aos amigos e colegas de voluntariado do IIPC, por compreenderem minha ausência das atividades do voluntariado por tanto tempo em prol desta pesquisa de mestrado. Agradeço especialmente à Ana Ceres, Danniela e Maria Célia pelas contribuições cirúrgicas em momentos precisos dessa jornada.

À psicóloga Jeane Almeida, por ajudar-me a aprender a construir e sustentar o meu mundo diário.

EPÍGRAFE

Quem eu sou precisa ser definido e sustentado todos os dias.

RESUMO

Esta dissertação objetivou compreender as relações sociais de sexo e seus mecanismos de segregação e exclusão das mulheres na área da Tecnologia da Informação (TI), a partir de dramáticas dos usos do corpo-si de mulheres que trabalham nesse setor terciário da economia. O estudo segue um viés teórico-metodológico do feminismo materialista de origem francófona e da ergologia, com o uso das narrativas de vida como recurso principal desta pesquisa de caráter qualitativo, estruturada pela Linha 3 Processos formativos em Educação Tecnológica (PPGET/CEFET-MG). Para tanto, procuramos compreender o trabalho pelo ponto de vista da atividade humana situada, por meio do estudo de caso de duas mulheres da área da TI. A investigação permitiu a reflexão sobre os essencialismos inerentes às diferenças biológicas que falaciosamente hierarquizam socialmente mulheres e homens em favor destes últimos, a falta de reconhecimento da qualificação técnica do trabalho realizado por elas, além de apresentar dinâmicas cotidianas realizadas no campo de trabalho como ações de enfrentamento a objetificação de seus corpos e propriedades intelectuais.

Palavras-chave: Tecnologia da Informação, relações sociais de sexo, ergologia, mulher, corpo-si.

ABSTRACT

This dissertation aimed to understand social relations of sex and their mechanisms of women 's segregation and exclusion in Information Technology, based on dramatic of the use of the body-itself of women working in this tertiary sector of the economy. This study follows a theoretical-methodological bias of materialist feminism of Francophone origin and ergology, with life narratives as the main resource of this qualitative research, structured by Line 2 Formative Processes in Technological Education (PPGET / CEFET-MG). Therefore, we sought to understand the work from the point of view of situated human activity, through the case study of two women in the IT area. The investigation allowed the reflection on the essentialisms inherent to the biological differences that fallaciously hierarchically socialize women and men in favor of the latter, the lack of recognition of the technical qualification of the work performed by them, in addition to presenting daily dynamics performed in the work field as actions of coping with the objectification of their bodies and intellectual properties.

Keywords: Information Technology, social sex relationship, ergology, woman, body-itself.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Dispositivo Dinâmico a Três Polos – DD3P 65

Quadro 1 - Principais fases e regras das entrevistas 79

Figura 2 - Síntese do passo a passo da construção do mapa analítico 82

Figura 3 - Modelo do mapa analítico 83

Tabela 1 - Síntese das entrevistadas 84

LISTA DE SIGLAS

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações

COHAB-SP – Companhia Metropolitana de Habitação

CPD – Centro de Processamento de Dados

CEFET- MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

FMF – Feminismo Materialista Francês

ISACA - Information Systems Audit and Control Association

OECD - Organisation for Economic Co-operation and Development

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SBC – Sociedade Brasileira de Computação

TI – Tecnologia da Informação

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15

2 O TRABALHO COMO CAMPO DE LUTA DA MULHER 22

2.1 ‘COMPUTADORAS’: ELAS ERAM *SOFTWARE* 24

2.2 COMPUTADOR: O HOMEM DO ANO 32

2.3 FEMINISMOS E FEMINISMO MATERIALISTA 39

2.4 ERGOLOGIA: O TRABALHO COMO LUGAR DE DEBATE 54

3 APORTE METODOLÓGICO: SOBRE UMA LONGA VIAGEM 63

3.1 TEORIZANDO SOBRE A PRÁTICA 63

3.2 PRÁTICAS DA PESQUISA E TÉCNICAS DE ANÁLISE 73

3.3 PERFIL GLOBAL DAS INFORMANTES 85

3.4 ANÁLISE EM DUAS CAMADAS 95

4 *FEMINA TECHNOLOGICAL* 102

4.1 CODINOME: *PANDORA* 102

4.1.1 *Agora eu sou o homem da casa!* 103

4.1.2 *Eu e os meus fantásticos cem toques por minuto* 108

4.1.3 *Eu sou aquela que faz o que ninguém quer fazer* 114

4.2 CODINOME: *LAMARR* 124

4.2.1 *Eu nunca aceitei o destino que falavam que eu iria ter* 124

4.2.2 *Achei fascinante aquela coisa de transformar dados!* 131

4.2.3 *Eu demorei para entender que o problema, muitas vezes, era eu ser mulher* 134

5 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO EM DEBATE NA TI 144

5.1 O CORPO-SI É UM CORPO SEXUADO? 146

5.2 MULHER, TECNOLOGIA E TRABALHO 152

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 164

REFERÊNCIAS 169

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA **186**

APÊNDICE B - TCLE **189**

APÊNDICE C - TERMO DE CESSÃO GRATUITA **193**

1 INTRODUÇÃO

> Encontro num caminho de pedras, mareado de ilusão, um pedaço de sonho em que eu me uso até a exaustão... É um caminho de pedras, cheio de versos e versões. Esse caminho de pedras, é também um caminho de asas...

Esta pesquisa teve o objetivo de compreender, a partir da interlocução entre a perspectiva feminista materialista de origem francófona e a ergologia, as relações sociais de sexo. Investimos na compreensão de tais relações sociais a partir da identificação de dramáticas dos usos do corpo-si[1] presentes nas narrativas de trabalhadoras da Tecnologia da Informação. As dramáticas são compreendidas como uma tensão que atravessa toda forma de atividade humana, notadamente a atividade do trabalho, a partir da necessidade de reconfigurar as normas antecedentes no meio em que se encontra, considerando toda ordem de variabilidades, possibilidades nunca antecipadas por completo.

As justificativas desta pesquisa se referem, no sentido mais amplo, a baixa participação das mulheres nas carreiras do setor da tecnologia, notadamente, na área da Tecnologia da Informação (TI) e por ser profissional da TI, área na qual trabalhei como analista, programadora e em atendimento ao cliente por mais de vinte anos. Na qualidade de mulher trabalhando em um meio predominantemente masculino, vivenciei diversos incômodos e inúmeras situações no trabalho que se traduzem na inquietação que provocou a minha aproximação, seguida da escolha pela temática desta pesquisa.

A partir da minha experiência como estudante e trabalhadora da área de TI, percebi a existência de inúmeras situações que, visível ou invisivelmente, apartam as mulheres do campo da tecnologia ou fazem com que haja formas de segregação daquelas que conseguiam adentrar nesse campo profissional. O incômodo surgido frente a essa realidade levou-me a buscar aprofundar os estudos feministas, sobretudo os que se interessam por investigar as opressões impostas às mulheres no trabalho, de forma geral e na Tecnologia da Informação, de maneira mais específica, gênero e as relações sociais de sexo no mundo do trabalho da tecnologia.

---

[1] Esclarecemos, de antemão, que ao longo do texto, utilizamos neologismos, como por exemplo, corpo-si, renormatização, dramáticas, sendo temas recorrentes na literatura da ergologia traduzidos para o português, e, portanto, parte do vocabulário da *démarche* francesa.

Segundo Karel Kosik (2011), quando se decide investigar um fenômeno, já se pressupõe aí a existência de algo a ser conhecido. Já se identifica uma aparência fenomênica, que a essência de tal fenômeno não seja equivalente. Seguindo esse raciocínio, a pergunta que me fiz, dialeticamente, foi: ‘o que pode estar escondido por trás daquilo que se propaga sobre as mulheres serem desinteressadas pelas profissões tecnológicas, diferente do que francamente se mostra?’ Para investigar a essência da coisa, ‘a coisa em si’, precisamos partir do pressuposto de que existe “algo susceptível de ser definido como estrutura da coisa, essência da coisa” (KOSIK, 2011, p. 17).

A partir das leituras realizadas, ficou evidente que a sub-representação feminina na TI é um problema comum, uma realidade histórica, de caráter heurístico não exclusivo do Brasil, apresentando-se em pesquisas realizadas em diversos países ocidentais em diferentes continentes do mundo (CASTRO, 2016; GLOVER; GUERRIER, 2010; KELAN, 2009; SCOTT-DIXON, 2004). Por isso, mais do que recorrer às estatísticas que, recursivamente, têm reiterado a sub-representação feminina nesses domínios, o que nos importa nesta pesquisa é, em alguma medida, nos aproximarmos do ‘como’ ou da ‘forma que’ esse fenômeno impacta a atividade de trabalho e de vida de mulheres desse meio tecnológico.

Trata-se do investimento em perscrutar o modo com o qual cada uma delas se move dentro do universo de normas que as circunda, como constroem o próprio mundo dentro do meio ao qual pertencem. Essa razão se apoia na distinção fundamental entre a pesquisa qualitativa e quantitativa ser no tipo de conhecimento que se busca apreender. Enquanto pesquisas de cunho quantitativo enfatizam a explicação e o controle, pesquisas qualitativas se interessam pela compreensão das relações complexas entre tudo que existe (STAKE, 2007). A pesquisa qualitativa é, portanto, o meio para atingirmos nosso objetivo, como uma ponte que liga múltiplas comunidades interpretativas e críticas que se estendem por diversos cenários e horizontes “em um vaivém entre o público e o privado, o sagrado e o secular” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 363). Destarte, por meio da interlocução teórico-metodológica entre as perspectivas do feminismo materialista de origem francófona (FMF) e da ergologia, e do método das narrativas, procuramos compreender as relações

sociais de sexo presentes no trabalho da Tecnologia da Informação, objeto desta pesquisa.

Este estudo aborda as dramáticas dos usos do corpo-si, de trabalhadoras da TI, questionando os essencialismos inerentes às diferenças biológicas que falaciosamente hierarquizam socialmente mulheres e homens em favor desses últimos. Sendo, portanto, a divisão sexual do trabalho, do saber e do poder, uma construção social ao longo da história, podemos pensar nas possibilidades de sua transformação. A expressão 'dramática dos usos do corpo-si' é um dos fundamentos da Ergologia. Seu sentido evidencia da atividade humana o caráter de uma exigência a qual ninguém pode se furtar: a de fazer escolhas e tomar posição em todos os momentos da vida (MENCACCI; SCHWARTZ, 2016; SCHWARTZ, 2011). A perspectiva ergológica, na qualidade de démarche, estuda o trabalho pelo ponto de vista da atividade humana, situada. Por sua vez, as relações sociais de sexo são estudadas por meio das práticas sociais observadas principalmente por meio da divisão sexual do trabalho e seus mecanismos de segregação e exclusão das mulheres dos espaços sociais de maior valor mercantil e social, tais como os da Tecnologia da Informação, área do setor terciário da economia cuja maioria das ocupações de prestígio são consideradas de alta qualificação.

Os sujeitos da pesquisa são trabalhadoras da área da Tecnologia da Informação, que é tida como uma das mais dinâmicas da economia mundial, estando estreitamente associada à reformulação do sistema capitalista de produção que resultou na atual Economia da Informação (OECD, 2012). No Brasil, a TI foi fortemente impulsionada na década de 1990 a partir da abertura dos mercados (SOFTEX, 2013), o que contribuiu para a massificação da produção de microcomputadores no país, ampliando a utilização da computação na indústria, nos processos de produção – aumento de produtividade e corte de gastos com pessoal (CASTRO, 2016).

A área da Tecnologia da Informação é tida como um mercado em constante carência de profissionais qualificados. Apesar de haver um esforço por meio de pesquisas e projetos que estimulem mulheres a se interessar por tecnologia (NUNES et al, 2015; BARTOL; WILLIAMSON; LANGA, 2006), o setor de TI é composto predominantemente por profissionais do sexo masculino. A sub-representação feminina é um problema identificado mundialmente, como

aponta o estudo publicado no relatório *The future tech workforce: breaking gender barriers* pela *Information Systems Audit And Control Association* (ISACA, 2017).

No Brasil, essa situação não é diferente. De acordo com Castro (2016), a participação feminina no setor de TI brasileiro vem apresentando queda nos últimos dez anos, quando seu levantamento documental aponta que a participação de mulheres profissionais passou de trinta para vinte por cento na informática brasileira entre os anos de 2004 e 2014. Castaño e Webster (2011) observam um processo semelhante no setor de TI dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE, quando a representação feminina, que em 2007 variava entre 15% e 40%, começou a diminuir. As teóricas apontam ainda baixa participação das mulheres nos cursos de graduação na área da Computação também, entre 10% e 30%, sendo que as taxas apresentadas, na maioria dos países, estagnaram e em outros estão em declínio. Pesquisas brasileiras sobre a participação feminina nos cursos de Ciência da Computação nas universidades nacionais também apontaram uma tendência de redução. A análise do INEP indicou que, entre os anos de 2000 e 2016, apenas 19,7% dos alunos que se formaram nos cursos da área de TI eram mulheres (MOREIRA et al, 2014, MONARDI e FORTES, 2013; TENENTE, 2018).

Há uma preocupação por parte de organizações e trabalhos de pesquisa em investigar e discutir as causas da baixa participação das mulheres em ocupações da Computação, considerando o potencial feminino e a constante demanda de profissionais qualificados para exercer tais atividades (NUNES et al, 2015). Entretanto, a vida profissional na Tecnologia da Informação é permeada por diversos conflitos, entre os quais, se encontram suposições estereotipadas por normas e valores sexuados, onde a associação entre a tecnologia, a masculinidade e o poder, leva as mulheres a vivenciar tensões e constrangimentos pelo simples fato de serem mulheres (GUERRIER et al, 2009).

O fato de o senso comum naturalizar a ausência ou sub-representação das mulheres nos âmbitos da tecnologia e as considerarem incompetentes e desinteressadas (McGEE, 2018; RAPKIEWICZ, 1998) associa-se ao cenário anteriormente exposto, indicando quão pode ser difícil para uma mulher inserir-se e permanecer nesse meio de trabalho e de vida. Desse modo, trazer as

narrativas que refletem a experiências de duas mulheres que ocupam esses espaços normativamente reservados aos homens torna esta pesquisa relevante e importante, na medida em que avança dos aspectos fenomênicos do senso comum para evidenciar a essência do ‘porquê’ são tão poucas, e do ‘como’ resistem, fazendo uso de si pelos outros, em um meio de trabalho que pode ser considerado hostil, por principalmente, se constituir por normas e valores que tem sido historicamente construídos e recursivamente reificados para excluí-las ou invisibilizá-las.

Essa foi a razão que nos levou a questionar sobre os efeitos da dimensão sexuada do corpo-si no meio de trabalho da Tecnologia da Informação, sendo esses os tipos de usos dramáticos do corpo-si no trabalho que nos interessou apreender das narrativas das participantes desta pesquisa. Para tanto, minha pergunta de pesquisa consiste em saber “Em que medida as dramáticas dos usos do corpo-si presentes no trabalho das mulheres da Tecnologia da Informação refletem as relações sociais de sexo?”. Desse modo tenho como objetivo geral: Compreender as relações sociais de sexo presentes nas dramáticas dos usos de do corpo-si de mulheres da área da Tecnologia da Informação. Para tanto foi preciso/: identificar o lugar da mulher na história da TI; narrar as histórias de trabalhadoras da TI, destacando suas trajetórias laborais; evidenciar as dramáticas dos usos do corpo-si das referidas trabalhadoras.

Quando uma pesquisa em educação tecnológica propõe estudar o trabalho, centralizando suas reflexões na compreensão das relações sociais estabelecidas entre os grupos de mulheres e homens no mundo do trabalho, abre-se um espaço de debate de normas e valores muito importante a ser observado na (des)construção da emancipação e da cidadania desde a sua formação, a fim de predispor uma atuação lúcida e ativa na transformação da nossa sociedade. Especialmente na Linha 3 - Processos formativos em Educação Tecnológica deste Programa de Pós-Graduação, é imprescindível que o discurso meritocrático, que descorporifica os talentos e competências, comumente proferido na comunidade acadêmica (LIMA, 2013) e reproduzido no mundo do trabalho (HIRATA, 2002), seja recusado e desnaturalizado.

Para isso é preciso ir além dos indicadores quantitativos, muito importantes para (re)afirmar a permanente sub-representação feminina nas áreas científicas e tecnológicas ao longo da história, sobretudo, no setor da

Tecnologia da Informação. Objetivar análises minuciosas de como o fenômeno já mapeado estatisticamente se dá, procurando compreendê-lo nas suas minucias (BERTAUX, 2010). A partir da análise empírica do microuniverso presente no campo empírico em cotejo com as teorias postuladas e resultados de pesquisas afins, desvelamos o quanto os modelos fabricados ao longo dos tempos, reforçaram concepções errôneas sobre as capacidades e interesses das mulheres em relação à tecnologia (McGEE, 2018).

Para além de colocar luz sobre os diversos obstáculos enfrentados pelas mulheres no meio tecnológico, as dramáticas dos usos do corpo-si de duas participantes da pesquisa, escolhidas dentre cinco entrevistadas, expressam, sobretudo, as maneiras singulares com as quais elas estruturaram seus debates de normas e valores ao longo das suas trajetórias laborais e renormatizaram o meio em que vivem, o meio da Tecnologia da Informação.

O título inicial desta pesquisa foi Mulheres na Tecnologia da Informação: trajetórias e dramáticas dos usos de si, cujo projeto foi aprovado pelo parecer Projeto CAAE: 3.375.869, aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em 06 de junho de 2019, sendo posteriormente alterado para Corpo-si Sexuado? O que narram as mulheres da Tecnologia da Informação.

Este trabalho está organizado em cinco seções, contando com esta introdução. Na segunda seção capítulo apresentamos a aproximação do objeto desta pesquisa por meio da revisão de literatura sobre a participação da mulher no trabalho na área da Tecnologia da Informação, em um primeiro momento trazendo um pouco da contribuição de Ada Lovelace e a história das ‘computadoras’ humanas, pioneiras no desenvolvimento da programação de computadores, e, em seguida, um panorama sobre a mulher no trabalho da TI da Era da Informação. A seguir, apresentamos o referencial teórico que ancora esta pesquisa contextualizando a perspectiva das relações sociais de sexo na história do feminismo materialista de origem francófona e, por último, a ergologia, apresentando suas bases epistemológicas e suas principais noções.

Na terceira seção tratamos do aporte metodológico e pesquisa de campo, do uso das narrativas de vida como recurso metodológico e o Dispositivo Dinâmico a Três Polos – DD3P como instrumento basilar do pensamento ergológico para realizar a interlocução teórico-metodológica entre a perspectiva das relações sociais de sexo e ergologia. Em seguida descrevemos as práticas

da pesquisa, expondo e ferramentas e métodos utilizados para produzir e analisar o material empírico. Adiante apresentamos o perfil global das informantes para, por último, descrever o modo como construímos e organizamos a apresentação dos resultados.

A quarta seção abrange os resultados narrativos de dois estudos específicos em forma de conto literário, para posteriormente, na quinta seção, realizar uma discussão à luz das teorias sobre a divisão sexual do trabalho e os tipos de debate, de normas e valores que são abertos às mulheres em profissões masculinizadas como as da TI.

Na sexta e última seção apresentamos as considerações finais desta pesquisa, onde refletimos sobre os essencialismos inerentes às diferenças biológicas que falaciosamente hierarquizam socialmente mulheres e homens em favor desses últimos, além da falta de reconhecimento da qualificação técnica do trabalho realizado por elas. Com isso, por meio da perspectiva ergológica sobre o corpo-si em atividade de duas trabalhadoras, compreendemos as relações sociais de sexo em interface com as normas falocêntricas da área da Tecnologia de Informação.

2 O TRABALHO COMO CAMPO DE LUTA DA MULHER

Esta seção versa sobre o trabalho da mulher, notadamente, o trabalho da mulher na área da Tecnologia da Informação. Nas duas primeiras subseções, procuramos construir um panorama sobre o qual o objeto de estudo proposto por esta pesquisa está situado. Para isso, revisitamos a história da área de Tecnologia da Informação, notadamente a que se refere à trajetória da participação das mulheres, demonstrando como a atual e persistente ausência ou sub-representação da mulher em espaços sociais de prestígio como os da TI tem raízes históricas e evidencia a divisão social do trabalho entre os sexos.

A segunda metade desta seção compõe os marcos teóricos nos quais esta pesquisa se ancora. A terceira subseção designa-se ao feminismo materialista, inicialmente anunciamos os feminismos plurais, com uma breve introdução sobre o feminismo negro, para em seguida privilegiarmos o feminismo materialista de origem francófona, nosso referencial base, contextualizando o percurso teórico-político das relações sociais de sexo. A seguir, apresentamos a démarche ergológica, um pouco da sua história, suas bases, e principais noções, que nos auxiliam a compreensão do trabalho sob o ponto de vista da atividade humana.

Primordialmente, é preciso compreender que a noção de Tecnologia da Informação (TI), cujas raízes são derivadas da Ciência da Computação, tem sido utilizada para designar o setor terciário da economia que, a partir dos recursos computacionais, dá suporte a praticamente todas as atividades econômicas desde os níveis operacionais, de conhecimento, gerencial e até o nível estratégico (LAURINDO et al, 2001). A expressão Tecnologia da Informação foi introduzida para marcar a convergência de tecnologias em microeletrônica, a computação, as telecomunicações e a optoeletrônica[2] (CASTELLS, 2011). A junção dos termos Tecnologia e Informação[3] engloba “hardware, software, telecomunicações, automação, recursos multimídia, recursos de organização de dados, sistemas de informação, serviços de informática, negócios, usuários e as

[2] Transmissão por fibra ótica e laser.

[3] Utilizaremos os termos “Tecnologia da Informação”, “TI”, “informática” e “computação” como sinônimos.

relações complexas envolvidas na coleta, uso, análise e utilização da informação" (FERREIRA; RAMOS, 2005, p. 70).

A Tecnologia da Informação está estreitamente associada à reformulação do sistema capitalista de produção que resultou na atual Economia da Informação (OECD, 2012). A partir da década de 1990, o setor de TI brasileiro passou a ser fortemente impulsionado em razão da abertura dos mercados (SOFTEX, 2013), contribuindo para a massificação da produção de microcomputadores no país, com a computação atendendo principalmente a indústria nos processos de produção – aumento de produtividade e corte de gastos com pessoal (CASTRO, 2016).

Embora haja esforço por meio de pesquisas e projetos que estimulem mulheres a se interessar por tecnologia (NUNES et al, 2015; BARTOL; WILLIAMSON; LANGA, 2006), já que o setor é frequentemente apontado como um mercado em constante carência de profissionais qualificados, a área de TI é composta predominantemente por profissionais do sexo masculino. O problema da sub-representação feminina é identificado mundialmente, como aponta o estudo publicado no relatório *The future tech workforce: breaking gender barriers* pela *Information Systems Audit And Control Association* (ISACA, 2017).

Apesar de ser um campo relativamente novo, a Tecnologia da Informação (TI) tardou em reconhecer o pioneirismo das mulheres, que muito colaboraram para a formação da área, o que pode ter contribuído para a perpetuação de equívocos sobre elas serem desinteressadas e sem vocação para áreas tecnológicas. Certamente, os estudos feministas foram essenciais para revelar o protagonismo das mulheres na história do campo e demonstrar o quanto tal omissão e minimização sustentam concepções errôneas sobre suas capacidades e interesses relativos à tecnologia (FERREIRA, 2007; McGEE, 2018).

A história da participação feminina no setor de Tecnologia da Informação remonta a reprodução dos papeis esperados para os homens e para as mulheres assim como as práticas de invisibilização dos frutos do trabalho das mulheres, apropriados pelos homens. Mulheres protagonizaram a criação de fundamentos da Tecnologia da Informação, tais como os princípios computacionais, ideias originais que acabaram por moldar esta área, inventaram o software e criaram as primeiras linguagens de programação, além de influenciarem a concepção

física e funcional dos primeiros computadores eletrônicos. Entretanto, tais contribuições não estão bem documentadas na história do campo (ISAACSON, 2014; McGEE, 2018).

Não se pode negar que elas desbravaram um então domínio desconhecido antes de serem reposicionadas para fora dessa estrutura quando a computação passou ganhar importância na transformação socioeconômica do mundo. Com isso, o setor adquiriu um novo perfil profissional e status social, constituindo-se em um domínio preponderantemente masculino. De tal sorte que uma contextualização que evoque menção de pelo menos algumas das histórias de pioneiras no desenvolvimento do campo da TI se faz necessária.

2.1 ‘COMPUTADORAS’: ELAS ERAM *SOFTWARE*

> Este meu cérebro é mais do que meramente mortal, como o tempo mostrará (Ada Lovelace).

A pré-história do campo da TI remonta ao século XIX e traz por meio das notas criadas por Ada King, a condessa de Lovelace, o registro do primeiro algoritmo computacional e dos conceitos que moldaram o campo da computação eletrônica cem anos depois da sua publicação. A condessa de Lovelace, ou Ada Lovelace, como é conhecida, tem sua história atrelada a do cientista e inventor britânico Charles Babbage, que projetou o primeiro computador analítico (McGEE, 2018; KIM; TOOLE, 1999; RAPKIEWICS, 1998).

Ada Lovelace, ainda no século XIX, não somente vislumbrou possibilidades de processamento de um computador, como escreveu o primeiro algoritmo da história, preconizando, em suas famosas notas a transformação paradigmática que o computador causaria no mundo. Analista minuciosa, desenvolveu conceitos e proposições largamente utilizados na programação computacional. Figurada na história como uma ajudante e entusiasta do cientista Charles Babbage, a condessa de Lovelace contribuiu com o avanço das ideias do projeto do cientista ao longo de dez anos e inferiu sobre capacidades e formas de funcionamento da máquina analítica de Babbage, um projeto que nunca se concretizara, de fato, para além das possibilidades da aritmética pensadas pelo inventor (FUEGI; FRANCIS, 2003; ISAACSON, 2014).

Antes de ser formada por uma infraestrutura conceitual e um edifício tecnológico em que surgiram o *hardware*, o *software* e todas as transformações associadas a eles, a computação era uma ocupação técnica e humana exercida por homens. Na década de 1930, durante a Segunda Guerra Mundial, com o grande contingente masculino ocupado nos campos de batalha, abriu-se uma lacuna na força de trabalho norte-americana quando, sob forte apelo midiático, iniciou-se a contratação de mulheres para trabalhar na computação matemática. A seguir, a computação foi feminizada em vários campos, incluindo engenharia, arquitetura, balística e indústria aeronáutica, permanecendo femininas até serem totalmente substituídas por máquinas, os atuais computadores (FERREIRA, 2007; ISAACSON, 2014; LIGHT, 1999 SHETTERLY, 2017).

Na referida década, o Ballistic Research Laboratory do exército norte-americano recrutou aproximadamente duzentas jovens civis e militares para trabalhar como ‘computadoras’, construindo tabelas de cálculos de disparo para rojões e projéteis de artilharia. Na mesma época, o Langley Memorial Aeronautical Laboratory, localizado no litoral do estado da Virgínia, agência pública encarregada do avanço científico da aeronáutica do país, que viria ser a atual NASA, mantinha, para cada engenheiro, o apoio de equipes de ‘computadoras’ responsáveis por processar “o dilúvio numérico que a pesquisa jorrava” (SHETTERLY, 2017, s.p.).

Como descrito por Shetterly (2017), a contratação da primeira equipe de matemáticas, em 1935, causou alvoroço nos homens do laboratório Langley, que consideravam absurdo o investimento de quinhentos dólares em uma máquina de calcular, para ser usada por uma ‘garota’. Na visão deles, a mente feminina não seria capaz de processar algo tão rigoroso e preciso quanto a Matemática (SHETTERLY, 2017, s.p.). Inferimos que distorções sobre a capacidade intelectual das mulheres se sustentavam em modelos femininos de ‘sucesso’, artificialmente fabricados pelo capitalismo, atrelados às funções domésticas, esposa e mãe, e se reforçavam pelo destino profissional, limitado à docência nas escolas primárias e secundárias, comum às matemáticas antes da guerra (LIGHT, 1999).

A computação exigia um alto nível de habilidade matemática para operar analisadores, réguas de cálculo e calculadoras de mesa entre outros instrumentos, e para dar conta das complexas equações e cálculos diferenciais,

os quais, dependendo do método usado, levavam dias para serem completados (LIGHT, 1999).

Com a ampliação das oportunidades para além das salas de aula, destino comum às matemáticas, muitas mulheres foram atraídas para trabalhar como ‘computadoras’, a exemplo de Betty Jean Jennings. Formada em janeiro de 1945, na Faculdade de Pedagogia da Northwest Missouri State, em Maryville, inscreveu-se para uma vaga depois que seu professor de cálculo lhe mostrou um panfleto que anunciava o emprego. Então, aos vinte anos, Jennings, que até então nunca havia saído do estado do Missouri, foi trabalhar no laboratório de computação balística na Universidade da Pensilvânia, junto a uma equipe de mais de setenta mulheres, incluindo Adele Goldstine, que, como veremos logo adiante, liderou a equipe de mulheres pioneiras da história da programação e do software (ISAACSON, 2014).

Não obstante a exigência de alto nível de conhecimento matemático, com a entrada e permanência das mulheres, a computação matemática deixou de ser considerada técnica e passou a ser classificada como mecânica, monótona, e de baixo status social. A ocupação, antes classificada como técnica, passou a ser vista como uma designação análoga a de auxiliar de escritório, cuja baixa remuneração permitiu o avanço nos lucros dos laboratórios. Embora, para os engenheiros fosse um trabalho tedioso e mal pago, para mulheres com formação em Matemática, tão preparadas quanto eles, compor a força de trabalho computacional era uma grande oportunidade. (LIGHT, 1999; SHETTERLY, 2017)

Dentre muitas protagonistas inicialmente invisibilizadas pela história da computação, encontramos a brilhante matemática Katherine Johnson (1918-2020), cuja trajetória laboral conferiu à NASA décadas de dedicação, iniciada no West Area Computers[4], divisão destinada às ‘computadoras de cor’, quando a segregação racial era legalizada nos Estados Unidos. Sua vida foi retratada na obra de Margot Lee Shetterly (2017), ‘Estrelas Além do Tempo’[5], que inspirou o filme homônimo (MELFI, 2017). Além de cartografar mapas de navegação que

[4] As ‘computadoras’ negras operavam na divisão oeste e as brancas na divisão leste da computação na agência norte-americana NACA.

[5] Título original: Hidden Figures. Tanto o livro quanto o filme, foram lançados nos Estados Unidos no ano de 2016.

orientavam as espaçonaves em casos de falhas eletrônicas, Johnson foi responsável pela computação da trajetória orbital do histórico voo comandado por John Glenn.

A matemática contida no seu relatório pioneiro, datado do ano 1959, que calculou a trajetória do primeiro voo espacial norte-americano, foi considerada elegante, precisa e magnífica, como uma sinfonia. Protagonista da história espacial norte-americana, a incrível familiaridade com a matemática de alto nível levou Katherine Johnson, até então parte de uma divisão de ‘computadoras’, a ascender de posição, e a compor, ao lado de engenheiros renomados, a equipe de Henry Pearson, chefe da prestigiada Divisão de Pesquisa de Voo, na aeronáutica norte-americana (SHETTERLY, 2017).

Precursora do seu tempo, enfrentou diversas situações para se adaptar a um domínio constituído por valores sexistas e racistas. Katherine Johnson marcou a história, suscitando em nós a ideia da audácia necessária a uma mulher afro-americana do sul dos Estados Unidos segregado para obter do seu chefe a confiança de que seus cálculos, e não outros, colocariam o homem na Lua (SHETTERLY, 2017).

A programação, percebida atualmente como uma ocupação fortemente técnica e masculina, tem sua origem atrelada à computação matemática, já feminizada, herdando o desprestígio social do ofício que a originou.

> As novas máquinas, capazes de substituir centenas de computadores humanos, exigiam intervenção humana para configurar problemas matemáticos. Sem precedentes de gênero, o trabalho de operador de computador, como os empregos recém-criados de "estenógrafa e datilógrafa" e "escaneadora” tornou-se trabalho de mulher. Há, é claro, uma diferença fundamental entre o computador humano e o programador que transfere essa habilidade para um processo automatizado. Na década de 1940, a habilidade de transferir essas informações - o que agora chamamos de programação - se encaixava facilmente com noções sobre o trabalho feminino. Como uma extensão do trabalho de um computador humano, essa tarefa burocrática oferecia um status ligeiramente mais alto e uma remuneração mais alta do que outros tipos de trabalho de escritório (LIGHT, 1999, p. 462, tradução nossa).[6]

[6] Original: The new machines, capable of replacing hundreds of human computers, required human intervention to set up mathematical problems. Without a gendered precedent, the job of computer operator, like the newly created jobs of "stenographer typist" and "scanning girl;' became women's work. There is, of course, a fundamental difference between the human computer and the programmer who transfers this skill to an automated process. ln the 1940s, the skill of transferring this information-what we now call programming-fit easily with notions about women's work. As an extension of the job of a human computer, this clerical task offered slightly higher status and higher pay than other kinds of clerical labor.

Como grande parte da pesquisa e desenvolvimento científico durante a Segunda Guerra Mundial, o primeiro computador eletrônico para uso geral surgiu de uma aliança de guerra entre a Moore School of Electrical Engineering, da Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia, e o Army Proving Ground, das forças armadas norte-americana, em Aberdeen, Maryland. *Denominado Electronic Numerical Integrator and Computer – ENIAC*, o computador foi projetado por J. Prosper Eckert e John W. Mauchly e financiado pelo Departamento de Guerra dos Estados Unidos no início da década de 1940 (CASTELLS, 2011; ISAACSON, 2014; LIGHT, 1999).

A máquina em formato de U possuía trinta metros de comprimento e dois e meio de altura, mais de cinco metros de largura, pesava cerca de trinta toneladas, utilizando aproximadamente dezoito mil válvulas. Projetada para automatizar a produção das tabelas dos cálculos balísticos feitos pelas ‘computadoras’ humanas, a máquina precisava ser operada para que as equações matemáticas fossem calculadas. Como a computação matemática era um trabalho de mulher, não foi difícil imaginar que ‘computadoras’ fossem designadas para a tarefa da programação do *ENIAC* (FERREIRA, 2007; ISAACSON, 2014).

Logo, seis ‘computadoras’ foram selecionadas para operá-lo. Coordenadas por Adele Goldstine, Betty Jean Jennings, Elizabeth Snyder, Frances Bilas, Kathleen McNulty, Marlyn Wescoff e Ruth Lichterman, antes ‘garotas’ da Moore School, passaram então à designação de ‘garotas’ do *ENIAC*, equipe de operação da máquina eletrônica. Elas eram responsáveis pela entrada de dados e programação, o que, respectivamente, davam-se a partir de cartões perfurados e a manipulação de milhares de comutadores conectados a centenas de cabos (ISAACSON, 2014; LIGHT, 1999).

Para iniciar o trabalho, elas receberam explicações teóricas sobre o funcionamento de cada parte de um computador, pilhas de diagramas de fiação de todos os painéis e a tarefa de descobrir como a máquina funcionava, para, então, programá-la. Apesar de estudarem os circuitos, a lógica e a estrutura física da máquina, “compreender o hardware foi um processo de aprender

fazendo”[7] (LIGHT, 1999, p. 470, tradução nossa). A despeito dos engenheiros, em princípio, considerarem a tarefa de programar como algo meramente mecânico, o trabalho das operadoras se mostrava mais complexo. Ao rastejarem pelo interior da estrutura, elas encontravam tubos de vácuos queimados, conexões em curto e outros problemas (*bugs*) que não estavam previstos.

Se, por um lado, havia uma visão distorcida sobre a capacidade intelectual e industriosa feminina, por outro, a história da participação das mulheres no projeto ENIAC demonstra o engajamento e a capacidade de realização do trabalho das trabalhadoras, por meio de recursivas tentativas e erros, aprendizados no fazer a máquina funcionar, diante da falta de instruções para realizar uma tarefa, até então, inédita. Apesar de toda potência de realização dessas mulheres, em um espaço limitado de atuação, o trabalho delas era considerado ‘periférico’, de pouca relevância. Com efeito, a programação, pensada inicialmente como simples mecanização do trabalho feminino da computação, não considerava a dimensão da atividade e competência industriosa das operadoras. Por certo, as seis mulheres entendiam não apenas a matemática da computação, mas as minúcias do funcionamento da máquina, muito mais do que os engenheiros que as lideravam (LIGHT, 1999; RAPKIEWICZ, 1998).

Com o fim da guerra, o *ENIAC* foi apresentado ao público como o primeiro computador eletrônico, por meio de uma coletiva de imprensa, seguida de demonstração de desempenho. A preparação dos problemas e configuração da máquina, que na referida demonstração foi operada por um engenheiro, foi realizada por duas das seis operadoras, Jean Jennings e Betty Snyder (LIGHT, 1999). A apresentação ocorreu no dia 15 de fevereiro de 1946, em uma espécie de espetáculo midiático, que rendeu reportagens em muitos veículos da imprensa, como a primeira página do *New York Times*. A reportagem apresentava o *ENIAC* como um dos maiores segredos de guerra e conferiu a invenção a dois jovens cientistas da Moore School, Dr. John Wiliam Mauchly, 38 anos, e seu sócio, o físico J. Presper Eckert Jr., 26, engenheiro chefe do projeto (ISAACSON, 2014).

---

[7] Original: Understanding the hardware was a process of learning by doing.

A referida matéria ainda informava que a máquina fora construída com assistência de muitos outros na Escola Moore e que era capaz de fazer, facilmente, o trabalho de computação de muitos ‘homens treinados’. Em seguida afirmou que se o *ENIAC* não estivesse disponível, o trabalho teria ocupado cerca de cem ‘homens treinados’ durante um ano inteiro. Logo mais, à noite, houve um luxuoso jantar à luz de velas no Houston Hall, da Universidade da Pensilvânia, com a presença dos cientistas, oficiais militares e boa parte dos participantes do projeto, mas nenhuma operadora. O fato de gestores e historiadores do projeto não haverem reconhecido o conhecimento técnico dessas mulheres se deveu à percepção reduzida, limitada e contraditória deles, sobre o que elas realizavam (ISAACSON, 2014; LIGHT, 1999).

Submetidas a denominações no coletivo como ‘garotas da Moore School’ quando ‘computadoras’ e ‘garotas do *ENIAC’*, quando operadoras, responsáveis pela programação no projeto, as trabalhadoras tinham suas identidades diluídas e os resultados do seu trabalho apropriados pelos engenheiros responsáveis (FERREIRA, 2007). Dentre as tentativas de desqualificação dessas trabalhadoras e, por consequência, do seu trabalho, encontramos o termo *software*, apelido pejorativo, espécie de desdém, atribuído às operadoras do ENIAC (LIGHT, 1999).

O significante em atribuir mulheres a *softwares* contradizia o trabalho concreto realizado por elas, que exigia sofisticada familiaridade com o equipamento. A distinção clara da hierarquia das ocupações de cada sexo no projeto abria espaço para esse tipo de depreciação conferida às trabalhadoras. Projetar a máquina, trabalho considerado de alta qualificação, era reservado aos engenheiros, homens, os hardwares. Fazer a programação da máquina, fazê-la computar os dados era função sem valor, de baixa qualificação, designada às mulheres, as *softwares* (LIGHT, 1999).

Observamos uma relação entre falta de reconhecimento da qualificação técnica do trabalho de programação realizado por elas e a noção de ‘ofício de mulher’, surgida no final do século XIX, definida em torno das ‘qualidades naturais’ da mulher, ou, em outras palavras, como uma extensão no espaço público das tarefas reprodutivas do espaço doméstico, realizados gratuitamente, por amor e vocação (KERGOAT; PICOT; LADA, 2009; YANNOULAS, 2011). De tal sorte que, na visão de um dos responsáveis pelo recrutamento de pessoal,

as mulheres eram melhores programadoras porque a atividade exigia a paciência e a destreza manual que elas desenvolviam ao bordar, referindo-se às ‘qualidades femininas’ designadas à programação, considerada mecânica, monótona e repetitiva (FERREIRA, 2007).

Da mesma forma que foram extraídas dos textos da impressa, os supostos ‘homens treinados’ eram, na verdade, mulheres treinadas, e nenhuma menção foi feita sobre o trabalho delas no projeto *ENIAC*, encerrado em 1955. É no mínimo curioso que Eckert e Mauchly, embora não tenham convidado as ‘garotas’ do *ENIAC* para o jantar comemorativo, contrataram duas ‘computadoras’ do projeto. Jean Jennings, que se tornou Jean Bartik e Betty Snyder, que passara a ser Betty Holberton, depois de casadas, juntaram-se a lendária Grace Hopper, inventora do compilador[8], na Eckert-Machly Computer Corporation. Holberton, que ajudou a desenvolver diversas linguagens de programação, foi responsável por escrever a primeira rotina de software que revolucionou a forma como o mundo percebia e utilizava os computadores. Ela desenvolveu uma aplicação para o U.S. Census Bureal[9], para rodar no *UNIVAC* I, o primeiro computador com fins comerciais dos Estados Unidos (FERREIRA, 2007; ISAACSON, 2014).

[8] Um compilador é um programa que traduz inteiramente as instruções de um programa escrito em linguagem idiomática para a linguagem de máquina, antes que seja executado pelo computador (Ramalho, 1990).
[9] Agência responsável pelo censo norte-americano.

2.2 COMPUTADOR: O HOMEM DO ANO

> E as voltas que as sagas dão, o que percebo e me afogo em vão, tem outra cor, outra versão, a velha estrada em labirinto, mas, conhecida repetição (Graciela Boschetti).

Quando a informática começou a se ampliar para além do meio universitário e centros de pesquisa, o uso civil dos computadores se restringia apenas às grandes organizações (RAPKIEWICZ, 1998). Ao passo em que os investimentos na melhoria do desempenho do setor de TI fizeram com que os problemas de *hardware* deixassem de ser tão relevantes, e 'o' *software* fosse redefinido como a grande aposta do futuro, tornou-se clara a necessária implicação dos conhecimentos de Lógica, Matemática e circuitos eletrônicos à tarefa da programação, que passou a ser classificada como criativa e a pertencer aos grupos de ofício (FERREIRA, 2007).

Com o avanço tecnológico, as mudanças na organização do trabalho de informática, coerente com a lógica de acumulação vigente, trouxe a sistematização técnica do software para marcar a ruptura de seu processo de produção artesanal, por meio da adoção dos princípios de administração científica do paradigma taylorista na informática. Em síntese, o trabalho de concepção e execução do trabalho na produção do *software* foi separado por um processo de fragmentação das tarefas criando ocupações bem definidas. O trabalho de desenvolvimento, manutenção e produção da informática das organizações era realizado nos centros de processamento de dados (CPD), que respondiam diretamente ao alto escalão das empresas (RAPKIEWICZ, 1998).

Do mesmo modo, o clima de indiferença ou até mesmo de hostilidade por parte dos profissionais dos outros setores, somava-se ao pequeno ou até mesmo ausente esforço dos informatas para identificar-se com as organizações em que trabalhavam. O isolamento que foi acentuado pela dependência que as empresas tinham dos sistemas de informação acabou criando uma cultura mítica sobre "uma tecnologia intangível para o grande público, alimentada por uma casta de profissionais que atuavam de forma quase dissociada do resto das empresas e organizações" (RAPKIEWICZ, 1998, p. 47).

Os centros universitários marcaram importância no avanço da computação, vinculada ao setor de pesquisa científica e tecnológica no mundo.

No Brasil não foi diferente. As instituições universitárias tiveram a frente do desenvolvimento de tecnologia nacional e na formação de quadros competentes na área, a exemplo da PUC-Rio e UNICAMP. A PUC-Rio foi a pioneira quando criou o primeiro Departamento de Informática do país com o primeiro computador de grande porte da América Latina em 1960. Em seguida, o primeiro congresso nacional de informática aconteceu em 1968, mesmo ano em que a UNICAMP criou o Bacharelado em Ciência da Computação, primeiro curso de nível superior para o setor informático do país. Dez anos depois, foi criada a Sociedade Brasileira da Computação (SBC), primeira instituição dedicada ao fomento e desenvolvimento de pesquisas científicas na área da computação, responsável pelo principal congresso científico da área, mantendo-se, desde então, como referência em P&D [10]do setor no país (CASTRO, 2013).

No Brasil, a universidade contribuiu marcadamente para essa profissionalização, formando, por meio das disciplinas acadêmicas, os principais quadros de alto escalão da indústria do setor de informática (CASTRO, 2013). Com efeito, a disciplina Análise de Sistemas emergiu e com ela nasceu a ocupação homônima que, para além de um novo título de ocupação, simbolizou uma importante mudança na identidade da cultura profissional na etapa de desenvolvimento do software (RAPKIEWICZ, 1998).

Um novo perfil profissional ideal foi configurado para a programação, passando a associar as habilidades e comportamentos necessários à ocupação à masculinidade. Ao mesmo tempo, o prestígio e o status social dos programadores foi remodulado, conferindo-lhes a importância que uma nova profissão teria (FERREIRA, 2007). Para os historiadores do campo da TI, a criação desse novo perfil está atrelada ao processo de profissionalização que estava em curso, com o objetivo de elevar o status social do campo. Isso, na prática, significava a criação de programas acadêmicos formais em Ciência da Computação, revistas científicas e associações profissionais, além de programas de certificação profissional (CAMPBELL-KELLER et al, 2014).

De tal sorte que a profissionalização determinaria quem era qualificado para as ocupações da área. A imagem ‘ideal’ dos programadores de computador como altamente inteligentes, socialmente inaptos e do sexo masculino foi se

[10] Sigla utilizada para se referir a processos de Pesquisa e Desenvolvimento.

construindo a partir do uso generalizado de testes de aptidão e inventários de personalidade. Além disso, especialistas em informática indicam que a profissionalização do setor favoreceu a percepção dos programadores como potenciais gerentes, exigindo uma divisão e estrutura hierárquica de trabalho que forçava a segregação das mulheres nas ocupações da base dessa estrutura, já que elas não eram consideradas qualificadas para papeis de liderança (CAMPBELL-KELLER et al, 2014; ENSMENGER, 2010; McGEE, 2018).

Em vista disso, a estratégia de desenvolvimento profissional da TI acabou "por torná-la uma das profissões mais estereotipicamente masculinas, inóspita para a maioria das mulheres"[11] (ENSMENGER, 2010, s. p., tradução nossa). Pouco a pouco apartadas da área de desenvolvimento de software, elas passaram a compor a base da estrutura dos empregos da área de informática, nas funções operacionais do sistema, notadamente nos serviços considerados periféricos, como a digitação (FERREIRA, 2007; RAPKIEWICZ, 1998). A tarefa de entrada de dados exigia habilidade no teclado consonante ao trabalho feminino de escritório onde 'os dedos ágeis' das mulheres eram tidos como uma habilidade natural feminina, assim como na programação na fase artesanal da informática, ora masculinizada, (ELSON; PEARSON, 1988).

Para Castro (2016), à medida em que a área da Tecnologia da Informação foi se tornando central para a dinâmica da economia, as mulheres foram se distanciando das ocupações chave do setor, como a programação, que adquiriu novo perfil profissional, agora masculino, e um novo *status* social. Ferreira (2007) questiona se esse referido processo de masculinização da programação em informática não teria alcançado, simbolicamente, seu auge em 1982, ano em que a revista *Time Magazine* elegeu o 'Computador' como o 'Homem do Ano'.

O surgimento da microinformática se caracterizou não só pelo uso generalizado de computadores pessoais, mas, também, pelo amplo conjunto de produtos inteligentes, de automóveis a fornos de micro-ondas, de robôs industriais a equipamentos de diagnóstico sanguíneo (PRESSMAN, 1995). Com efeito, o microprocessador, inventado em 1971 por Ted Hoff, engenheiro da Intel, funcionou como catalisador do crescimento da indústria de *software*, ampliando o seu uso pessoal e profissional para todos os setores de atividade. Isso

[11] make it one of the most stereotypically male professions, inhospitable to most women.

promoveu um avanço gigantesco na difusão da microeletrônica e com ela o ‘desmantelamento’ da casta criada pelos informatas e seus ‘aquários’, onde se concentravam os computadores de grande porte, inatingíveis para o grande público (CASTELLS, 2011; RAPKIEWICZ, 1998).

Nessa fase, a informática ensaiou um caminho para ampliar a presença feminina nos postos de trabalhado socialmente valorizados do setor, quando ocorreram narrativas otimistas sobre mudanças na natureza de papeis qualificados na TI, previstas para aumentar as oportunidades das mulheres no setor (GLOVER; GUERRIER, 2010). Tanto que, no Brasil do final da década de 1970, embora a evolução tecnológica tenha se expandido somente na década de 1990, as mulheres eram maioria entre os estudantes do curso de Ciência da Computação da Unicamp (CASTRO, 2016).

Entretanto, a era da microinformática também se caracterizou por transformar o artefato tecnológico computador de bem de capital em bem de consumo. E para além dos aspectos técnicos, questões de ordem política e econômica, como a constituição do *software* como setor econômico independente da indústria do hardware, a popularização do acesso ao microcomputador seguidos da internet, também significaram a acentuação da descaracterização da estrutura de emprego do setor de TI da era dos computadores de grande porte, a partir das transformações da atuação da tecnologia sobre as organizações, dos fenômenos da flexibilização dos contratos de trabalho do setor, da globalização e internacionalização do setor terciário (RAPKIEWICZ, 1998), mantendo, principalmente as mulheres nos empregos da base da hierarquia organizacional do setor, ainda criando empregos precarizados (HIRATA; LE DOARÉ, 1999).

Ao contrário do que se preconizava nas décadas de 1980 e 1990, a baixa participação das mulheres na Tecnologia da Informação não somente permaneceu com poucas alterações, como também se tornou um problema mundialmente persistente. A propagação dos microcomputadores, seguida dos avanços da optoeletrônica, ampliaram multidimensionalmente o uso da tecnologia em praticamente todas as atividades econômicas, afetando de maneira ostensiva o trabalho no setor de TI, assim como a estrutura das suas ocupações (GLOVER; GUERRIER, 2010).

Dessa forma, com a necessidade de apreensão do conhecimento contextual dos clientes, o novo modelo de atividade de trabalho pós-burocrático do setor exige a atuação de equipes com múltiplas funções e múltiplas habilidades para atender às demandas dos negócios das organizações, criando outros mecanismos de diferenciação das ocupações do setor, que passou a exigir profissionais com capacidade técnica e de relacionamento, notadamente, perícias relativas à comunicação e mediação. Por exigir uma mistura de tecnicidade e habilidades sociais e de comunicação, o trabalho na TI na nova economia da informação é denominado híbrido pela literatura acadêmica (GLOVER; GUERRIER, 2010).

Para Kelan, na nova economia da informação não basta ser flexível e ter competências sociais. É preciso ser *tech-savvy* [12], para apropriar-se das tecnologias e ser capaz de produzir conhecimento a partir delas. Com efeito, "ainda que muitas das novas habilidades exigidas na nova economia possam ser associadas ao feminino, ser *tech-savvy* não parece ser uma delas"[13] (KELAN, 2009, p. 4, tradução nossa), o que representa um obstáculo cultural às mulheres no trabalho da TI. Essa questão também é marcada pelo significativo o modo como a masculinidade é construída no meio de trabalho do setor. Se, por um lado, normas tradicionalmente masculinas são operadas, a exemplo de prioridade do trabalho em detrimento aos compromissos não trabalhistas como os da família, ênfase do domínio técnico e longas horas de atividade, por outro, o considerável crescimento do foco do setor de TI no universo do cliente, as *soft skills*[14] associadas ao universo feminino, tais como, empatia e cuidados com a aparência física, são cada vez mais requisitadas, tanto em mulheres quanto em homens (GUERRIER et, al, 2009; KELAN, 2009).

Entretanto, enquanto os homens são recompensados ao apresentarem habilidades associadas ao universo feminino, o mesmo não acontece com as mulheres que apresentam habilidades associadas ao universo masculino. Ao contrário, para que a competência técnica delas seja percebida, para ter sucesso

---

[12] A expressão da língua inglesa tech-savvy quer dizer competente em tecnologia de ponta, ou seja, o que está na vanguarda da tecnologia. A escolha por manter o termo *tech-savvy* se deu pela potência de significado, sem tradução do adjetivo em português.

[13]original: Although many of the new skills required in the new economy may be gendered feminine, being tech-savvy does not seem to be one of them.

[14] Habilidades sociais e comportamentais inatas ou aperfeiçoadas, relacionadas à comunicação e que não são ensinadas na escola (MARTINS, 2017; CASTRO 2016).

no mundo da TI, elas devem estar preparadas e se sentirem à vontade em uma função que contraria o que no *meanstream* significa ser mulher (GUERRIER et, al, 2009).

A pesquisadora Elisabeth Kelan utiliza a expressão '*do gender*' para expressar que as mulheres precisam 'emular' um comportamento diferente dos padrões de feminilidade para serem percebidas como competentes, já que a tecnologia é percebida como masculina (KELAN, 2007). Com efeito, o foco em funções consideradas híbridas parece ser uma maneira que as mulheres encontraram para trabalhar em um meio dominado pelos homens, sem comprometer a feminilidade, embora essa escolha possa significar a opção por um status secundário dentro da TI (GUERRIER et al, 2010; KELAN, 2007).

A pesquisa de Castro (2018) traça os mesmos contornos para o trabalho de TI no Brasil, revelando que suas entrevistadas relataram terem sido 'retiradas' das ocupações de programação, consideradas técnicas ou *hard* e 'empurradas' para os cargos de análise e gestão, consideradas *soft*. Algumas delas evidenciaram, em entrevista, o fato de serem heterossexuais, embora trabalhassem no setor. Tal menção pode ser considerada um indício da desassociação da tecnologia com o que se espera ser a feminilidade.

Para Castro (2018), os estereótipos que associam a cultura *geek* (*nerd*) a funções técnicas como a programação e afastam mulheres dessas ocupações, operam em um curioso movimento de colocação delas em postos de chefia no setor de TI. No entanto, o modo como algumas funções são distintamente percebidas como técnicas ou como de alta qualificação é associado ao gênero de quem as desempenha, o que indica – pelo menos no contexto da TI - que as estratégias de valorização do trabalho das mulheres, utilizadas pelas trabalhadoras de Castro, não rompem com os estereótipos socialmente construídos, ao contrário.

Em um setor com baixíssima participação de mulheres, no qual funções-chave exigem características socialmente percebidas como femininas, as funções são divididas e (re)categorizadas à medida em que as características que compõem a descrição do cargo são classificadas como naturalmente femininas. Ao passo que, quando uma função dessas é desempenhada por homens, eles tendem a buscar qualificação formal, o que acaba por gerar competências que são percebidas como sendo 'técnicas', sendo formalmente

valorizadas. Enquanto as diferenças salariais entre homens e mulheres no setor, que em alguns cargos de gestão classificados como *soft* variam muito pouco entre os sexos, nos cargos de atividades *hard* da área de gestão a desigualdade avança e se aproxima da operada na média nacional geral das ocupações[15] (CASTRO, 2018).

Uma das constatações de Kelan (2009), quando pesquisou empresas na Suíça, foi que a percepção sobre o perfil ideal do trabalhador da TI é de um homem operando características femininas, no universo da tecnologia. Isso porque, segundo a pesquisadora, no contexto da TI, as habilidades sociais não são construídas como sendo femininas, mas são como "uma expressão do que o trabalhador ideal faz" [16](KELAN, 2009, p. 103, tradução nossa). De modo que as perícias requeridas para desempenhar as tarefas na TI são convenientemente neutralizadas em relação ao sexo, e aos estereótipos de gênero historicamente construídos, justificando o universo masculino predominante no setor (KELAN, 2009). Castro, que utilizou a metodologia desenvolvida por Kelan, menciona constatações semelhantes às da pesquisadora da TI na Suíça, nas análises das trajetórias dos profissionais de TI no Brasil (CASTRO, 2013; 2016; 2018).

Essa sub-representação das mulheres no campo da TI, bem como o seu direcionamento para a realização de determinadas tarefas em função de uma suposta vocação para tarefas consideradas *soft*, revela a mesma lógica operada pela divisão sexual do trabalho em outras áreas do conhecimento, sobretudo as das ciências consideradas duras. De tal sorte que, no Brasil, somente 15% dos estudantes matriculados nos cursos da área de Tecnologia da Informação nas universidades brasileiras são mulheres, o que demonstra que trajetórias discentes e, consequentemente profissionais, diferenciam-se entre os sexos, embora a universidade admita, indiscriminadamente, homens e mulheres (LIMA, 2013; SBC, 2014).

---

[15] Diferenças salariais entre os sexos: Nos cargos soft: variam de 0 a 7% e nos cargos hard: de 16 a 28%. A diferença rendimento entre os sexos no Brasil é de 25% (CASTRO, 2018; IBGE, 2018).

[16] Original: "an expression of what the ideal worker does."

2.3 FEMINISMOS E FEMINISMO MATERIALISTA

> Somos mulheres, e este não é um predicado entre outros, é nossa definição social. Não é o começo de um processo (um 'ponto de partida', como nós acreditamos), é o fim, é o desfecho (Colette Guillaumin).

Os feminismos objetivam a construção de pautas que visam contribuir para "a compreensão crítica da subordinação histórica e das desigualdades que marcam a vida das mulheres" (CISNE, 2015, s.p.), a fim de superá-las. O termo 'feminismos' nos conduz à história do feminismo, que, "como movimento e pensamento crítico é formado de uma grande pluralidade de práticas, de lutas, de articulações e não menos de perspectivas teóricas (AVILA, 2005, p. 181). Sendo assim, essa multiplicidade de organizações de luta e posições teóricas em prol da emancipação das mulheres no mundo faz com que não seja possível nos referirmos ao feminismo no singular (SAFFIOTI, 1986).

As epistemologias feministas, daí derivadas, surgiram como parte da segunda onda do movimento feminista[17], fenômeno social ocorrido a partir do final da década de 1960. Os estudos feministas se constituíram a partir da filosofia feminista com a crítica à ética aplicada e à filosofia social e política da dominação masculina. Em seguida, várias pesquisadoras, organizadas em distintos campos do conhecimento, iniciaram produções teóricas que criticavam a invisibilidade das mulheres como protagonistas na história e denunciavam a não neutralidade e androcentrismo da ciência, e o patriarcalismo social. Além disso, ofereceram novas proposições metodológicas e epistemológicas nos seus respectivos domínios (DUSEK, 2009; LONGINO, 2012).

Embora de indubitável relevância, a segunda onda do movimento feminista é marcada na história, principalmente, pela luta das mulheres brancas, subsumindo ou invisibilizando as experiências das mulheres negras, cuja herança sócio-histórica, é marcada pela violência e escravização. Por esta pesquisa estar situada abaixo da linha do equador, onde a maioria das mulheres não são brancas, consideramos importante apresentar brevemente a

---

[17] A primeira onda do movimento feminista, conhecida como movimento sufragista, ocorreu no final do século XVII e se estendeu até as primeiras décadas do século XX, constituído por correntes políticas plurais (liberal, anarquista, socialista e conservadora cristã). Para aprofundamento do assunto, ver Bittencour (2015).

perspectiva do feminismo negro antes de discorrermos sobre a gênese da abordagem teórica do feminismo que ancora esta pesquisa.

Precisamos evidenciar que os feminismos e sua pluralidade de perspectivas apresentam contradições, notadamente, as relativas a ausência dos diferentes tipos de experiência entre os grupos de mulheres brancas e não brancas. Embora, as mulheres negras norte-americanas tenham produzido trabalhos inovadores na década de 1970, somente nas décadas seguintes (1980 e 1990) as feministas afro-americanas desenvolveram uma 'voz', e trouxeram um ponto de vista coletivo e autodefinido sobre a feminilidade negra para a cena política e epistemológica, conquistando uma visibilidade impensável em relação ao passado (HILLS, 2019).

O *Black feminism* - a expressão que se refere ao pensamento e movimento feministas afro-americano - construiu suas lutas e bases epistemológicas, frente à sociedade racista anglo-saxã, representando uma verdadeira revolução política e teórica para o conjunto dos feminismos, sobretudo norte-americanos (DORLIN, 2019). Segundo hooks (2017), as mulheres negras interessadas em desenvolver teorias e estudos acadêmicos feministas focaram a atenção em grupos progressistas, compostos inclusive por mulheres brancas dispostas a abordar a problemática da vida negra de um ponto de vista feminista.

> Significativamente, à medida que o movimento feminista progrediu, as mulheres negras e de cor que ousaram uma revolução nos estudos acadêmicos feministas. Muitas brancas que de início haviam resistido a repensar o modo como a que as acadêmicas feministas falavam sobre a condição da mulher passaram a aceitar as críticas e a criar uma atmosfera crítica em que pudéssemos falar sobre os gêneros de maneira mais complexa e onde pudéssemos reconhecer as diferenças de condição feminina sobredeterminadas pela raça e pela classe social (hooks, 2017, p. 166).

Em 2017, a socióloga feminista Ângela Davis esteve no Brasil e durante a comemoração do Dia da Mulher Negra latino-americana e caribenha, no dia 25 de julho desse ano, proferiu uma conferência em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, quando alertou para uma série de violências perpetradas às mulheres negras e latinas, apresentando fenômenos correlatos de reprodução dessas violências, expondo as diversas formas operadas pelo racismo, como a

violência policial, o encarceramento da população negra e a violência contra a mulher.

> No Brasil, agora que o mito da democracia racial foi totalmente exposto, a pergunta que se apresenta é se o movimento de resistência das mulheres negras pode ser apropriado. Afirmamos que, na medida em que nos levantamos contra o racismo, nós não reivindicamos ser inclusas numa sociedade racista. Se dizemos não ao hetero-patriarcado, nós não desejamos ser incluídas em uma sociedade que é profundamente misógina e hetero-patriarcal. Se dizemos não à pobreza, nós não queremos ser inseridas dentro de uma estrutura capitalista que valoriza mais o lucro que seres humanos (DAVIS, 2017).

Enfatizando a ligação das lutas das mulheres negras com as lutas de todas as pessoas oprimidas, Davis (2017) afirmou que o movimento social liderado pelas mulheres negras é o mais importante do Brasil, representando o futuro do planeta. Do mesmo modo, Arantes (2018) atribui ao patriarcado e ao capitalismo o racismo presente nos territórios materiais e simbólicos articuladores da pluralidade das mulheres que habitam o espaço-tempo chamado América, marcada pelo colonialismo.

Por outro lado, a referida autora adverte, afirmando que esses elementos estruturadores dos modos de produção e reprodução do viver no presente também são os modos “que se convertem em resistências, já que as fronteiras desse lugares de opressão também são habitadas pelo desejo de liberdade e são depositárias das utopias que tecem, já agora, o futuro das que resistem e estão subjugadas” (ARANTES, 2018, p. 51).

Imbuídos na luta contra o colonialismo capitalista, racista e patriarcalista, os feminismos negros e latino-americano, reivindicam uma revisão conceitual metodológica, tanto do ponto de vista teórico quanto político. E embora se apresentem como uma proposta parcial e situada na história, já experimentam no cotidiano, processos de descolonização do ser, do saber e do poder (ARANTES, 2018).

Reconhecer os privilégios herdados e questionar suas bases universalistas se impõem como posturas imprescindíveis para descolonizar o feminismo, a fim de construir alianças hibridas para empreendermos toda potência de um movimento feminista que considere toda sua diversidade, frente à dramática incidência do capitalismo neoliberal sobre as mulheres (CELIBERTI, 2014).

Entre tantas perspectivas, encontra-se o feminismo materialista, definido como um conjunto de reflexões e práticas sobre as relações de poder, opressão e exploração das mulheres pelos homens (HIRATA, 2018a). A referida abordagem também pode ser considerada plural nas suas diversas experiências e análises que se conectam por distintas expressões de pensamento, o que nos leva também a caracterizá-la como feminismos materialistas (ÁVILA, 2005). Dessa forma, por compor um conjunto teórico-político-metodológico diverso, adotamos como principal referência teórica neste estudo "a corrente que se reivindica como 'Feminismo Materialista' francófono" (ÁVILA, 2005, p. 182).

A referida corrente se desenvolveu na França a partir da década de 1970, no seio da segunda onda do movimento feminista, em torno de núcleos compostos por mulheres, militantes e pesquisadoras, que se apoiavam mutuamente, e cujas análises contribuíram vigorosamente para a expansão do debate feminista (CURIEL; FALQUET, 2014; FALQUET, 2017).

O epíteto 'feminismo materialista', cunhado por Christine Delphy no contexto francês, tomou emprestado conceitos basilares e categorias do marxismo, e os reformulou para dar conta de analisar a opressão e a exploração das mulheres no patriarcado (ABREU, 2018).

Embora utilize ferramentas que consideram uma perspectiva histórica de onde as condições materiais são herdadas, a corrente materialista "foi constituída como uma crítica (construtiva) às perspectivas marxistas" (FALQUET, 2017, p. 243). A principal diferença entre as correntes marxista e materialista está na forma com a qual a perspectiva marxista 'ortodoxa' constrói suas reflexões. Conforme sinaliza Abreu,

> A ideia de uma 'análise materialista' tem como principal foco a crítica a uma certa forma de se conceber a opressão feminina predominante nos meios de esquerda. Contrapondo-se a uma subsunção total dessa forma de opressão nas relações de classe, diversas autoras propõem partir de uma base material para explicar a opressão, sem, contudo, identificar essa base com as relações de classe (ABREU, 2018, p. 13).

Resumidamente, o feminismo marxista hierarquiza as relações de classe em detrimento das relações de sexo e de raça em suas análises (CURIEL; FALQUET, 2014; FALQUET, 2017). As teorias do feminismo de base materialista sustentam que a opressão e a exploração da humanidade são derivadas das

relações sociais, relações de produção, hierárquicas e antagônicas, relações de dominação (KERGOAT, 2009). A relação social nasce de uma tensão que atravessa o campo social, se cristaliza em forma de desafios [*enjeux*], produzindo "certos fenômenos sociais e, em torno do que neles está em jogo, constituem-se grupos de interesses antagônicos" (KERGOAT, 2009, p. 71).

As relações sociais não podem ser objeto de observação direta, ou aferição, sendo possível abordá-las somente a partir dos tais desafios ou questões que estão em jogo, presentes nas práticas sociais dos grupos estudados. Na perspectiva materialista, portanto, "aquilo que os seres humanos são coincide com o que eles produzem e com a maneira na qual eles produzem" (KERGOAT, 2018, p.185).

A partir desse pressuposto, os grupos de mulheres e de homens formam uma relação social específica, fundamentada em uma hierarquia de poder dos homens sobre as mulheres: a relação social entre os sexos (KERGOAT, 2009; 2018). Em outras palavras, as condições nas quais as mulheres e os homens são definidos, "não possuem nenhuma essência específica" (CURIEL; FALQUET, 2014, P. 15), não são resultado das diferenças biológicas e anatômicas. Mas, por uma relação hierárquica, material, concreta e histórica, entre as classes socialmente sexuadas, dialeticamente produzidas umas pelas outras (FALQUET, 2017), onde "entrecruzam-se exploração, dominação e opressão" (KERGOAT, 2010, p. 99).

Precisamos trazer um importante esclarecimento sobre as diferentes definições do termo 'relações sociais'. Em francês existem dois vocábulos (*relation* e *rapport*) que as distinguem. A expressão *relations sociales* se refere à perspectiva micro, relações interpessoais, enquanto *rapport sociales* remete às relações estruturais, na perspectiva macro, relações entre grupos sociais. Então, neste estudo, para efeito de diferenciação, trataremos a perspectiva micro (*relations sociales*) com a expressão 'relações intersubjetivas', mantendo a expressão 'relações sociais' (*rapport sociales*) para se referir à ótica macro, às relações estruturais, antagônicas e assimétricas entre grupos sociais.

A originalidade teórica e a coerência interna de pensamento das feministas de tendência 'radical'[18] do movimento francês fizeram com que elas

[18] Segundo Curiel e Falquet (2014), nos anos 1970 havia outras duas tendências: 'Psyképo, que se concentrava em reflexões psicoanalíticas e literárias, derivando posições francamente essencialistas; e

conseguissem em poucos anos “desenvolver um conjunto teórico especialmente denso e convergente que permitia, pela primeira vez, dar conta da opressão das mulheres como *classe social*” (CURIEL; FALQUET, 2014, p. 10). Entre muitas importantes pesquisas, destacamos os estudos de Christine Delphy, Colette Guillaumin, Nicole-Claude Mathieu, Paola Tabet, Monique Witting, Danièle Kergoat, Helena Hirata, Dominique Foygerollas e Michele Ferrant (FALQUET; 2017; 2019; KERGOAT, 2018).

Fundado na dialética ‘dominação-emancipação’, o pensamento materialista do feminismo francófono procura compreender as relações sociais objetivando superá-las. Levando em consideração suas práticas, frequentemente ambíguas e ambivalentes, recusa-se a pensá-las como categorias e ideias fixas. Com isso, prepondera-se sobretudo, o sujeito político – e não a vítima de múltiplas dominações – recolocado no centro da análise. Com efeito, a análise na perspectiva das relações sociais de sexo configura-se, portanto, em “um esforço para pensar [..] tanto a pluralidade dos regimes de poder, como a alquimia que transforma, em mais ou menos longo prazo, essa dominação interiorizada em práticas de resistência” (KERGOAT, 2010, p. 103).

Na visão de Danièle Kergoat, na construção epistemológica do feminismo materialista predominam dois momentos: o primeiro pode ser demarcado a partir dos estudos de Delphy e Guillaumin sobre o trabalho doméstico explorado e o conceito de apropriação, postulando as relações sociais de sexo como relações de produção em si mesmas e irredutíveis ao capitalismo. E o segundo momento, sob o qual esta pesquisa se ancora, refere-se à “divisão sexual do trabalho, sua transversalidade e a imbricação das diferentes relações de opressão e exploração” (KERGOAT, 2018, p. 182).

De acordo com Abreu (2018), o feminismo materialista mostrou, em um primeiro momento, que as assimetrias sociais não poderiam ser reduzidas ao antagonismo capital-trabalho, colocando o trabalho doméstico - e não a biologia ou as funções reprodutivas da mulher - como fundamento da opressão feminina, que representava um recurso para a análise não naturalista dessa opressão, ou a gênese da opressão.

‘lutas de classe’, mais popular e sindical, ligada a partidos de esquerda. Essa última se aproximou bastante da tendência ‘radical’.

Os trabalhos de Christine Delphy e Colette Guillaumin inauguraram a posição teórica original das mulheres como classe social. O artigo-manifesto de 1970 '*L'Ennemi Principal*', uma das primeiras publicações feministas escrita por Christine Delphy, foi assinado com o pseudônimo Christine Dupont. Nessa época, era usual as feministas usarem apenas o primeiro nome verdadeiro e um sobrenome genérico muito comum – como o caso de Dupont na França – para evidenciar mais a teoria que era elaborada coletivamente a partir da prática militante, e evitar a personalização e a fama das que escreviam (CURIEL; FALQUET, 2014).

Não obstante a ênfase econômica, a análise de Delphy desnudou o patriarcado e o seu modo de funcionamento perverso. Segundo a referida autora, o texto tentava "fornecer ao movimento o que ele precisa crucialmente agora: as bases para uma análise materialista da opressão às mulheres" (DELPHY, 2015, p.101). Por meio do trabalho doméstico e da criação dos filhos, analisado como tarefa produtiva, Delphy centra "a análise da opressão das mulheres na participação específica delas na produção (e não mais apenas na reprodução)" (DELPHY, 2015, p. 101).

Qualquer que fosse a posição ocupada na família - esposa, mãe, filha ou irmã – havia apropriação material da força de trabalho delas pelos homens (FOUGEYROLLAS-SCHEWEBEL, 2009). A coexistência das esferas produtivas e reprodutivas em uma mesma 'unidade de produção' familiar demonstrava que o trabalho doméstico da mulher poderia ser analisado como tarefa produtiva (DELPHY, 2015).

Delphy ainda menciona o surgimento de outros ensaios na época (1969-1970) em pontos geográficos diferentes - Canadá por Margareth Bentson e América Latina por Isabelle Larguia:

> eles constituem o embrião de uma análise feminista radical baseada nos princípios marxistas: ao rejeitar as pseudoteorias, que fazem da família antes de tudo um lugar de doutrinação ideológica dos 'futuros produtores', destinado a apoiar indiretamente apenas a exploração capitalista, e ignoram sua função econômica, mostram que na família se dá uma exploração econômica: a das mulheres. Após exporem que as tarefas domésticas e a criação dos filhos cabem exclusivamente às mulheres e que elas não são remuneradas, esses estudos concluem que as mulheres têm, por conseguinte, uma relação específica com a produção, comparável à servidão. Entretanto, não basta ficar nisso. É preciso ainda analisar as relações entre a natureza dos bens e serviços domésticos e o modo de produção desses bens e serviços, proceder a uma análise de classe das mulheres e, a partir dela, traçar as linhas

> gerais das perspectivas políticas do movimento, em termos de objetivos, mobilização e alianças políticas (DELPHY, 2015, p.101).

Os estudos de Collete Guillaumin expandiram a discussão feminista para além do trabalho doméstico. O artigo publicado em 1978 na segunda edição da revista *Questions Feministes* intitulado "*Pratique du pouvoir et idée de Nature (1) L'appropriation des femmes"* traz uma análise minuciosa das relações sociais de sexo das sociedades ocidentais, as quais incessantemente sugerem a objetificação e apropriação da mulher. "Da sabedoria popular à grosseria de bar, da teoria antropológica sofisticada aos sistemas jurídicos, não param de sugerir que somos apropriadas" (GUILLAUMIN, 2014, p. 30). Para Guillaumin, esse cenário deveria suscitar nas mulheres um olhar mais atento e vívido interesse, pois "para dar-se conta dele, basta escutar, sem se esquivar, o discurso banal e cotidiano que desvenda "*a natureza específica da opressão das mulheres*: a apropriação." (GUILLAUMIN, 2014, p. 30).

Nesse contexto, Guillaumin introduz o conceito de 'sexagem', que, nas palavras de Nicole-Claude Mathieu, refere-se à "relação social de classe que se deixa observar na apropriação do corpo, do trabalho e do tempo do conjunto das mulheres, em benefício pessoal e social dos homens em seu conjunto" (MATHIEU, 2014, p. 207). A construção do conceito partiu de uma combinação analógica das relações de apropriação física direta, ocorridas na escravização dos povos africanos nas Américas, e na servidão dos camponeses nas sociedades feudais europeias no passado recente da humanidade. "É a apropriação física em si, a relação na qual é a unidade material produtora de força de trabalho que é tomada em mãos, e não apenas a força de trabalho" (GUILLAUMIN, 2014, p. 30).

A análise de Guillaumin menciona duas características comuns entre a escravização (especificamente de *Plantations*), a servidão e a sexagem: o processo ideológico de naturalização das relações sociais, e sua diferença comum com o modo de produção capitalista. "Iniciando uma reflexão histórica e dinâmica sobre a imbricação das relações sociais" (FALQUET, 2013, p. 11), a teórica traz a ideia de que as categorias sexo e raça são selecionadas especificamente, entre tantas outras diferenças individuais, como elementos estruturantes da opressão e exploração na humanidade.

> O reconhecido parentesco entre racismo e sexismo repousa em primeira análise em analogias evidentes. O desprezo com que são consideradas as raças não-brancas e o sexo fêmea, a violência física que os ameaça constantemente e se exerce esporádica ou regularmente, a inferioridade social em que umas e outro são mantidos pela divisão do trabalho, a precariedade econômica que decorre disso, a segregação espacial e temporal que mantém a dominação na qual vivem são fatos (GUILLAUMIN, 1994, p. 228).

Conforme explicita Falquet (2017), o cotejo acionado por Guillaumin entre as condições de vida das mulheres, o racismo e a servidão trazem uma releitura para o conceito de ‘força de trabalho’. Embora as problemáticas da escravização e da servidão sejam problemáticas muito diversas das condições em que as mulheres vivem, a apropriação é, sem dúvida, o que elas têm em comum. Em outras palavras, diferentemente da situação do proletariado, as pessoas envolvidas nessas relações de apropriação não são donas de si mesmas, logo, não podem vender a força de trabalho que não as pertencem.

Conforme a teoria da sexagem, as mulheres são objetos apropriados individual e coletivamente, tendo não somente o trabalho, mas, também, o corpo e a vida tomados de maneira concreta e material, sustentada por uma ideologia naturalista de destino biológico. Legitimada pelas instituições patriarcais, a posse das mulheres, na qualidade de coisa, dá-se dentro de uma relação não avaliada temporal ou economicamente, na qual a disponibilidade física destina-se ao cuidado de outras individualidades físicas (GUILLAUMIN, 1978; 2014). A apropriação das mulheres na sua forma privada acontece, principalmente, pelo casamento e o formato de apropriação coletiva pode ser observado nas condições nas quais vivem prostitutas e religiosas (CURIEL; FALQUET, 2014; FALQUET, 2017; MATHIEU, 2014).

O conceito de apropriação de Guillaumin possibilita pensarmos as diversas relações sociais de maneira histórica, dialética e não naturalista. Desvendando o que ela descreve como ‘taxonomias humanas’ (GUILLAUMIN, 1994), o sistema “de marcação física arbitrário que cria indivíduos e grupos” (FALQUET, 2019, p. 129), fundamenta-se numa suposta naturalização das diferenças. A tese guillaumiana pressupõe que, além de demarcar um lugar social (para mulheres e pessoas consideradas não-brancas), tais marcações são utilizadas para legitimar a dominação de grupos sociais que, materialmente, apropriam-se de outros grupos sociais e os exploram, e não o contrário.

> Racismo e sexismo são, portanto, formas particulares de relações sociais que repousam no controle e na posse física de grupos de indivíduos dessa forma promovidos à dignidade de grupos sociais. De alguns, conhecemos o processo histórico que os constituiu como tais (as ditas "raças"), e de outros (o "sexo" e as mesmas "raças") conhecemos o desenrolar contemporâneo desse processo e seus avatares mais recentes, processos que fazem do corpo dos indivíduos o lugar e ao mesmo tempo o indelével emblema de sua situação social. [..] As consequências práticas e teóricas disso são imensas (GUILLAUMIN, 1994, p.230).

A discussão é acrescida às teorias de Monique Wittig que analisa a heterossexualidade como um sistema político e como um dispositivo ideológico muito eficaz, o qual denominou 'pensamento *straight'* [19]. Segundo Wittig, "heterossexualidade e lesbianidade não são simples práticas sexuais privadas, ligadas ao desejo sexual [..], mas sim decisões políticas que permitem, ou não, sair das relações de apropriação e escapar da sua classe" (CURIEL; FALQUET, 2014, p.19). Nesse sentido, a heterossexualidade obrigatória da família patriarcal seria um elemento de opressão das mulheres, a partir da recusa de uma interpretação psicanalítica totalitária, que, segundo a teórica, nega às mulheres lésbicas a possibilidade de criar as próprias categorias analíticas (WITTING, 1999).

O artigo intitulado '*La pensée straight'* publicado em 1980 na revista *Questions Féministes*, introduz pela primeira vez o conceito que intitula o artigo. No texto, a teórica argumenta que os discursos abstratos 'científicos' dos grupos dominantes produzem violência material concreta nos oprimidos, numa sociedade onde a heterossexualidade não só comanda as relações humanas como também a própria produção dos conceitos sobre elas (WITTING, 1999).

Em meados da década de 1970, utilizando os aportes teóricos antinaturalistas feministas, uma série de autoras do campo das Ciências Sociais da França desenvolveram reflexões sobre o trabalho, "questionando a figura arquetípica do trabalhador masculino" (ABREU, 2016, p. 261). Tais reflexões criticavam as análises precedentes, considerando-as excessivamente centralizadas na família e desarticuladas da conjunção patriarcado, capitalismo, sexo e classe social. Danièle Kergoat, Helena Hirata, Dominique Foygerollas, Anne-Marie Devreux, Michele Ferrant, entre outras teóricas, compartilharam

[19] Segundo Falquet (2017), Monique Wittig não traduziu o termo 'straight' em 'heterossexual' para qualificá-lo mais amplamente como um conceito. O 'pensamento straight' vai além de simples 'pensamento heterossexual', mas, refere-se a ideologia das diferenças sexuais.

seus estudos, centrados na dimensão sexuada do trabalho, em uma série de seminários, congressos e grupos de trabalho na época. Assim emergiu uma nova abordagem acerca das relações sociais de sexo, propondo, a partir de novos instrumentos analíticos e conceituais, repensar o mundo do trabalho, rompendo com suas dicotomias - produção-reprodução; trabalho-família (ABREU, 2016).

A teoria da divisão sexual do trabalho, tratada como *démarche*, pela socióloga brasileira Elisabeth Souza-Lobo (1991), permite desenhar a estrutura da organização do trabalho no mundo, do ponto de vista das relações sociais de sexo, suas imbricações, e ir além. O pressuposto materialista dessa conceituação não só procura compreender os mecanismos da dominação, mas, tem, como horizonte, a emancipação (GALERAND; KERGOAT, 2018; KERGOAT, 2018). Conforme explicita Kergoat, “a reflexão sobre as relações sociais de sexo é, ao mesmo tempo, anterior e posterior à reflexão em termos da divisão sexual do trabalho. É anterior quando preexiste como noção, mas posterior como problemática” (KERGOAT, 2018, p. 173).

O termo ‘divisão sexual do trabalho’ foi inicialmente utilizado por etnólogos na perspectiva da distribuição sociográfica das atividades de trabalho entre os sexos. Mas o sentido do termo tomou contornos mais amplos na França do início da década de 1970, sob o impulso da segunda onda do movimento feminista, para além de uma noção de complementaridade de tarefas entre os grupos sociais feminino e masculino, já que suas práticas sociais, desiguais, traduziam uma relação de poder dos homens sobre as mulheres (HIRATA; KERGOAT, 2007; KERGOAT, 2009).

O conceito de divisão sexual do trabalho, base material das relações sociais de sexo, encontra-se na intersecção da Antropologia, da Sociologia e da teoria feminista materialista (FALQUET, 2006). É um fenômeno que se caracteriza pela designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, ao mesmo tempo, pela captação pelos homens das funções de maior valor social agregado. Essa forma de divisão do trabalho social é organizada por dois princípios: “o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem ‘vale’ mais que um de mulher)” (KERGOAT, 2009, p. 67).

Kergoat (2016) o desenvolveu como uma ferramenta teórico-metodológica ao constatar a insuficiência de elementos de análise, considerados

neutros em relação ao gênero, tradicionalmente utilizados para pesquisar o trabalho das mulheres. Em outras palavras, ao subestimar as consequências da diferencial inserção de homens e mulheres na esfera doméstica, não compreendem a complexidade dos efeitos da conjuntura econômico-social quando se trata do trabalho feminino (HIRATA, 2002).

O projeto coletivo feminista, ancorado na ressignificação do termo divisão sexual do trabalho, tinha ambição maior que somente denunciar a desigualdade social entre os sexos, mas repensar a noção de trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2007). Com isso, foi possível conceber novos dispositivos teóricos que possibilitassem apreender a dimensão sexuada do trabalho como a principal questão em jogo nas relações sociais de sexo (ABREU, 2016; HIRATA; KERGOAT, 2007). Essa nova visão trazida primeiramente pelas antropólogas feministas, seguida da perspectiva de historiadoras e sociólogas, atribuiu à divisão sexual do trabalho o valor de um conceito analítico, mote do mecanismo que opera o sistema de gênero marcado pela desigualdade entre homens e mulheres na sociedade (KERGOAT, 2009).

Embora tenham também uma base ideológica legitimada por um discurso naturalista, as relações sociais de sexo são sustentadas, principalmente, por uma base material, que é o trabalho, e se exprimem por meio da divisão sexual do trabalho. Sobretudo, por operar formas peculiares de segregação, a teoria feminista materialista francófona toma o trabalho como central em suas análises, considerando as tensões em torno da 'partilha' do trabalho como principal questão em disputa entre grupos sociais de sexo, passíveis de observação nas relações sociais de sexo e suas assimetrias (KERGOAT, 2009; 2018).

No artigo Ouvriers = Ouvrières? Propositions pour une articulation théorique de deux variables: sexe et classe sociale[20] publicado em 1978, na revista *Critiques de L'economie Politiqu*e, Danièle Kergoat marca a elaboração de um novo paradigma para os estudos do trabalho (HIRATA, 2018). A partir da experiência no itinerário de pesquisa, Kergoat percebeu que as práticas do trabalho das mulheres, suas lutas e suas condições de trabalho produziam uma 'outra' classe trabalhadora, pois,

[20] Operários = operárias? Proposições para uma articulação teórica de duas variáveis: sexo e classe social.

> nem a categoria “trabalhadores”, nem a categoria “mulheres”, nem ainda a adição dessas categorias esgotava a realidade da situação de trabalho concreta das trabalhadoras, nem seus deslocamentos no mercado de trabalho, nem suas práticas de resistência. Nesse nível, havia, na luta, a criação de um sujeito político autônomo (KERGOAT, 2016, p.22).

Nesse sentido, revelar a dimensão sexuada do trabalho permitiu “demonstrar a existência de uma relação social específica entre os grupos de sexo e que esta relação repousa sobre bases materiais” (KERGOAT, 2018, p. 176). Colocar em conceito a divisão sexual do trabalho é assumir que existe uma relação social de antagonismo e conflito específica entre os homens e as mulheres, e não apenas condutas biologicamente reguladas (QUIRINO, 2015).

A ressignificação da divisão sexual do trabalho não só ampliou a noção de trabalho para além da produção de mais valia do capital, como, também, o colocou como questão central nas relações sociais entre os sexos (HIRATA, 2018). Com efeito, a nova perspectiva na qual o trabalho é compreendido como ‘produção do viver’ (HIRATA; ZARIFFIAN, 2009), passa, então, a incluir o trabalho doméstico e as particularidades do trabalho das mulheres, não mais como ‘exceções’ a um modelo supostamente geral, mas, sobretudo, compor indispensavelmente um novo *modelo geral* (HIRATA, 2002).

Historicamente adaptadas a cada sociedade, as modalidades da divisão do trabalho entre os sexos são extremamente instáveis e evoluem no tempo, concomitantemente às relações de produção (HIRATA, 2002, p. 234). Isso significa que as relações sociais de sexo, indissociáveis à divisão sexual do trabalho, “transversalisam todo o campo social” (HIRATA, 2018, p. 15), sendo imprescindível considerar sua imbricação e os seus efeitos conjugados às relações sociais de classe e de raça, para compreender a desvalorização do trabalho feminino, sobretudo na atual sociedade sexista, capitalista e racista (FALQUET, 2008).

As relações sociais são múltiplas e tecem, em conjunto, a estrutura da sociedade, dando o tom da sua dinâmica. Por isso, nenhuma delas, isoladamente, pode determinar a totalidade do campo que a estrutura (KERGOAT, 2009; 2018). Em razão dessa interpenetração e influência mútuas das relações sociais, é fundamental adotarmos uma abordagem consonante ao conceito de consubstancialidade, incluindo sua característica essencial: a coextensividade (KERGOAT, 2010).

A relação social de sexo é considerada um paradigma das relações de dominação, já que, de maneira singular, apresenta-se em todas as sociedades conhecidas; ademais é “estruturante para o conjunto do campo social e transversal à totalidade desse campo, o que não é o caso do conjunto das relações sociais” (KERGOAT, 2009, p.71). Entretanto, tais características não são suficientes se a elas não forem adicionadas à dimensão da interpenetração constante das outras relações sociais e vice-versa. Em outras palavras, as relações sociais são consubstanciais (KERGOAT, 2016).

A noção de consubstancialidade das relações sociais pode ser entendida como a imbricação dinâmica do conjunto das relações sociais de sexo, de classe e de ‘raça’ em um dado contexto social (KERGOAT, 2009; 2016; 2018). O termo remete à desconstrução das categorias de análise fixas e toma a configuração dada de relações sociais como uma unidade de substância entre três entidades distintas. Trata-se de “uma forma de leitura da realidade social” (KERGOAT, 2010, p.100) que procura enxergar o ‘nó’ formado no seio de uma individualidade ou de um grupo, a partir dos entrecruzamentos e interpenetrações das relações sociais, umas nas outras.

De acordo com Kergoat, não existem contradições principais e secundárias, por isso não pode haver hierarquia entre as relações sociais. Desse modo, pelo viés da consubstancialidade, “de acordo com a configuração dada de relações sociais, o gênero (ou a classe ou a raça) será – ou não será – unificador. Mas ele não é em si fonte de antagonismo ou solidariedade” (KERGOAT, 2010, p. 100).

Com efeito, a ideia de consubstancialidade é paradoxal, quando nos convida a pensar um movimento que conjuga, simultaneamente, o mesmo e o diferente:

> (1) as relações sociais, embora distintas, possuem propriedades comuns - donde o empréstimo do conceito marxista de relação social, com seu conteúdo dialético e materialista, para pensar o sexo e a raça; (2) as relações sociais, embora distintas, não podem ser entendidas separadamente, sob pena de reificá-las (GARLAND; KERGOAT, 2014, p.148).

Nesse contexto, o conceito de coextensividade é introduzido para dar conta do fato de as relações sociais se produzirem mutuamente. Ele remete a

essa ideia de dinamismo e reciprocidade das relações sociais que imprimem suas marcas umas nas outras de maneira complexa (KERGOAT, 2010).

A socióloga Heleieth Saffioti concebe a ideia da imbricação das relações de sexo, de classe e de ‘raça’ como eixos sociais estruturantes, contradições que, tomadas separadamente, apresentam características muito distintas daquelas observadas se concatenadas ao longo da história. Ela também utiliza a metáfora do ‘nó’ que confere “uma condensação, uma exacerbação, uma potenciação de contradições que como tal, merece e exige tratamento específico” (SAFFIOTI, 2004, p. 78).

As relações sociais de sexo e de ‘raça’ extrapolam o sistema capitalista. Ainda que tenham sido incorporadas por ele, nem surgiram ou se esgotam nele, o que significa que qualquer alteração no atual modelo de produção, apartada da perspectiva feminista, não garante a emancipação das mulheres (CISNE, 2015). A ideia de consubstancialidade nos convida a pensar as relações sociais como relações de força, de resistência e de luta, pois, ao estabelecer uma dialética dominação-emancipação, tem como horizonte a saída desses sistemas de dominação (KERGOAT, 2009; 2010; 2016; 2018).

2.4 ERGOLOGIA: O TRABALHO COMO LUGAR DE DEBATE

> Podemos pensar o desenvolvimento para os outros? Se desenvolver, é se trabalhar, quer dizer se escolher; as atividades industriosas são um lugar maior – e subestimado – onde se convocam os valores de vida através dos debates de norma (Yves Schwartz).

A origem da ergologia remonta ao Departamento de Filosofia da Universidade de Aix-Marselha, França, no final da década de 1970, e às transformações das atividades econômicas em curso na Europa, quando da crise dos modos de produção taylorista. Ocupada de um esforço para compreender as recentes mutações e o novo ritmo em que ocorriam as mudanças no trabalho, uma equipe multidisciplinar composta por profissionais da epistemologia e profissionais dos saberes práticos do trabalho, liderada pelo filósofo Yves Schwartz, iniciou a construção de um embrião do que viria ser o paradigma ergológico (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007; 2010; SCHWARTZ, 2013).

O ponto de partida para iniciar o estudo do trabalho nasceu da percepção de Schwartz (2010a) de uma discrepância entre o conteúdo ministrado nos processos formativos e sua aplicação na realidade concreta do mundo do trabalho. Em razão dessa defasagem, sobretudo na formação universitária, Schwartz e sua equipe se engajaram no desenvolvimento de conceitos fundamentais e ferramentas dialógicas de intervenção, visando compreender e transformar a realidade dos espaços de trabalho.

> [...] pouco a pouco, eu compreendi que, no mundo do trabalho, ocorre um grande número de coisas que não têm garantia, nem apreensão clara nos ensinamentos em geral e nos ensinamentos universitários, em particular. A universidade era pobre na sua cultura, pobre em relação a tudo que estava em jogo no mundo do trabalho. E, hoje, isso tem consequências, sob muitos pontos de vista. Essa pobreza relativa, eu percebo, depois de muitos anos, que empobrece, em parte, as questões que podemos elaborar sobre a história, sobre a linguagem, sobre o corpo, sobre a ética, sobre o saber (SCHWARTZ, 2010a, p.21).

Esse encontro pluridisciplinar e ‘plurilaboral’ entre o mundo dos conceitos e o mundo das práticas resultou em um grande projeto materializado na criação do Departamento de Ergologia em 1998, na mesma universidade onde essa convergência cooperativa foi ampliada com o desenvolvimento de diversos cursos e uma série de pesquisas, formando “uma rede científica e associativa, irradiando-se [..] nacional e internacionalmente” (SCHWARTZ, 2010a, p. 21).

Efetivamente, a gênese da emergência dessa maneira original de se pensar o trabalho está atrelada ao conjunto de experiências, notadamente, de Yves Schwartz com os estudos e as práticas de três professores, doutores em Medicina: o psicólogo Ivar Oddone, o ergonomista Alain Wisner, e o filósofo Georges Canguilhem, assim como um considerável número de pesquisas e experimentações.

Ivar Oddone (1923-2011) foi professor de Psicologia do Trabalho na Universidade de Turim e atuou fortemente na liderança técnico-científica de um coletivo italiano de profissionais de diversos campos, principalmente da saúde, que incluía estudantes, militantes políticos-sindicais entre outros na década de 1960. O médico e outros cientistas ativistas lutaram contra a nocividade dos ambientes de trabalho operário na indústria automobilística italiana (MUNIZ et al, 2013).

Com a criação das ‘Comunidades Científicas Ampliadas’, Oddone e sua equipe construíram propostas que buscavam soluções para os problemas de saúde do trabalhador, partindo do engajamento da própria classe trabalhadora, “restituindo-lhe a possibilidade de uso da inteligência individual e coletiva como uma postura crítica necessária” (GOMES JÚNIOR, 2013, p. 103) às transformações almejadas nos ambientes de trabalho.

A partir da reflexão multidisciplinar em busca da saúde, a proposta de uma nova concepção de pesquisa desse coletivo procurava compreender e valorizar o regime de produção de conhecimento no ambiente de trabalho. A obra de Oddone inspirou Yves Schwartz a pensar a necessidade da dialética que articula os saberes produzidos nas situações laborais e os saberes das disciplinas científicas, um dos pilares da perspectiva ergológica (SCHWARTZ, 2000a; VIEIRA JÚNIOR; SANTOS, 2012).

Alain Wisner (1923-2004) foi um dos fundadores da ergonomia da atividade de origem francófona, figurando como a sua principal referência. Foi presidente da Sociéte d’ergonomie de langue française e dirigiu o laboratório de ergonomia do Conservatoire National des Arts et Metier (CNAM), atuando também como professor do Laboratório de Fisiologia da referida instituição (GOMES JÚNIOR, 2013).

Seus estudos foram inicialmente voltados para o desenvolvimento de soluções de melhoria dos artefatos e do trabalho. Fundou dentro da fábrica

automobilística Renault o primeiro serviço de ergonomia, onde atuou no desenvolvimento de projetos de automóveis, baseando-se em seus conhecimentos em antropometria e biomecânica. A ergonomia de Wisner é marcada pela aproximação das ações reais de trabalho, entendendo que o trabalho e a saúde no trabalho não podem ser estudados somente em laboratório (GOMES JÚNIOR, 2013; SZNELWAR, 2006).

Sua chegada ao laboratório de Ergonomia do CNAM é marcada pelo aprofundamento dos estudos sobre a relação entre a fisiologia humana, o trabalho e a saúde do trabalhador. Para ele, as condições de trabalho deveriam ser fatores de inclusão e não critério de exclusão social. De tal sorte que, ao constatar o profundo descompasso entre o funcionamento do corpo humano e as exigências a ele imputadas nas variadas situações de trabalho, Wisner defende a importância do desenvolvimento de estudos fora do laboratório, a partir das situações concretas de trabalho (SZNELWAR, 2006).

No final da década de 1970, Wisner já trabalhava as questões imputadas pela tecnologia informática no trabalho, abordando os fracassos das transferências tecnológicas entre países que ignoravam os impactos exercidos pelos aspectos socioculturais locais em tais implantações. Em razão disso, o médico ergonomista defendeu a inclusão dos estudos antropológicos na condução dos projetos tecnológicos, desenvolvendo a teoria da antropotecnologia (GOMES JÚNIOR, 2013).

A principal contribuição da ergonomia de Wisner à ergologia está pautada na descoberta da indelével distância entre o trabalho prescrito, entendido como tarefa concebida, decomposta, que compõe as obrigações impostas por quem comanda a execução; e o trabalho real, a concretude do “conteúdo da atividade efetivamente posta em ato e que torna possível a execução da tarefa” (GOMES JÚNIOR, 2013, p. 110).

O filósofo e historiador da ciência Georges Canguilhem (1904-1995) foi um pacifista engajado na juventude e um combatente na vida adulta, não só em defesa da História das Ciências, mas, também como membro do Comitê de Vigilância dos Intelectuais Antifascistas e como “Médico Tenente e Chefe do Estado-Maior político da Resistência Francesa durante a ocupação nazista” (ALMEIDA, 2016, p. 34). Entre os anos 1955 e 1971, lecionou história e filosofia das ciências em Sorbone, quando dirigiu o Institut d’histoire des sciences et des

techniques e publicou seus textos mais conhecidos. O reconhecimento à contribuição acadêmica do filósofo se materializou na mais prestigiosa honraria da área de história das ciências, a Medalha George Sarton, concedida pela History of Science Society em 1986 (ALMEIDA, 2016).

Canguilhem foi filósofo antes de ser médico. Suas reflexões convidam à ampliação da consciência crítica do saber médico para além dos processos bioquímicos, e sua crítica à ciência, à atenção aos diferentes processos qualitativos presentes na dialética saúde-doença. Para Canguilhem, a distinção entre os estados patológicos e o estado normal não são pautados em um padrão médio referenciado de um tipo ideal, mas, sobretudo, dependem da singular relação que o ser vivo estabelece com o meio (GOMES JÚNIOR, 2013; SCHWARTZ; MENCACCI, 2016).

A ideia da estreita relação dinâmica e singular que se estabelece entre as normas, o meio e o ser vivente é central na sua obra 'O Normal e o patológico', sendo ampliada em outras publicações do seu legado (CANGUILHEM, 2001; 2009; 2012).

> O ser vivo não se relaciona com uma natureza exterior a si, radicalmente estática, mas com um meio ambiente habitado por uma história, que é também a do organismo, na medida em que ela contribui para constituí-la. O fato de que o meio ambiente *coloca problemas* para o organismo, em uma ordem legitimamente imprevisível, expressa-se na noção biológica de *luta.* Essa forma de circunscrever a questão fundamental da biologia não a leva a um indeterminismo, ao contrário. A ciência explica a experiência, mas ela de modo algum a anula. Encontra-se, portanto, como condição de uma racionalidade, a temática do imprevisível (MACHE, 2009, p.152).

Em outras palavras, para Canguilhem, a norma organiza e intermedia a recursiva relação de debate do ser vivo com o seu meio de vida, sendo este sempre dinâmico e infiel. A infidelidade do meio ambiente está diretamente ligada a variabilidades resultantes desses debates homem-meio e a dinâmica das suas possibilidades de movimento na história. Assim essa infidelidade do meio ambiente é, propriamente, a sua história, o seu devir (CANGUILHEM, 2015; MACHE, 2009).

Da epistemologia à práxis, da axiologia à política, do campo de luta ao *locus* das possibilidades, as contribuições de Ivar Oddone, Alain Wisner e Georges Canguilhem se fazem presentes em todas as dimensões da ergologia,

consubstanciadas em uma *démarche* que propõe a ousadia de pensar o trabalho como forma de expressão da vida humana.

A ergologia busca o ponto de vista da atividade humana para estudar o trabalho, procurando colocar em evidência a dimensão antropológica que anima do seu interior (SCHWARTZ, 2013). O enfoque educativo e o modo de fabricação dos conceitos ergológicos trazem a marca de uma *démarche* em permanente construção, a começar pela definição de atividade humana, elemento central e ponto de partida para todas as suas elaborações conceituais e seus dispositivos operacionais (SCHWARTZ; ADRIANO; ABDERRAHMANE, 2008; SCHWARTZ, 2010).

Nesse sentido, a ergonomia da atividade contribui de maneira importante para compreender que o trabalho em qualquer circunstância nunca é mera execução, como enuncia o epíteto presente na definição da ergonomia de origem francófona. Ela remete à existência de um indelével hiato que separa o trabalho prescrito - os regulamentos, as determinações, exigências para a realização, que a ergonomia denominou como ‘tarefa’- e o trabalho real - aquele que é efetivamente realizado na concretude das situações laborais, que foi denominada ‘atividade realizada’ (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007; 2010; 2016).

Esse pressuposto possibilitou à ergologia deslocar “progressivamente seu ‘âmago’ da noção de trabalho para a de atividade” (SCHWARTZ, 2016, p. 8), buscando ampliá-la para além da noção de atividade de trabalho. Nesse sentido, a ergologia avança para uma antropologia da atividade humana, um mergulho a fim de compreender “esse enigma primordial, cujo conteúdo não terá jamais antecipação segura possível nem chave de tratamento” (SCHWARTZ, 2016, p. 8). Efetivamente, viver exige, invariavelmente, fazer escolhas dentro de um dado contexto que inclui designações, normas - próprias e alheias - e um espaço limitado de atuação - o meio. Essa instância onde, no ‘aqui e agora’, se expressam nossas arbitragens é o que nos remete à noção de atividade humana.

Por esta perspectiva, a atividade humana pode ser compreendida como um impulso de vida e de saúde, próprio do ser humano, que atravessa, liga e laça tudo o que tendemos a separar em categorias quando analisamos o ‘fazer’.

Sem limite pré-definido, a atividade sintetiza o agir humano [21] e opera, sucessivamente, os momentos mais concretos, mais identificáveis – as experiências acumuladas do corpo-si (SCHWARTZ, DURRIVE, 2008; 2016; DURRIVE, 2007a).

Em razão dessa reflexão conceitual, a atividade é entendida como renormatização, uma exigência vital que inclui todo o drama de reinterpretar, transgredir em nome da vida, introduzir algo de si, modificando as normas do meio. Assim, no centro dessa tomada de posição se encontra uma individualidade, uma entidade enigmática que, frente às normas do meio, convoca à vida seu mundo de valores e realiza o retratamento dessas normas ora postas. A essa individualidade que é atravessada por debates de normas, e valores, transformando o seu meio de vida, a ergologia designa como 'corpo-si' (SCHWARTZ, DURRIVE, 2010; 2016; DURRIVE, 2016).

A atividade também pode ser entendida como uma dramática, um destino a ser vivido, suscitando a ideia de que a vida, em alguma medida, sempre irá nos remeter a situações desconhecidas (MENACCI; SCHWARTZ, 2016). No campo do trabalho, Schwartz mobiliza a noção de 'dramáticas dos usos do corpo-si' para explicar a tensão ou drama sempre presente nas situações concretas de trabalho, no redimensionamento das normas e valores postos em jogo. Não quer dizer que se refira a algo propriamente trágico, mas, indica que alguma coisa acontece no universo axiológico do corpo-si, para que a renormatização aconteça (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007).

A produção conceitual do termo 'corpo-si' foi se constituindo na *démarche* ergológica, pouco a pouco, em uma dinâmica repleta de interrogações e interpelações (MUNIZ; SANTORO; FRANÇA, 2018), na qual se abdicou de tomar emprestado quadros e recursos teóricos já estabilizados, termos já codificados, como sujeito e subjetividade, evitando-se "seguir por caminhos já demasiado demarcados" (SCHWARTZ, 2014, p. 260). Schwartz (2010) entende que essa preocupação se pauta na própria obscuridade presente na noção, o que a faz distanciar-se de toda tentativa de objetificação do 'sujeito', pois,

[21] Destacamos que a noção de atividade se difere do que é entendido por ação, essa última portando características mais objetivas como: ter início e fim, poder ser identificada como um gesto ou marca, poder ser submetida à razão, a exemplo de uma lista de ações etc. (DURRIVE, 2007).

> coloca-se o dedo sobre ‘alguma coisa’ que nos ultrapassa a todos, na medida em que isso nos remete às profundezas do que somos - a essa ‘alguma coisa’ que é, digamos novamente, biológica, mas atravessada por nossa história. Ou seja, nós trabalhamos nosso corpo, nós o trabalhamos permanentemente pela nossa experiência de vida - e, portanto, por nossas paixões, por nossos desejos, por nossas experiências (SCHWARTZ, 2010, p.197).

Dessa forma, a definição de corpo-si passa pela noção de individualidade, presença enigmática de uma singularidade viva ou um centro de arbitragem que incorpora o social, o psíquico, o institucional, as normas, os valores, sua relação com o tempo e com os níveis de racionalização e ação, constituídas no histórico das sucessivas renormatizações, produzidas pelos encontros indefinidamente renovados com os meios de vida (SCHWARTZ; DURRIVE, 2016).

As renormatizações exprimem as escolhas, as formas que o corpo-si encontra para gerir seu trabalho e sua vida. Por isso, do ponto de vista ergológico, o trabalho é um lugar de debate, de uma tensão sempre problemática. Ao mesmo tempo, é “um espaço de possíveis sempre a negociar”, onde a questão da subjetividade entra em cena, evidenciando o aspecto mais singular da atividade humana: a compreensão de que no trabalho “não há execução, mas uso” (SCHWARTZ, 2000, p. 41).

O corpo-si não executa algo, mas faz uso de si. Esse ponto de vista reivindica toda a potência de humanidade do campo do trabalho para abordá-lo, aproximando-o da noção de atividade industriosa. O termo ‘industrioso’ qualifica a atividade de trabalho, buscando exprimir o sentido de astúcia, do saber fazer presente no agir do trabalhador. Além disso, o epíteto faz-se posicionar frente a polissemia atribuída à palavra ‘trabalho’ que remete, sobretudo, aos estereótipos depreciativos historicamente associados ao trabalho (GOMES JÚNIOR, 2013).

Podemos entender que o uso de si pressupõe uma dialética entre duas dimensões coextensivas: o uso de si por si e o uso de si pelos outros, onde a preponderância de uma sobre a outra pode variar infinitamente. Dessa forma, quando Schwartz atribui o uso - de si - industrioso ao corpo-si, ele faz supor que sempre haverá por parte dessa entidade uma livre disposição de um capital pessoal posta em uso, por si mesmo e também pelos outros. Com ele, Schwartz busca evidenciar o protagonismo do trabalhador.

> É o indivíduo no seu ser que é convocado; são, mesmo no inaparente, recursos e capacidades infinitamente mais vastos que os que são explicitados, que a tarefa quotidiana requer, mesmo que esse apelo

> possa ser globalmente esterilizante em relação às virtualidades individuais (SCHWARTZ, 2000, P. 41).

O uso de si por si refere-se ao universo das renormatizações, dos saberes e valores presentes nesse corpo histórico, imprimindo sua individualidade do fazer no trabalho. Isso nos remete ao pensamento de Canguilhem, “ao qual o vivente leva suas normas próprias de apreciação das situações, onde ele domina o meio e se acomoda a ele” (CANGUILHEM, 2015, p. 158). Dizendo de outro modo, a atividade industriosa, passa sempre pelo crivo da dimensão axiológica do corpo-si, que constrói suas próprias normas e as insere ao debate, confrontando-as com as normas do meio.

Já o uso de si pelos outros convoca a atenção para a dimensão das heterodeterminações - estabelecidas formal e/ou informalmente - inscritas nas normas, prescrições e valores historicamente constituídos - imputadas ao corpo-si na atividade industriosa e na vida. As normas também se expressam na transmissão das tradições, culturas e até na linguagem, pensada como um sistema de normas (GOMES JÚNIOR, 2013; GOMES JÚNIOR; SCHWARTZ, 2014).

Amparada na filosofia canguilhemiana, a ergologia nos convida a observar mais atentamente a dimensão das normas, e para a forma com a qual elas são instituídas, estabelecidas na história. As normas atravessam todas as dimensões do campo social, psíquico e histórico da humanidade. Elas estão presentes no mundo do trabalho, na sociedade civil e de mercado etc. Há normas de toda ordem: jurídicas, técnicas, organizacionais, morais e da cultura, sendo importante compreender como elas são articuladas. Portanto, tomamos a noção de normas antecedentes como outra contribuição singular da ergologia ao campo de estudos do trabalho. (CANGUILHEM, 2009; GOMES JÚNIOR; SCHWARTZ, 2014; SCHWARTZ; DURRIVE; 2010; 2016).

Essa referida noção emerge na *démarche* ergológica evidenciando a dialética na qual as normas, de um lado, representam a necessária mediação à experiência humana em organizar-se, estruturar-se no mundo; orientar a atividade industriosa (SCHWARTZ, 2015); e, do outro, a atividade do corpo-si, o acontecimento do ‘aqui e agora’; a instância que faz transbordar as palavras (RABELO, 2014), desafiando qualquer elaboração conceitual a circunscrevê-la, estabilizá-la, reduzi-la. A atividade é substância de sinergia incompreensível.

Como mencionamos anteriormente, a contribuição da ergonomia da atividade de Wisner coloca luz sobre o fato de o trabalhador ter sempre que administrar a defasagem entre o trabalho prescrito e o trabalho real. Isso sugere que desde sempre o ‘fazer de outro modo’ está intrinsicamente presente no ‘fazer como me dizem’ (SCHWARTZ, 2000). Para tratar dessa articulação entre o trabalho prescrito e trabalho real, Schwartz mobiliza os termos que formam o binômio Aderência-Desaderência. A dimensão da aderência relaciona-se ao viver o ‘aqui e agora’, à experiência concreta, ao agir situado que remete à história. A desaderência refere-se às normas antecedentes à atividade, mas também às reflexões sobre esse viver, esse destino rumo ao qual o corpo-si destinou-se ao fazer história. A saber, no aqui-e-agora da produção de tais reflexões, o corpo-si está em aderência, em atividade, em debate de normas para que se traduzam em desaderência suas memórias (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010; 2016).

Trilhar os caminhos da ergologia não é uma tarefa fácil, muito pelo contrário. Exige “esforço, paciência e tolerância para melhor compreender seus conceitos, nunca inteiramente claros e circunscritos, mas ricos em significado” (ATHAYDE; BRITO, 2007, p. 7). É aventurar-se a assumir “o caráter somente tendencial de todos os saberes relativos à atividade humana” (SCHWARTZ, 2016a, p.8). Por isso, a postura ergológica suscita em nós um inevitável desconforto intelectual, na medida em que nos remete a pensar nossos próprios debates de norma, no retrabalho permanente dos nossos valores.

A próxima seção inclui os demais aportes metodológicos, os métodos, as técnicas e as práticas de pesquisa adotados neste trabalho.

3 APORTE METODOLÓGICO: SOBRE UMA LONGA VIAGEM

Uma pesquisa é sempre, de alguma maneira, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cuja singularidade do olhar vasculha lugares ora muito visitados, oferecendo um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir da sua experiência e modo peculiar de apropriação do conhecimento (DUARTE, 2002).

Nesta seção, dedicamo-nos a narrar os caminhos, os contornos, e os procedimentos, processos que nos possibilitaram realizar esta pesquisa. Para tanto, a dividimos em quatro subseções, cujas duas primeiras ocupamo-nos em apresentar as teorias sobre narrativas de vida, o uso do dispositivo ergológico como parâmetro ético, as técnicas e os procedimentos explorados para produzir o material de campo. Nas três últimas, apresentamos o perfil global dos sujeitos da pesquisa e as formas de análise adotadas, além de descrevermos detalhadamente a forma com que foram construídas as narrativas apresentadas como resultado.

3.1 TEORIZANDO SOBRE A PRÁTICA

> Como marca mais concreta do meu trabalho de pesquisa, não posso produzir algo em cuja leitura eu não me faça reconhecer (Laís Di Bella C. Rabelo).

As narrativas de vida são recursos muito utilizados nas pesquisas qualitativas por, principalmente, auxiliarem na compreensão do que acontece na vida dos serem humanos. Uma vez que a noção de narrativa abrange uma gama de definições, elaborações e processos criativos cooperativos (NEANDER; SKOTT, 2006), esse aspecto também se aplica as formas de análise de narrativas que podem englobar métodos e abordagens diversas (RIESSMAN, 2008). Nesta pesquisa, os resultados foram produzidos a partir da conjunção entre os materiais produzidos nos e pelos encontros com o campo de pesquisa, as ferramentas e técnicas de análise, e o referencial teórico.

> Mishler (1986) observa que o pesquisador não encontra narrativas, mas participa de sua criação. Situações de entrevista excessivamente estruturadas, argumenta Mishler, tendem a excluir sistematicamente elementos das experiências e pensamentos do informante, que podem

> encontrar expressão livre na forma narrativa em entrevistas abertas (NEANDER; SKOTT, 2006, p. 297, tradução nossa[22]).

Diferentemente do que acontece nas pesquisas em Ciências Naturais que utilizam modelos teóricos estáveis para analisar objetos a-históricos, “este não é o caso de homens e mulheres que vivem e trabalham” (SCHWARTZ, 2003, p. 30). Investigar as relações humanas exige assumirmos “o caráter somente tendencial de todos os nossos saberes relativos à atividade humana” (SCHWARTZ, 2010, p. 6).

Por esta razão, não utilizamos as elaborações conceituais para ratificar seus postulados teóricos, estáveis no tempo e no espaço, mas para colocá-los em ‘jogo’, em confronto com a realidade que nos é apresentada. Em razão disso utilizamos diversas teorias e procuramos confrontá-las com a realidade que nos foi apresentada no campo empírico. Diferentemente das abordagens tradicionais, a ergologia nos convida a reelaborar os conceitos e noções para o tratamento dos problemas relativos à atividade industriosa, sempre singulares. É sobre essa questão que Schwartz afirma:

> Ou dizemos que estes conceitos são suficientes para compreender o que se passa numa situação de trabalho, ou, dizemos sim que é no retrabalho e no contato com as situações concretas que as pessoas recompõem tudo isso. Estes conceitos me oferecem elementos de abordagem, mas é preciso que, de minha parte eu dê esses conceitos, essas competências disciplinares que descrevem situações, como alimento - se é que posso dizer assim - às pessoas que os vivem, para que em conjunto se possa testar o grau relativo de validade, de pertinência deles. É esta a perspectiva (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 36).

Tendo o ponto de vista da atividade tomado como um movimento dialético e recursivo entre as normas antecedentes e renormatização (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010), a ergologia propõe uma forma diferente de abordar a produção do conhecimento. Recusa abordagens epistemológicas do conhecimento empiristas ou inatistas que tratam os saberes de maneira dicotômica: ou são transmitidos de fora para dentro do ser humano (a primeira) ou preexistem nele, bastando ser despertado (a segunda). O pensar ergológico adota uma terceira via, a de que os saberes são internos, mas também externos, buscando religar tudo que é representado em separado (VERÍSSIMO, 2015).

---

[22] Mishler (1986) notes that the researcher does not find narratives but instead participates in their creation. Overly structured interview situations, Mishler argues, tend to systematically exclude elements of the informant’s experiences and thoughts, which may find free expression in narrative form in open interviews.

Essa ideia é representada pelo dispositivo virtual denominado pela ergologia por Dispositivo Dinâmico a Três Polos – DD3p, criado para auxiliar na compreensão sobre a mobilização e a produção de saberes na atividade humana, sobretudo, na atividade de trabalho, considerando situações de trabalho e vida. O primeiro polo representa os saberes constituídos, ou saberes em desaderência, sendo eles os conceitos, as prescrições, os elementos que configuram as normas antecedentes da atividade. O segundo polo reflete a atividade humana, sendo o polo dos saberes investidos. Segundo Veríssimo (2015), o ser humano "reage de acordo com os saberes que ele tem investidos em seu corpo-si e, ao interagir, ele acessa conhecimentos presentes no mundo e pela sua atividade investe esses saberes em seu corpo-si", que por sua vez reinveste na atividade. O terceiro é um polo ético, sem definição de nomenclatura. Sintetizando uma dupla exigência de humildade e rigor (aprendizagem), é o polo responsável pela dinâmica do encontro entre os dois primeiros, em um processo de diálogo socrático de duplo sentido, sem hierarquizações de importância entre eles, considerando que todos os saberes devem ser igualmente importantes. O modo de pensar o ergológico passa pela lógica do DD3p.

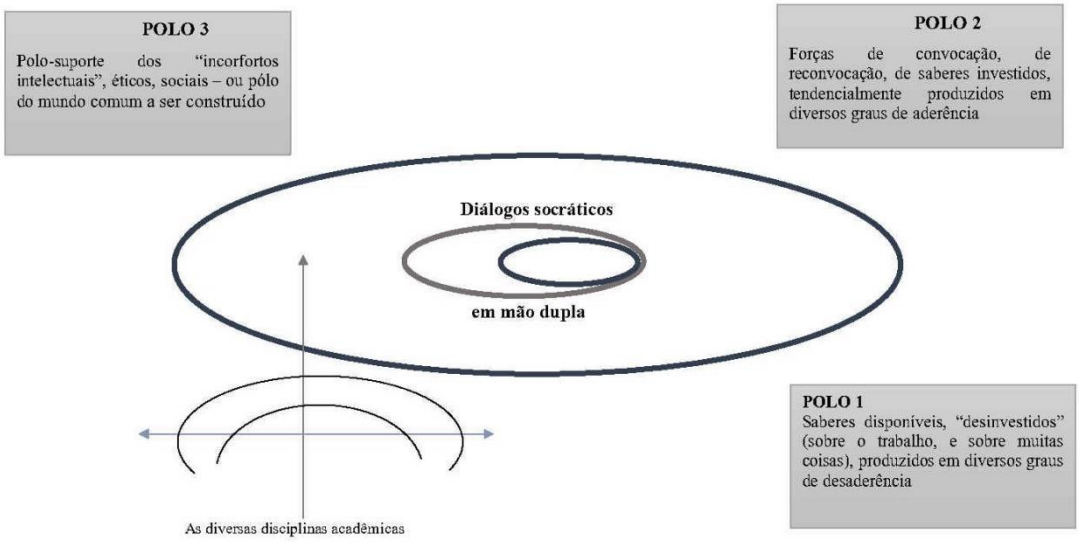

Figura 1. Dispositivo Dinâmico a Três Polos – DD3p (SCHWARTZ; DURRIVE, 2016)

A perspectiva ergológica sob a qual abordamos as questões que envolvem as situações de trabalho e da vida pressupõe invariavelmente

renormatizações do corpo-si pesquisadora (RABELO, 2014; 2020) diante do seu empreendimento de pesquisa. Ao passo que a atividade de pesquisa também deve ser considerada um trabalho – em termos ergológicos, um retrabalho – ela jamais deve ser pura execução das normas. As produções teóricas e interventivas dos estudos de Rabelo (2014; 2020) nos inspiram a experienciar, no percurso desta pesquisa, “as possibilidades de emergência do ponto de vista da atividade através da flexibilidade do caminho a ser percorrido” (RABELO; BARROS; CUNHA, 2016, p. 383).

Nesse sentido, é importante sinalizarmos que planejamos escrever esta pesquisa inteiramente na primeira pessoa do plural. Entretanto, na prática isso não foi possível, sobretudo nas situações de pesquisa nas quais a individualidade do corpo-si pesquisadora revelou seu caráter mais preponderante e invulgar. Forçar um uso do nós nessas circunstâncias seria apagar os aspectos de uma vivência que se fez no singular e que não poderia ser reconhecida de outro modo. “O escrever na primeira pessoa um texto acadêmico objetiva ser coerente com a ideia de que não há um sujeito indefinido, pelo contrário. Há uma pesquisadora em carne e osso que viveu e elaborou a pesquisa em texto” (RABELO; BARROS; CUNHA, 2016, p. 383). Por essa razão, parte do texto é conduzido na primeira pessoa do singular.

As novas formas de uso do corpo da pesquisadora ao retrabalhar as normas teórico-metodológicas, os conceitos e as noções nos encontros com o campo empírico da pesquisa se impõem em renormatizações. Portanto, como afirma Tavares (2006, p. 62), “tu não usas uma metodologia. Tu és a metodologia que usas”. Faz parte da postura ergológica evocar a ressingularização do meio no qual o corpo-si pesquisadora se movimenta e dá ‘vida’ a seu objeto de pesquisa. Em outras palavras, sendo a atividade um uso que se faz de si, do corpo-si, precisamente a atividade de pesquisa é retrabalho, renormatização e invariavelmente nos remete a debates de normas (tecno-científicas – teorias e metodologias, práticas, morais, éticas, sociais etc.) exógenas e endógenas junto ao meio da pesquisa (todos os encontros, aulas, orientações, eventos científicos, o CEFET, o campo empírico etc.).

Na qualidade de atividade nuclear da construção do conhecimento científico, a pesquisa acadêmico-científica possibilita a compreensão da realidade investigada por meio de aproximações sucessivas, objetivando

fornecer subsídios para uma intervenção (QUIRINO, 2017). Tendo em vista que a metodologia é o caminho e a prática exercida na abordagem da realidade estudada (MINAYO, 2013), fazer ciência é trabalhar o tripé teoria, método e técnicas, incluindo a arte, a experiência e o nível de aprofundamento da pesquisadora "que dá o tom e o tempero do trabalho que elabora." (MINAYO, 2012, p. 622). Sendo assim, em termos filosóficos, esta pesquisa foi pensada e construída na perspectiva crítica dialética, por meio de um recursivo caminho de ir e vir, da teoria e da prática.

Desde o início, quando da definição do objeto da pesquisa, foi preciso compreender e internalizar os tempos filosóficos e epistemológicos que fundamentam a investigação, sem esquecer o caráter incompleto, provisório e aproximativo do conhecimento (MYNAYO, 2012). Durante todo tempo, enquanto a teoria apontava os caminhos, a prática os remodulava, produzindo reflexões e sentidos, em direção à compreensão o objeto proposto. A esse movimento, a ergologia denomina renormatização[23]. Ao constituir um objeto complexo, como as relações sociais de sexo e seus mecanismos de segregação e exclusão das mulheres das áreas tecno-científicas como a Tecnologia da Informação, repleto de contradições e obscuridades, entendemos que os meios para nos aproximarmos da sua compreensão também não se fazem simples. Investigar as relações humanas exige assumirmos que a dinâmica das elaborações conceituais sobre o trabalho, vida e as relações sociais não podem ser separadas dos debates dialéticos entre normas antecedentes e renormatizações (SCHWARTZ, 2003).

Neste estudo, a partir das narrativas de duas mulheres do setor de Tecnologia da Informação, selecionadas entre cinco entrevistadas, analisamos o material produzido no campo empírico à luz da interlocução teórico-metodológica fundamentada (RIESSMAN, 2008) entre a perspectiva das relações sociais de sexo e a abordagem ergológica. Nesse sentido, Riessman (2008) explicita que diferentes tipos de dados, perspectivas teóricas, posições epistemológicas e até mesmo definições sobre o que é uma narrativa podem

[23] Há uma discussão na comunidade ergológica sobre a tradução para o português brasileiro do termo francês renormalisation, neologismo da Ergologia. Algumas traduções utilizam a palavra renormalização e outras, renormatização. Nós adotamos o uso da palavra renormatização. Em razão disso, salientamos as citações diretas nas quais o termo foi traduzido por renormalização, será mantido exatamente como foi publicado.

implicar em diferentes modos de análise. O fato de não haver uma única forma ou modelo de análise de narrativa pode acabar frustrando estudantes que buscam um conjunto de regras definidas para empreendê-la, sinaliza a pesquisadora. Contudo, a escrita de dramáticas sobre os usos do corpo-si de mulheres da área da Tecnologia da Informação norteou a abordagem do complexo objeto apresentado.

A saber, abordamos o objeto desta pesquisa a partir do conceito de divisão sexual do trabalho e da noção de dramáticas dos usos do corpo-si de mulheres do setor de Tecnologia da Informação. A divisão sexual do trabalho é um conceito transdisciplinar (FALQUET, 2006) que exprime a tensão entre mulheres e homens em torno da 'partilha' do trabalho e principal contradição abordada nas relações sociais de sexo (KEGOAT, 2018). Essa divisão social do trabalho entre os sexos se caracteriza pela designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva, e, ao mesmo tempo, pela captação pelos homens das funções de maior valor social agregado (HIRATA, KERGOAT, 2007; KERGOAT, 2009).

A ergologia é uma abordagem original que estuda o trabalho, considerando-o em sua complexidade e multiplicidade de relações. Não se trata de uma nova disciplina da ordem de um novo domínio do saber, mas, sobretudo, de uma postura, um *novo modo de encontro* que permite melhor compreender e transformar diversos aspectos importantes da vida contemporânea, notadamente, os relativos ao trabalho (ATHAYDE; BRITO, 2007; SCHWARTZ, 2000a). A noção de dramáticas dos usos do corpo-si refere-se aos entrecruzamentos dos debates de norma, os quais, em nome da vida e da saúde e a partir do universo de valores que carregamos, nos obriga escolher o modo com o qual reconfiguramos o meio e as normas do meio para nos situar nele. Na medida em que o fazemos, renovamos esse patrimônio de saberes e valores continuamente (SCHWARTZ, 2011). O termo 'dramática' não significa que cada agir seja permeado de dramas, "significa que nada pode ser mecânico. Nesse agir, nada pode ser pura 'aplicação' do que se tinha pensado sem você, antes de você" (SCHWARTZ, 2016, p. 326); que sempre há um envolvimento, um uso de si que o corpo faz por si mesmo, mas também pelos outros. Por essa razão, para a ergologia não existe trabalho sem a dimensão humana desse trabalho,

sendo a atividade uma instância inscrita em um corpo vivo, mas que ultrapassa a dimensão biológica (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007, 2008, 2010, 2016).

Para tanto, construí a primeira camada de análise com a utilização da técnica do mapa analítico. Para levar os trechos narrativos e analíticos para o mapa, posicionar as tiras contendo as subtramas[24], escolher dar ênfase ao seu conteúdo, segui critérios subjetivos, considerando as anotações de campo, eventos, lógicas de ação, configurações de relações sociais, rupturas, referências etc. A partir de três grandes eixos do mapa ('Perfil', 'Trajetória Pessoal/Profissional', 'Dramáticas dos usos do corpo-si'), reuni, no terceiro eixo, dramáticas identificadas nas narrativas analisadas. Vale ressaltar que nessa camada de análise identifiquei toda ordem de dramáticas, renormatizações, exigência vital, a que todas e todos nós temos, incessantemente, que lidar ao longo de todos os dias das nossas vidas (das de debates de normas e valores, impasses, escolhas entre o uso de si por si, e o uso de si pelos outros).

As escolhas sobre o que levar ou não das narrativas para o mapa, para onde levar, o que e como relacionar, de forma geral, basearam-se no corpo teórico que ancora esta pesquisa. No entanto, sem deixar de considerar a dimensão gestionária da atividade, dialeticamente dialogada com tais elaborações conceituais, de modo que o uso dos conceitos não neutralize os debates de normas e a dimensão axiológica onde esses debates foram inscritos (DURRIVE, 2011; SCHWARTZ, 2000; 2003).

O caminhar se faz caminhando. A prática da pesquisa social é complexa tanto quanto o objeto que procuramos compreender (ZANELLLA, 2008). Sobre a segunda camada de análise, realizei um aprofundamento teórico-metodológico fundamentado em uma interlocução entre a perspectiva feminista materialista das relações sociais de sexo e a abordagem ergológica. Para isso, é realista mencionarmos que o cotejo epistêmico-ergológico que empreendemos nesta pesquisa visa somente alguns aspectos específicos da relação entre o conceito analítico da divisão sexual do trabalho – na qualidade de base material das relações sociais de sexo - e as dramáticas dos usos do corpo-si – inscritas na materialidade da vida humana, na perspectiva ergológica.

[24] Refiro-me a um dos elementos do mapa analítico apresentado na próxima seção.

Apesar disso, no percurso desta pesquisa pareceu-nos relevante e enriquecedor compreender que, se, em princípio, do ponto de vista político a perspectiva feminista materialista adotada e a ergologia aproximam-se e confluem para um horizonte emancipatório da humanidade, do ponto de vista metodológico fazê-las dialogar significa reconstruir paralelamente as posições epistemológicas de cada uma, para então, relacioná-las à temática do trabalho da mulher na TI – o ponto de conexão desse diálogo.

Pela perspectiva do feminismo materialista francês, as normas sociais que prescrevem e operacionalizam a organização do trabalho entre os sexos conformam uma divisão desigual. A divisão sexual do trabalho, orientada por dois princípios intercambiantes, caracteriza-se pela divisão social desigual, segregando e hierarquizando o trabalho entre os sexos. A saber, o princípio da separação distingue os trabalhos 'dos homens' dos 'das mulheres'. Já o princípio da hierarquização estabelece que um trabalho de homem 'vale' mais que um de mulher (KERGOAT, 2009).

Observando as práticas sociais presentes no trabalho, identificamos na trabalhadora um sujeito político, protagonista da luta contra as lógicas estruturais por trás das normas que sustentam as relações sociais de sexo (CURIEL; FALQUET, 2014; KERGOAT, 2018). Em um estado de civilização e cultura em que mulheres e homens são definidos socialmente pela sua posição na organização do trabalho, a divisão sexual do trabalho opera uma tensão permanente em torno da partilha do trabalho entre os sexos, impondo-se, portanto, como a principal questão em jogo nas relações de poder dos homens sobre as mulheres (CURIEL; FALQUET, 2014; KERGOAT, 2018).

Essa normativa social, que organiza e divide desigualmente o trabalho entre homens e mulheres, opera mecanismos de segregação do trabalho a elas, notadamente, nos espaços de trabalho socialmente reservados para eles (LETA, 2003; LIMA, 2013; OLINTO, 2011), ecoando "na baixa participação das mulheres nas áreas da ciência e tecnologia" (CASTRO, 2016, p. 85), sobretudo, no setor de Tecnologia da Informação[25], área da nossa investigação (CASTRO, 2013; 2016; 2018). As relações sociais de sexo – assim como todas as relações sociais

[25] Conforme definimos, estamos nos referindo ao campo profissional que empreende um conjunto de práticas, ofícios, a de uma indústria específica de produção de softwares e que oferta serviços e soluções informáticas para os mais diversos fins (CASTRO, 2013).

- operam no campo da abstração, o que impossibilita investigá-las apartadas das práticas sociais observadas na conjuntura social da humanidade. No entanto, o acúmulo de resultados oriundos de estudos comparativos e internacionais (FALQUET, 2006; FEDERICCI, 2018; HIRATA, 2002; KERGOAT, 2016; SOUZA-LOBO, 1991) revela o caráter heurístico das relações sociais de sexo nas diversas dimensões do trabalho das mulheres em diversos campos do conhecimento (HIRATA, 2018a). Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho ancora seus conceitos nas relações sociais de sexo (e vice-versa), embora as modalidades da primeira engendrem uma plasticidade dinâmica que acompanha as transformações da sociedade (KERGOAT, 2002; 2009; 2010; 2018).

Na perspectiva ergológica, a norma (e a normatividade, por consequência) é entendida como elemento de uma relação do ser humano com seu meio de vida. A filosofia canguilhemiana, na qual se ancoram as bases da ergologia, compreende que ser um indivíduo é fundamentalmente existir como um centro de um meio. Entretanto, tal existência não pode ser considerada como realizada, ela precisa ser construída por ele nessa relação, pois a humanidade

> não escapa da lei geral dos viventes. O meio próprio do homem é o mundo da sua percepção, ou seja, o campo de sua experiência pragmática no qual suas ações, orientadas e reguladas pelos valores imanentes às tendências, recortam objetos qualificados, situando-os uns em relação aos outros e todos em relação a ele (CANGUILHEM, 2009, p. 166).

Trazendo para o contexto social do trabalho, a noção ergológica de ‘normas antecedentes’ tem a função de mediar a relação axiológica que estabelecemos com o mundo, considerando tais normas, anteriores e exteriores a nossa existência naquele meio – de trabalho, mas também de vida (SCHWARTZ, 2015). Presentes em todas as instâncias da sociedade,

> essas normas antecedentes cristalizam-se de forma mais ou menos codificada, autorizando, por um lado, as aquisições de inteligência e experiência coletiva, construções históricas que expressam o patrimônio cultural, técnico, científico, sempre temporariamente estabilizado, de uma sociedade; de outro, que pode estar ligada a problemas e estratégias de autoridade, poder, dominação. Todos os tipos de status intermediários podem modular essas normas antecedentes. Qualquer que seja seu status, essas normas são atravessadas por valores. Valores de mercado, portanto "dimensionados", mas também aqueles provenientes da esfera dos

> bens comuns e, como tal, não dimensionáveis [26] (SCHWARTZ; ECHTERNACHT, 2009, p. 11, tradução nossa).

Nesse contexto, a atividade humana se impõe como uma exigência de vida: se dizemos que o trabalho é um uso que se faz de si[27], e a atividade é um encontro que não pode ser antecipado, não há trabalho sem que esse 'si' *desneutralize* as normas do meio. "Não há vida humana sem debate de normas"[28] (SCHWARTZ, 2015, p. 46, tradução nossa). Para dar sentido à própria existência, o ser humano, atravessado por esses debates de normas e valores, sempre vai escolher a si mesmo, em nome da vida e da saúde, pois,

> um vivente não se reduz a uma encruzilhada de influências. [..] Um sentido, do ponto de vista biológico e psicológico é uma apreciação de valores em relação a uma necessidade. E uma necessidade é, para quem a experimenta e a vive, um sistema de referência irredutível e, por isso mesmo, absoluto (CANGUILHEM, 2015, p. 167)

É a maneira singular com que cada um de nós irá lidar com esse universo de valores colocados em jogo frente as situações concretas da vida. É um verdadeiro teste que envolve nosso corpo, integrado a todas as suas dimensões (somática, psíquica, sócio-histórica – corpo e alma), o corpo-si. Substrato enigmático, o corpo-si guarda e renova permanentemente a própria história, a história da vida, da pessoa, do gênero e de todos "os encontros sempre renovados entre um ser em equilíbrio mais ou menos instável e uma vida social, com seus valores, suas exigências, seus dramas [29] " (SCHWARTZ; ECHTERNACHT, 2009, p. 14, tradução nossa).

A partir do cotejo ora apresentado, assumimos a postura ergológica[30] para pensar a divisão sexual do trabalho no setor da Tecnologia da Informação, encontrando em Schwartz (2014) uma questão articuladora que nos possibilita

---

[26] Ces normes antécédentes cristallisent sous une forme plus ou moins codifiée, autorisée, d'un côté les acquisitions de l'intelligence et de l'expérience collective, des constructions historiques exprimant le patrimoine culturel, technique, scientifique, toujours provisoirement stabilisé, d'une société ; de l'autre, ce qui peut se nouer à des problèmes et des stratégies d'autorité, de pouvoir, de domination. Toutes sortes de statuts intermédiaires peuvent moduler ces normes antécédentes. Quel que soit leur statut, ces normes sont traversées par des valeurs. Des valeurs marchandes, donc « dimensionnées », mais aussi celles provenant de la sphère des biens communs, et en tant que telles, non dimensionnables.

[27] Sempre por si, mas também pelos outros.

[28] Il n'y a pas de vie humaine sans débats de normes.

[29] Toujours renouvelées entre un être en équilibre plus ou moins instable et une vie, sociale, avec ses valeurs, ses sollicitations, ses drames.

[30] Uma postura ergológica na pesquisa "requer uma forte dose de humildade" (HOLZ, 2013, p. 219). Os debates de norma que atravessam este corpo-pesquisadora (RABELO, 2013) no trabalho da pesquisa e renovam nosso universo axiológico, remetem a um indubitável e permanente desconforto intelectual (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010).

iniciar este debate analítico: “Como um corpo sexuado ajusta sua diferença e seu modo de ser sexuado para realizar sua gestão de situações num meio de trabalho em que essa dimensão permanece na penumbra sem nunca ausentar-se?” (SCHWARTZ, 2014, p. 256). Na medida em que a construção do pensamento que norteia esta análise passa necessariamente pelo ajuste das nossas lentes ergológicas, ajustar tais lentes é colocar foco sem esquecer que existe um todo, (em grande parte obscuro) que não é resultado da soma das suas partes, embora seja necessário destacar elementos que favoreçam uma dialética entre as perspectivas teóricas.

Assim, considerando a relação dialética entre normas antecedentes e dramáticas dos usos do corpo-si (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010), propomos pensar a divisão sexual do trabalho, profissional e doméstico, subjacente à divisão sexual do poder e do saber (HIRATA, 2018), como norma antecedente, organizadora do trabalho, base material das relações sociais entre os sexos. Portanto, partimos desse ponto de articulação teórica entre a ergologia e as relações sociais de sexo questionando sobre os tipos de debate, normas e valores (dramáticas dos usos de si) que podem ser abertos quando mulheres integram meios de trabalho marcadamente masculinizados (LACOMBLEZ, 2008), sobretudo, em um estado de civilização e de cultura onde, mulheres e homens são definidos socialmente pela sua posição na organização do trabalho (CURIEL; FALQUET, 2014).

3.2 PRÁTICAS DA PESQUISA E TÉCNICAS DE ANÁLISE

> Se o pensar agora é igual ao pensado, então, tal não é pensar, é imitar.
> - Tu não pensas, imitas. Eis um insulto desagradável (Gonçalo M. Tavares).

Reiteramos nossa compreensão sobre a atividade de pesquisa como uma atividade de trabalho. Sendo, portanto, a atividade um uso que se faz de si, do corpo-si, precisamente a atividade de pesquisa é retrabalho, renormatização, e invariavelmente nos remete a debates de normas (tecno-científicas – teorias e metodologias -, práticas, morais, éticas, sociais etc.) exógenas e endógenas junto ao meio da pesquisa (todos os encontros, aulas, orientações, eventos científicos, o CEFET, o campo empírico etc.).

A escolha dos sujeitos desta pesquisa terem sido somente mulheres se centra na realidade da sub-representação feminina no campo da Tecnologia da Informação e, por esta razão, procurar analisar os tipos de debates e de valores – dramáticas dos usos de si, sobretudo pelos outros - que podem ser abertos quando mulheres se integram a profissões masculinizadas (LACOMBLEZ, 2008). E por meio dessas dramáticas, em alguma medida, inscritas nas suas narrativas, buscar a compreensão das relações sociais de sexo consubstanciadas nas relações de raça e de classe no meio da Tecnologia da Informação.

Para encontrar esses sujeitos, corpos-si desta pesquisa, precisei considerar o fato de as trabalhadoras e os trabalhadores do setor de TI não estarem necessariamente lotadas(os) em empresas de Tecnologia da Informação, mas, também poderem fazer parte do quadro de funcionários ou prestadores de serviços de departamentos de TI das empresas em qualquer setor da economia. Além disso, por tratar-se de uma área profissional muito dinâmica, em constante transformação, existiu a possibilidade de elas se encontrarem em ocupações e/ou nomenclaturas do setor que ainda não tenham sido regulamentadas pela Classificação Brasileira de Ocupações (MTECBO, 2018), em razão do surgimento de novas funções que exijam a aplicação de conhecimentos intensivos no campo da Computação (CASTRO, 2016).

Em razão disso, considerei fazer o recorte sobre um conjunto de ocupações do setor de TI que já estão regulamentadas pela CBO e que se encontram descritas na segunda edição do Guia de Funções de Tecnologia da Informação e Comunicação do Brasil, produzida pela Associação Brasileira das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação – BRASSCOM, atualizado em 2018, a saber:

> 1236-05 – Diretor de serviços de informática; 1425-05 - Gerente de Rede; 142510 - Gerente de Desenvolvimento de Sistemas; 142520 - Gerente de Projetos de Tecnologia da Informação; 142530 - Gerente de Suporte Técnico de Tecnologia da Informação; 212205 - Engenheiro de Aplicativos em Computação; 212305 - Administrador de Banco de Dados; 212310 - Administrador de Redes; 212320 - Administrador em Segurança da Informação; 212405 - Analista de Desenvolvimento de Sistemas; 212420 - Analista de Suporte Computacional; 317110 - Programador de Sistemas de Informação; 317210 - Técnico de Apoio ao Usuário de Informática *(Helpdesk*); 212410 - Analista de Redes e de Comunicação de Dados; 313220 - Técnico em Manutenção de Equipamentos de Informática (BRASSCOM, 2017, p.18-33).

Em um primeiro momento, para encontrar as participantes utilizei as redes sociais digitais LinkedIn® e Facebook®. Com dificuldade de encontrá-las por meio dessas plataformas, passei a considerar incluir indicações de pessoas próximas a mim às tentativas de contato pelas redes sociais. Além das ocupações, usei o critério de o mínimo de quatro anos de experiência na área.

Criei uma planilha com metadados predefinidos com nome, função, tempo de experiência, meio de contato imediato, observação para ser preenchida com os dados nos campos descritos. Então, comecei a distribuir convites a mulheres, escrevendo por mensagens privadas nos perfis delas a seguinte mensagem:

Olá Fulana, tudo bem? Meu nome é Graciela, sou desenvolvedora e faço mestrado em educação tecnológica no CEFET-MG. Estou pesquisando sobre mulheres na TI e gostaria de convidá-la a participar da minha pesquisa. Caso, considere a possibilidade de aceitar, podemos combinar para eu te explicar com detalhes de como seria essa participação.

Com isso, alimentava a planilha em questão com os contatos realizados, aguardando o retorno das convidadas. Ao mesmo tempo, na medida em que recebia alguma indicação mediada, o convite era enviado diretamente pelo *WhatsApp*. Em vista disso, tive contato com doze mulheres, que moravam nos estados Bahia, Minas Gerais e São Paulo. Dessas doze, oito se interessaram pela pesquisa e cinco aceitaram participar, depois de explicitada a forma em que se daria a participação.

> “Ela nos conta sua história, narrando os fatos, acontecimentos e afetos que percorrem a sua trajetória vivencial. E, na medida em que o faz, desvela a sua experiência, ao mesmo tempo em que a constrói e reconstrói, através da linguagem. Ao contá-la, ela nos introduz na sua vida, sensibiliza-nos e coloca-nos como participantes da sua experiência, fazendo do pesquisador um sujeito dessa experiência.” (DUTRA, 2002, p. 371)

Segundo Minayo (2013a), a partir dos referenciais teóricos, dos aspectos operacionais da pesquisa, assim como das relações intersubjetivas que se estabelecem no campo empírico da pesquisa qualitativa, não podemos pensá-la como um campo de pesquisa social neutro. Ao serem compartilhadas com outrem, as narrativas constituem-se em uma das formas fundamentais com a qual as pessoas atribuem sentido às suas experiências e organizam a compreensão do seu mundo. (GIBBS, 2009).

Bremond (2011) caracteriza uma narrativa como um discurso que integra obrigatoriamente uma unidade de ação a uma sucessão de acontecimentos de interesse humano. Examinando a 'logica dos possíveis narrativos', Claude Bremond afirma que as leis que regem o universo narrado pertencem a dois níveis de organização, sendo eles:

> a) elas refletem as constrições lógicas que toda série de acontecimentos ordenada sob a forma de narrativa deve respeitar sob pena de ser ininteligível; b) elas acrescentam a estas constrições, válidas para todas as narrativas, as convenções de seu universo particular, característico de uma cultura, de uma época, de um gênero literário, do estilo de um narrador ou, no limite, apenas desta narrativa mesma (BREMOND, 2011, p. 114).

As entrevistas, que visam construir informações pertinentes para a compreensão de um objeto de pesquisa, no seu sentido mais amplo de comunicação verbal, são acima de tudo conversas a dois, sendo no nosso caso, diálogos entre duas mulheres, o que torna o trabalho interacional (a relação entre pesquisador e pesquisado) um instrumento privilegiado de produção do material de campo (MINAYO, 2013a).

Neste estudo, esse referido material foi produzido a partir de entrevistas narrativas. Trata-se de uma técnica de pesquisa que objetiva reconstruir acontecimentos sociais, tendo como base a perspectiva de informantes, participantes da pesquisa. A partir de provocações específicas, a narração é eliciada, e, à medida em que a informante ou o informante a inicia, o fluxo narrativo passa a ser sustentado pelo ato de contar suas histórias. (GIBBS, 2009).

A entrevista narrativa é considerada uma forma de entrevista não estruturada, em profundidade, com características específicas, e, sobretudo, motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas (JOVCHELOVICH; BAUER, 2017). Essa referida técnica tem como elemento central o cuidado de não impor qualquer forma de linguagem ou perspectiva às suas participantes ou aos seus participantes. A história deve partir de acontecimentos reais e algumas regras precisam ser respeitadas.

> A entrevista narrativa se processa através de quatro fases: ela começa coma iniciação, move-se através da narração e da fase de questionamento e termina com a fase da fala conclusiva. Para cada uma dessas fases é sugerido determinado número de regras. A função dessas regras não é tanto encorajar uma adesão cega, mas oferecer

> guia e orientação para o entrevistador, a fim de fazer com que surja uma narração rica sobre um tópico de interesse, evitando os perigos do esquema pergunta-resposta da entrevista. O seguimento destas regras levará certamente a uma situação isenta de constrangimentos, e manterá a disposição do informante de conta uma história sobre acontecimentos importantes (JOVCHELOVICH; BAUER, 2017, s.p.)

As entrevistas foram realizadas em local previamente escolhido pelas entrevistadas, não gerando para elas qualquer custo de deslocamento. Realizei a gravação das conversas por meio de um gravador digital e, após cada sessão, todo o conteúdo foi transcrito para um documento em processador de texto, e posteriormente revisado, obedecendo as padronizações apresentadas a seguir.

Até o encerramento da pesquisa, o material produzido esteve armazenado em uma pasta localizada na nuvem (um servidor externo contratado e acessado via internet, protegido por senha), garantindo sua segurança, em caso de qualquer perda ou avaria nos equipamentos utilizados (computador, celular, gravador etc.).

As entrevistas ocorreram de maneira amigável, as entrevistadas estiveram livres para escolher não responder qualquer pergunta ou intervenção que lhes parecesse desconfortável ou que lhes causasse qualquer tipo de constrangimento. As narrativas produzidas e apresentadas neste trabalho foram apresentadas às participantes e por elas aprovadas, anuindo nossa divulgação. Uma das participantes da pesquisa autorizou a divulgação da imagem de uma das entrevistas realizadas à distância por meio do aplicativo *Microsoft Skype*, assinando o termo de cessão de uso de imagem.

Vale ressaltar que informei a cada participante da pesquisa sobre a livre escolha de encerrar a sessão de entrevista em qualquer momento se assim desejasse, assim como de desistir de participar da pesquisa em qualquer momento, até seu encerramento, embora isso não tenha ocorrido com nenhuma delas. No primeiro encontro com cada entrevistada eu me apresentei e apresentei esta pesquisa:

Meu nome é Graciela, eu faço uma pesquisa de mestrado em Educação Tecnológica que pretende analisar as narrativas de vida e trabalho de mulheres que atuam no setor de Tecnologia da Informação em empresas privadas. A participação das informantes desta pesquisa deve ser voluntária. As entrevistas se darão em forma de uma conversa amigável centrada na temática da sua trajetória laboral. O método narrativo centrado na trajetória laboral foi escolhido,

em razão da intenção de compreender, para além dos aspectos inerentes as atividades laborais que você tem desempenhado durante essa trajetória, as motivações que as levou percorrê-la. As sessões poderão durar entre 40 e 60 minutos, a combinar entre nós antecipadamente. A totalidade das sessões de entrevista se dará de acordo com a sua disponibilidade e do conteúdo das suas narrativas.

Em seguida, apresentei à participante a autorização para realizar a pesquisa, os termos: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Cessão Gratuita de Direito de Uso de imagem e Termo de Cessão Gratuita de Direito de Uso de voz e Trechos ou Partes das Entrevistas, este último previamente descrito no primeiro termo (TCLE). Para resguardar a identidade da entrevistada, sugeri escolher um nome fictício (codinome) pelo qual seria referenciada neste trabalho.

Na primeira entrevista, comecei a conversa com um pequeno questionário estruturado para obter as seguintes informações: idade, cargo/função em que está lotada no setor de TI, tempo de experiência na área da tecnologia. Em seguida, iniciei a entrevista narrativa, em profundidade, com a seguinte formulação inicial:

Gostaria que você me contasse sua história de vida, sua história com a tecnologia e com a TI.

A partir de então, deixei a entrevistada discorrer livremente, verificando os entrelaçamentos das várias facetas do fenômeno estudado, procurando compreender o discurso da entrevistada, expressando tal compreensão por meio de expressões físicas e verbais, sem perder de vista os objetivos do estudo (SZYMANSKI, 2018). Nossas conversas ocorreram de maneira espontânea e amigável, com a menor interferência possível, cabendo intervenção em momentos específicos, como, por exemplo: entre pausas longas ou por solicitação da participante de saber sobre o que mais ela poderia contar.

A partir da segunda entrevista, utilizei a orientação de Szymanski (2018) de elaborar sínteses do conteúdo narrado pela participante, formulando questões que esclarecessem ou focalizassem em aprofundar a compreensão de um dado contexto, atuando no sentido de manter o foco no problema estudado na pesquisa. Precisamos levar em conta que a realidade experenciada em

campo refere-se a concretude da atividade humana[31] - vis-à-vis entre corpos-si (pesquisadora e participantes) – na produção das narrativas. Rememorar o passado e reconstruí-lo pelo relato narrativo é um ato, uma tentativa de aproximação das ressingularizações construídas em atividade, pois,

> se a atividade é permanentemente tentativa de colocar em sinergia, em primeiro lugar "o corpo e a alma", a tentativa de se aproximar da atividade pela sua expressão em linguagem tropeçará sempre em um nível desconhecido referente às sinergias, circuitos e regulações próprias ao 'corpo' em trabalho nas renormatizações (um corpo já instruído, penetrado pela história de suas renormatizações). (SCHWARTZ, 2011, p. 61)

A relação de confiança estabelecida entre o(a) pesquisadora(or) e suas(eus) entrevistadas(os) é parte fundamental do sucesso da pesquisa, assim como o desenvolvimento dessas sensibilidades, percepções às vezes de cunho subjetivo por pesquisadoras(res) que utilizam o método história de vida ou abordagens semelhantes na pesquisa qualitativa.

Fases	**Regras**
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanentes[32]
1. Iniciação	formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxílios visuais
2. Narração central	Não interromper Somente encorajamento não verbal para continuar a narração Esperar para os sinais de finalização ("coda")
3. Fase de perguntas	Somente "Que aconteceu então?" Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo "Por quê?" Ir de perguntas exmanentes para imanentes[33]
4. Fase conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo "Por quê?" Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

Quadro 1. Principais fases e regras das entrevistas. Fonte: Jovchelovich; Bauer (2017)

[31] Considerando as narrativas como sendo a reflexão das experiências rememoradas, construídas em um contexto interativo da pesquisa. Reflexões acerca da atividade de trabalho e vida.

[32] As questões exmanentes refletem os interesses da(o) pesquisadora(or), suas formulações e linguagem. (JOVCHELOVICH; BAUER, 2017, s.p.)

[33] As questões imanentes referem-se aos temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração trazidos pela(o) informante. (JOVCHELOVICH; BAUER, 2017, s.p.)

Nesta pesquisa, além da orientação de Szymanski (2018), segui o roteiro de Jovchelovich e Bauer (2017) apresentado no Quadro 1, sintetizando as principais fases e regras adotadas na condução das entrevistas narrativa desta pesquisa.

É preciso enfatizar que iniciei a pesquisa de campo somente após a **aprovação** do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética do sistema CEP/CONEP. Em adição, reitero que este trabalho foi conduzido e orientado pelos protocolos éticos que garantem o respeito pela dignidade humana e a proteção de vida dos participantes da pesquisa, em conformidade com as resoluções nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e nº 510 de 7 de abril de 2016.

Depois de cada entrevista, realizamos a transcrição e as revisões baseadas em padrões. A padronização obedeceu: 1. Dividir as falas entre a entrevistadora e a entrevistada; Sinalizar pausas com três pontos (...); 2. Sinalizar sons emitidos entre colchetes [*pow*!][*pan*!][soprou][assobiou]; 3. Destacar em vermelho as palavras que não entendeu ou teve dúvida (termos técnicos); 4. Escrever o tempo exato do início da fala da expressão; 5. Revisar a transcrição de cada entrevista corrigindo os erros e adicionando em comentário as anotações de campo relacionadas; 6. Reunir as entrevistas em um único documento, destacando o número entrevista e a data em que ocorreu a entrevista e a transcrição; 7. Inserir numeração nas páginas e nas linhas do texto.

Segundo Spink (2010), mapas, árvores e linhas narrativas têm sido utilizados nas pesquisas qualitativas com o intuito de conferir relevância às interanimações dialógicas, presentes nos procedimentos de coleta de dados e suas ressonâncias no conteúdo discursivo, de modo a integrar ao material discursivo, o contexto interativo da sua produção. Para a autora, o uso do mapa, como instrumento de visualização dos processos de interanimação, acabou sendo a técnica central no trabalho de análise nas pesquisas desenvolvidas por ela e sua equipe.

> Fomos percebendo também que o que chamamos de diálogo é uma atividade bastante complexa que envolve uma série de estratégias de fala, que incluem a narrativa, a argumentação, os depoimentos etc. Dessa constatação emergiram perguntas diversas, por exemplo: que perguntas suscitam uma narrativa? Que perguntas geram processos de negociação de sentido? Quando se torna necessário justificar? Em que tipo de interação passa a ser necessário argumentar contra ou a

> favor de algo? O mapa permite também entender essa diversidade (SPINK, 2010, p. 39).

O mapa utilizado por Spink (2010) tem o formato de uma tabela onde as colunas são definidas tematicamente e a definição de cada tema está diretamente relacionada ao processo de norteamento do conteúdo de uma interação discursiva bem específica, gerada pelo procedimento de pesquisa. Nesta pesquisa, fizemos uso de um mapa analítico como instrumento para organizar o material produzido no campo empírico enquanto realizávamos a primeira camada de análise do referido material.

O mapa analítico das narrativas é uma técnica que possibilita a organização, visualização geral e análise do material produzido no campo empírico da pesquisa. Sua construção foi inspirada na técnica do mapa pessoal, desenvolvida por Moreira (2020), que integra diversos elementos (categorias, percepções, impressões, contexto social) junto às subtramas das narrativas, por meio de tiras de papel adesivo em diferentes cores escritas em diferentes cores de caneta em um quadro branco. O mapa pessoal de Moreira (2020) possui elementos e regras - eixos verticais e horizontais, codificação, categorias dos eixos, uso de diversas cores de canetas – dos quais tomei alguns emprestados para empreender a construção dos mapas analíticos desta pesquisa.

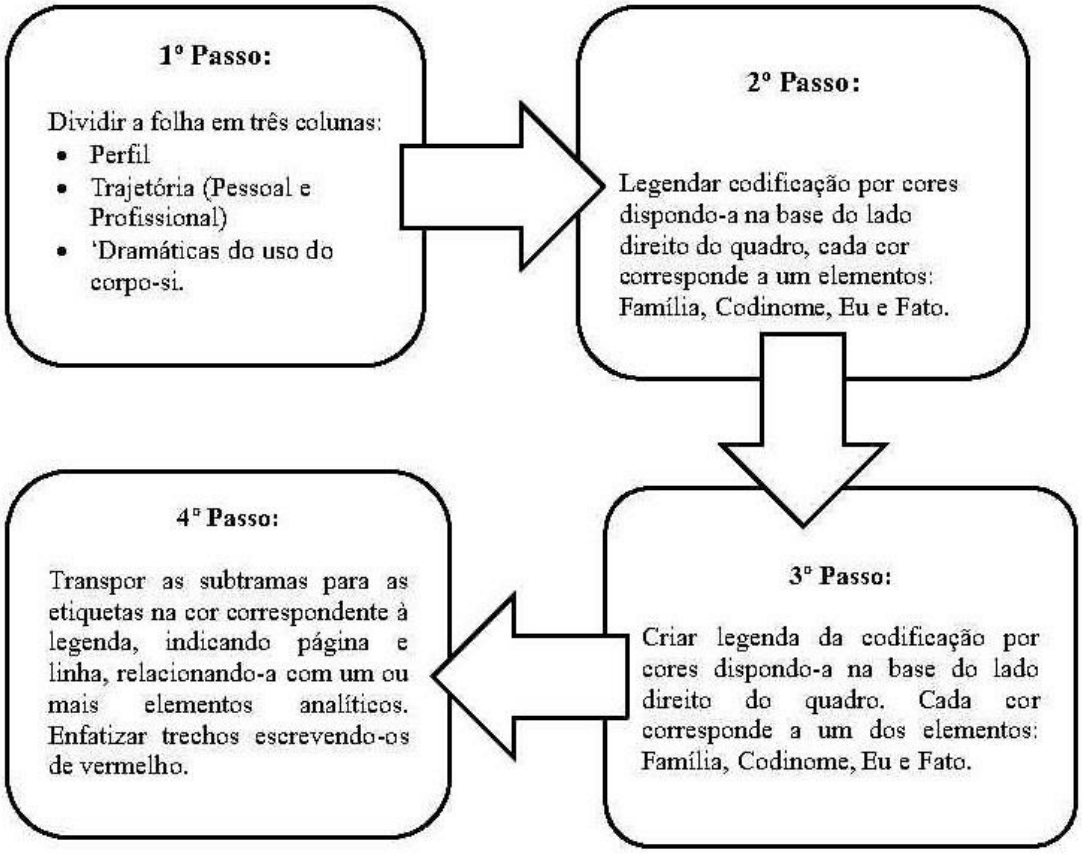

Figura 2. Síntese do passo a passo da construção do mapa analítico. Fonte: Elaborado pela autora.

O mapa analítico é, portanto, uma adaptação do mapa pessoal da referida autora. Mais simples que o original, guarda a mesma lógica e estrutura de uso dos eixos e codificação por cores para distribuir o conteúdo do material produzido em campo. A seguir, descrevo detalhadamente as tarefas realizadas para a construção do mapa analítico. Utilizei como material um bloco de folhas de papel sulfite de tamanho A3, folhas adesivas (*post its*) em formato de tiras em quatro cores diferentes e canetas vermelhas e azuis. Utilizando apenas eixos verticais, dividi uma das folhas do bloco, disposta horizontalmente (formato paisagem), em três grandes eixos indicando no cabeçalho de cada coluna os metadados[34]: ´Perfil'; 'Trajetória (Pessoal e Profissional)' e 'Dramáticas dos usos do corpo-si', os quais defini, baseando-me nos objetivos da pesquisa.

[34] O conteúdo do metadado diz sobre o que se trata o dado. É o rótulo do conteúdo.

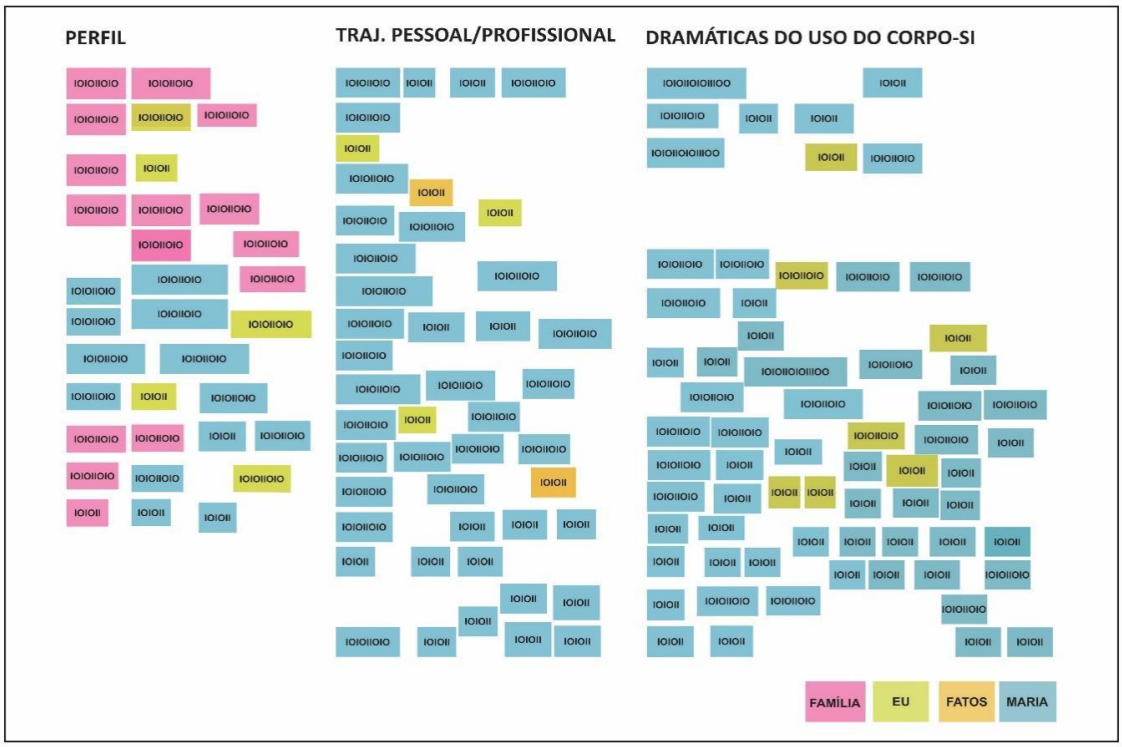

Figura 3. Modelo do mapa analítico. Fonte: Moreira (2020), adaptado pela autora.

A partir da estrutura de codificação ora mencionada, codifiquei as etiquetas (tiras adesivas), criando previamente a legenda de cores, dispondo-a na base do lado direito do quadro, conforme a Figura 3. Atribuí a cada cor de etiqueta um tipo de elemento a ser disposto no mapa, sendo eles: ‘Família’, para indicar narrativas relativas aos familiares e relações afetivas da participante; ‘Codinome’, descrito com o codinome da participante, para indicar narrativas relativas às experiências delas ao longo da sua vida; ‘Eu’, para conter elementos de análise relacionados a uma ou mais subtrama, a saber: minhas impressões e anotações de campo, conexões teóricas e relação com a literatura; e ‘Fato’, para se referir a algum fato histórico associado ao contexto sócio-histórico narrado.

Posteriormente, passei a ler a transcrição das entrevistas, realizando a transposição das subtramas para as tiras na cor da legenda correspondente, acrescida da página e linha inicial do trecho indicado no documento cujas entrevistas foram transcritas e tratadas. Utilizei caneta de cor vermelha para dar ênfase ao conteúdo da tira e de cor azul para os demais conteúdos, dispondo a tira no quadro na coluna correspondente a uma das três grandes categorias, ordenando-as cronologicamente, reposicionado outras tiras, quando necessário. À medida em que inseria as tiras contendo narrativas, já comecei a analisá-las -

inserindo outras tiras relativas ao elemento emergente - relacionando-as entre si. Esse movimento analítico aconteceu em diversos momentos durante a construção do mapa, mas, também, depois de as narrativas produzidas em todas as entrevistas estarem dispostas no quadro.

Embora na técnica não haja exigência da utilização de cores definidas para cada categoria - podendo ser alteradas a cada mapa - a ideia de Moreira (2020) de utilizar diferentes cores de tiras adesivas, a qual adotamos no nosso mapa, contribuiu para dar sentido ao conteúdo, a partir das cores das tiras nele dispostas. A imagem dos elementos distribuídos no mapa me conferiu uma visão de conjunto sobre o material produzido no campo.

Nome	**Idade**	**Estado Civil**	**Formação**	**Ocupação Atual**	**Experiência**
Lamarr	27 anos	Casada	Banco de Dados e Estratégia de Negócios	Analista de Negócios	11 anos
Lola	25 anos	União Estável	Sistemas de Informação	Desenvolvedora	05 anos
Maka	23 anos	Solteira	Manutenção de Computadores	Técnica em Manutenção de Computadores	04 anos
Pandora	45 anos	Solteira	Redes de Computadores e Administração de Redes de Computadores	*Digital Protector Officer*	20 anos
Sara	27 anos	Casada	Ciência da Computação e Desenvolvimento e Análise de sistemas	*Desenvolvedora Traineer*	06 anos

Tabela 1. Síntese das entrevistadas

Durante a construção do mapa, realizei a primeira análise do material de campo, a qual denomino primeira camada. Para levar os trechos narrativos e analíticos para o mapa, posicionar as tiras, escolher dar ênfase ao seu conteúdo, segui critérios subjetivos, considerando as anotações de campo, eventos, lógicas de ação, configurações de relações sociais, rupturas, referências etc. A partir de três grandes eixos verticais do mapa (colunas ‘Perfil’, ‘Trajetórias pessoal/profissional’ e ‘Dramáticas dos usos do corpo-si’) inseri linhas de tiras adesiva contendo grupos de subtramas e elementos analíticos reunindo, no

terceiro eixo, dramáticas identificadas nas narrativas analisadas durante a transposição das subtramas para o mapa.

Vale ressaltar que, durante a construção do mapa, identifiquei toda ordem de dramáticas, renormatizações, exigência vital a que todas e todos nós temos incessantemente que lidar ao longo de todos os dias das nossas vidas (das de debate norma e valores, impasses, escolhas entre o uso de si por si, e o uso de si pelos outros).

As escolhas sobre o que levar ou não das narrativas para o mapa, para onde levar, o que e como relacionar, de forma geral, basearam-se no corpo teórico que ancora esta pesquisa. No entanto, sem deixar de considerar a dimensão gestionária da atividade, dialeticamente dialogada com tais elaborações conceituais, de modo que o uso dos conceitos não neutralize os debates de norma e a dimensão axiológica onde esses debates foram inscritos (DURRIVE, 2011; SCHWARTZ, 2000; 2003).

Na próxima subseção apresentamos o perfil global das cinco participantes, elaborados a partir dos mapas analíticos, sintetizado na Tabela 1.

3.3 PERFIL GLOBAL DAS INFORMANTES

> Conheci um “ela” que humanizava bicho conversando com ele e emprestando-lhe as próprias características. Não humanizo bicho porque é ofensa – há que respeitar-lhe a natureza – eu é que me animalizo. Não é difícil e vem simplesmente. É só não lutar contra e é só entregar-se (Clarice Lispector).

LAMARR

Lamarr é uma mulher, de 27 anos, natural de Salvador, estado da Bahia, casada, sem filhos, reside com o marido Max e o cachorro Foley, na cidade de Cotia, região metropolitana de São Paulo. Ela é técnica em sistemas de informação (Ensino Médio), graduada em Banco de Dados e pós-graduada em Estratégia de Negócios em Tecnologia da Informação, tendo onze anos de experiência de trabalho no setor de TI. Atualmente, trabalha no regime CLT, em uma empresa de software de telecomunicações, situada na capital paulista, que presta serviços para a Agência Nacional de Telecomunicações – ANATEL. Atua como analista de sistemas, analista de suporte e de banco de dados.

Lamarr tem origem familiar humilde. Sua mãe faleceu, acometida por um câncer de mama, quando ela tinha dez anos de idade. Seu pai trabalha como vendedor de colchões há muitos anos na cidade de São Paulo. Quando ela tinha quinze anos, o pai se mudou para morar com outra companheira em um apartamento em outro bloco do conjunto habitacional em que viviam, na periferia de São Paulo, a (COHAB-SP[35]). Ela e o irmão, cinco anos mais velho, moraram juntos, dividindo as tarefas e as despesas da casa por cinco anos até Max, então namorado de Lamarr há cerca de um ano, juntar-se a eles. Dois anos depois, Lamarr e Max se casam e compram um apartamento em Cotia para onde se mudaram depois de um ano e meio.

O ingresso dela na área da TI foi um projeto do pai, que a levou, aos doze anos de idade, junto com seu irmão, para fazerem cursos na área da computação. Sob essa orientação, fez Ensino Médio Técnico em Sistemas de Informação, quando, aos dezesseis anos de idade, fez estágio e posteriormente foi contratada por uma empresa que prestava suporte a dispositivos móveis, especialmente no *Amazon Kindle*. Ainda no primeiro emprego, em que trabalhou por nove meses depois do estágio, Lamarr ingressa na Graduação em Banco de Dados.

O segundo emprego de Lamarr foi em uma empresa de médio porte, na área de Banco de Dados, especialidade da sua graduação tecnológica. Contratada para apoiar o serviço prestado pelo colega que era seu chefe, trabalhava com tratamento dos dados dos sistemas de informação e construção de relatórios em linguagem de banco de dados. Marcadamente importante na aquisição de experiência com o trabalho em banco de dados, Lamarr, permaneceu na empresa por nove meses e foi demitida, ficando desempregada por dois meses, antes do terceiro emprego. Nesse próximo, dessa vez em uma microempresa de desenvolvimento e manutenção de sistemas ERP[36], ela era responsável sozinha pela manutenção dos bancos de dados dos sistemas que a empresa comercializava. Embora ganhasse muito pouco, essa foi uma época

---

[35] Companhia Brasileira de Habitação de São Paulo, criada em 1965, com a finalidade de favorecer o acesso à habitação à população de baixa renda. Para mais informação, visite http://cohab.sp.gov.br.

[36] Soluções Enterprise Resource Planning ou Sistema de Gestão Integrada. Como o nome já sugere, esse tipo de aplicação integra a gestão das várias áreas de uma empresa, como, compras, estoque, vendas, financeiro, recursos humanos, parte contábil, fiscal etc.

muito importante da sua vida, tanto profissional quanto pessoal, pois, estando a um ano de se graduar, preparava-se para algo maior.

Depois da formatura, Lamarr, obtém uma certificação em Oracle[37], e faz um acordo com o dono da empresa, para sair da empresa e receber o seguro-desemprego, iniciando uma jornada de seis meses, na busca de uma oportunidade de trabalho como DBA[38]. Apesar de participar de diversos processos seletivos, ela desiste de continuar. Com o seguro-desemprego próximo ao fim, Lamarr, por meio do irmão, consegue ingressar na equipe de analistas PJ[39], da qual, ele fazia parte, prestando serviços de sustentação, nível 3[40], para a empresa na qual atualmente ela é funcionária.

O codinome Lamarr é uma homenagem de nossa participante à Hedy Lamarr (1914-2000), atriz de Hollywood e inventora da tecnologia que deu origem ao *Wifi*. Além do codinome, ela escolheu todos os nomes fictícios que figuraram em sua narrativa. Nosso contato foi através do *Instagram*, em um *post* onde se discutia a participação de mulheres na tecnologia. Iniciamos as entrevistas de forma *on-line* por meio do *Skype* em 9 de junho de 2019. Realizamos mais duas entrevistas à distância nos meses de julho e agosto. No dia 12 de setembro, tivemos nosso primeiro encontro presencial e realizamos nossa quarta entrevista no restaurante do hotel em que me hospedava. No mês de outubro, fizemos a quinta entrevista via *Skype* e, no mês de novembro, voltei a São Paulo, dessa vez, exclusivamente para fechar as entrevistas com Lamarr. Realizamos as duas últimas entrevistas nos dias 14 e 16 de novembro, ambas na casa de Lamarr, com duração de uma hora, quando, com o apoio de fotos, narrou detalhes das suas memórias.

LOLA

Lola tem 25 anos de idade, natural de uma cidade do interior de Minas Gerais, declarando-se uma mulher bissexual e gorda. Mora com o companheiro, dois gatos e um cachorro em Belo Horizonte, é graduada em Sistemas de

---

[37] Uma certificação profissional atesta conhecimento do portador em uma área específica. Meio de classificação muito utilizado nas seleções de emprego da área da TI.
[38] Data Base Administrator, ou Administrador de Banco de Dados.
[39] Quando o profissional é uma pessoa jurídica, não contratado em carteira.
[40] Presta atendimento à clientes, em nível superficial, de suporte imediato, sem acesso, as regras de negócio da empresa. Esses serviços são geralmente terceirizados.

Informação, tendo cinco anos de experiência de trabalho na área de TI. Até as duas primeiras entrevistas, ela estava no terceiro emprego na área de alta qualificação do setor de TI, atuando como desenvolvedora em uma empresa de pequeno porte, onde desempenhava tarefas do tipo *front-end* e *back-end*[41], atuando principalmente na segunda função. Além disso, fazia trabalhos como *freelancer* para aumentar sua renda.

Oriunda de uma família de classe média do interior do estado, Lola é filha única. Sua mãe é bancária, seu pai administrador de empresas e trabalha há muitos anos no escritório de contabilidade do irmão. Iniciou graduação em Arquitetura, mas não gostou do curso, principalmente por pensar que não tem vocação para desenhar. Assim, ela a abandonou, mesmo contra a vontade dos pais, que depois de terem financiado sua viagem de intercâmbio para o Canadá, decidiram que não iriam mais financiar seus estudos.

Lola, trabalhou como atendente de *telemarketing* para pagar o curso de Sistemas de Informação, que, segundo ela, foi uma sugestão da sua mãe por considerar o seu gosto por computadores e pela área de exatas. Antes de terminar o curso, ela já ingressou em uma empresa como programadora, onde iniciou sua trajetória profissional.

Meu contato com Lola foi através das redes sociais, *Facebook* e *LinkedIn*. Por meio de uma mensagem privada, apresentei-me e sinteticamente realizei o convite, deixando o número do meu telefone para contato. Ela respondeu positivamente e realizamos três encontros de duração média de sessenta minutos, entre o dia 13 de junho e o dia 6 de agosto de 2019.

Ela escolheu uma cafeteria no centro da cidade, onde realizamos as duas primeiras entrevistas. A primeira entrevista aconteceu somente depois de ela ter lido, preenchido e assinado os termos de consentimento e o roteiro de entrevista. Sobre preservarmos a identidade da participante nos resultados da pesquisa, em princípio, ela se mostrou bastante confortável com a questão.

---

[41] *Front-end* e *back-end* são epítetos que diferenciam os dois tipos de tarefas que compõe, a programação de uma aplicação. As tarefas de *front-end* envolvem o desenvolvimento por meio de codificação das interfaces, geralmente, *Web*, entre as aplicações e os usuários. Já as tarefas de *back-end* por sua vez compreendem à codificação das pontes entre a interface das aplicações e o banco de dados e o processamento das regras de negócio, que constituem o núcleo, ou o centro das aplicações – a que elas servem.

A terceira e última entrevista com Lola aconteceu no dia 6 de agosto em outra cafeteria de sua escolha, dessa vez, em um *shopping*. Ela me contou que, no intervalo dos nosso encontros, havia participado de uma seleção e sido contratada por uma empresa multinacional de TI, a qual ela havia almejado, inclusive falou sobre esse objetivo na primeira entrevista.

Nesse encontro, Lola se mostrou bastante preocupada com a questão do anonimato, enfatizando que não fosse divulgada na pesquisa qualquer informação que pudesse identificá-la. Em seguida, viajou para treinamento em um escritório da empresa em outro país. Por esta razão, este perfil histórico é menos detalhado.

MAKA

Maka é uma mulher lésbica, solteira, natural de Belo Horizonte e tem 23 anos de idade. Cursando o segundo ano de jornalismo, ela trabalha há quatro anos fazendo montagem, conserto e manutenção de computadores, atendendo pessoas e empresas com seus serviços. A maior parte das tarefas é desempenhada na sua casa, que também é seu local de trabalho. Mas ela também faz atendimento nos escritórios e residências dos clientes, quando necessário.

Oriunda de uma família humilde, ela morava com a mãe em uma comunidade de Belo Horizonte antes de alugar o apartamento no centro de Belo Horizonte, o qual divide com dois amigos e uma gata, cerca de seis meses antes da nossa primeira entrevista, dia 14 de junho. Anteriormente, Maka trabalhou como vendedora de roupas. Depois, foi proprietária de um topa-tudo[42], que acabou falindo, ficando desempregada.

Há cerca de quatros anos ela quebrou a tela do seu *notebook* e, ao levá-lo para consertar, em um estabelecimento do bairro, o técnico devolveu a máquina sem ter conseguido consertá-lo. Por indicação da sua mãe, ela levou o equipamento em outro lugar, onde ficou sabendo que a placa-mãe do *notebook* havia sido queimada, embora o conserto da tela de um *laptop* não envolva abertura da parte onde se encontram os circuitos da máquina, como os da placa-mãe.

[42] Um comércio que compra e vende produtos usados com baixo custo, principalmente, móveis e eletrodomésticos.

Nessa loja, Maka avistou o anúncio de um curso de montagem e manutenção de computadores, onde viu a oportunidade de aprender uma profissão e ao mesmo tempo realizar o desejo de que ninguém mais tocasse em um computador seu. Ainda durante o curso, quando aprendeu a formatar computadores, a jovem criou um perfil no *Instagram* que oferecia serviços de formatação de computadores, e, assim, foi aumentando o número de clientes, a partir da indicação dos seus serviços entre as pessoas. Na medida em que ia adquirindo conhecimento, colocava-o em prática, ampliando os tipos de serviço oferecidos e o número de clientes. No final do curso, já estava fazendo todas as variações possíveis da profissão.

Cheguei até Maka por indicação da minha professora de francês, que intermediou o contato previamente com ela e depois me entregou o cartão de visitas dela, autorizando o contato. Ela me recebeu na sua casa onde realizamos as duas entrevistas com duração aproximada de sessenta minutos. Nossa primeira entrevista foi no dia 14 de junho de 2019 e a segunda, e última, em 17 de julho do mesmo ano. Maka foi a única mulher que abdicou de um codinome anônimo. Maka é seu apelido e sua marca.

Maka trabalha em ritmo acelerado, em vários computadores ao mesmo tempo, espalhados por vários espaços do seu estiloso quarto. Em um lado da parede há uma bandeira LGBTQI+, em outro, um quadro com a organização das tarefas e ordens de serviço, e um aviso: Beba água! Ela conta que adora esse trabalho, embora seja arriscado e difícil, pois as pessoas precisam para ‘ontem’ do equipamento pronto para uso. Além disso, esse trabalho precisa passar confiança, principalmente quando se trata de computador pessoal. Dependendo do serviço, pode levar uma hora, como pode levar um ano para ficar pronto (em um caso extremo, quando uma solda demora para fixar uma peça), mas também pode não acontecer de ela conseguir consertar a máquina.

PANDORA

Pandora é uma mulher negra (autodeclarada), de 45 anos, solteira, sem filhos, natural de Belo Horizonte – MG. Graduada em Tecnologia de Redes de Computadores e pós-graduada em Administração de Rede de Computadores, cursando, atualmente, o segundo ano de Bacharelado em Direito. Mora em um bairro de classe média-alta na região centro-sul de Belo Horizonte e trabalha na

área de direito digital, em uma empresa de grande porte, que compõe uma rede privada de instituições de educação profissional, possuindo vinte anos de experiência no setor de Tecnologia da Informação.

De origem humilde, a mãe é dona de casa e o pai, falecido em 2003, foi motorista particular e taxista. Quando se casaram, seus pais alugaram um quarto na casa de um casal de idosos, na periferia da cidade de Belo Horizonte. Pandora e a irmã, dez meses mais velha, nasceram nessa casa, sendo adotadas como netas pelo senhor e pela senhora. Pandora cresceu brincando na oficina de consertos desse 'avô', o seu melhor amigo. Oito anos depois de morar com o casal de idosos, a família mudou-se para um imóvel localizado em um bairro de classe média-alta no centro-sul da cidade de Belo Horizonte, o qual fora cedido pelo patrão do seu pai. Trinta anos depois, Pandora o comprou da família.

Na adolescência, tinha dificuldade de se relacionar, passando muitas horas jogando videogame trancada no quarto. Quando estava no ensino médio, trabalhou por alguns meses em uma empresa de cota de clubes, onde viu um setor de TI pela primeira vez, ainda nos moldes de CPD[43]. Pandora parou de estudar e passou por vários empregos, a maior parte na ocupação de atendimento ao cliente, nas recepções ou balcões das empresas. Com a rescisão de contrato do último emprego, Pandora fez o supletivo, concluindo o Ensino Médio.

Em seguida, em um curso de digitação, desenvolveu a habilidade que muito contribuiu com seu ingresso, aos dezoito anos, na referida instituição de educação. Pandora construiu sua trajetória profissional em uma única empresa, sendo contratada para trabalhar no departamento administrativo, em princípio fazendo *clippings* de mídia impressa[44]. Aproveitando a oportunidade de trabalhar em uma empresa de educação profissional ela fez muitos cursos, quando, um tempo depois, passou a fazer tarefas de fechamento da produção usando uma calculadora, e, em seguida, um computador.

Pouco tempo depois, durante uma visita a outro departamento da empresa, Pandora se ofereceu voluntariamente para consertar a impressora do

---

[43] Centro de Processamentos de Dados, ambiente refrigerado com paredes de vidro, onde o setor de TI das empresas funcionava.

[44] Muito comum entre os anos 1990 e 2000, o serviço consistia em recortar as notícias sobre a empresa, que saiam na mídia, e colar em uma espécie de livro.

local, que havia parado de funcionar. Pouco tempo depois, fez uma seleção interna e passou a trabalhar como atendente de suporte à *hardware* no setor de TI da instituição. Ao longo de vinte anos, ela se graduou e pós-graduou, passou por várias ocupações na área de suporte à *hardware* do setor de TI da empresa: de atendente a analista, de analista a coordenadora de área e, atualmente, trabalha como *Digital Protector Officer* (Executiva de Proteção Digital).

Pandora atribui a escolha do codinome à mitologia grega. Meu contato com ela ocorreu por indicação de uma colega de mestrado que intermediou nosso encontro. Fizemos a primeira entrevista no dia 7 de junho de 2019. Nos encontramos em um shopping center, mas, devido ao ruído, acabamos realizando a entrevista na lanchonete de uma padaria, próxima ao referido local. Realizamos um total de sete entrevistas, sendo duas realizadas em uma sala de escritório nas imediações do local de trabalho de Pandora, no final das tardes de 29 de julho e 31 de agosto, depois do expediente de trabalho. Realizamos duas entrevistas on-line, por meio de *Skype* e *WhatsApp*, nos dias 24 de setembro e 6 de novembro, e duas entrevistas em um restaurante no centro da cidade nos dias 9 de outubro e 20 de novembro, quando fechamos o campo.

SARA

Sara é uma mulher negra (autodeclarada), casada, sem filhos, de 27 anos, natural da cidade de Betim, região metropolitana de Belo Horizonte. Graduada em Ciência da Computação (Bacharelado) e em Desenvolvimento e Análise de Sistemas (Tecnológico), tem seis anos de experiência na área da TI. Mora com o marido e a mãe, na casa em que nasceu, na cidade de Betim. Há um ano e meio, trabalha como desenvolvedora e gerente de projetos de uma empresa de TI de médio porte da cidade de Belo Horizonte. Sara também é modelo e dançarina.

Seus pais tiveram um casal de filhos. Ela é três anos mais nova que seu irmão, que mora com a companheira e a filha nas imediações da casa dela. Seu pai trabalha nos Correios e sua mãe, que foi dona de casa durante muitos anos e depois dos filhos ficarem mais independentes fez um curso técnico em enfermagem, atualmente trabalhando em dois hospitais de Belo Horizonte. Seus pais se separaram há cerca de cinco anos e, desde então, Sara não tem muito contato com o pai, falando com ele por telefone de vez em quando.

Ela começou a primeira graduação com dezessete anos e a trabalhar com TI durante o estágio da faculdade, dando aula de informática em um programa da prefeitura de Betim voltado para crianças e adolescentes. Depois de formada, foi trabalhar no setor de TI de um banco privado em Belo Horizonte, atuando como Analista de Segurança da Informação. Em seguida, trabalhou em uma empresa de telecomunicações que presta serviços de informática a um grupo de empresas montadoras de automóveis que funcionava dentro do espaço físico de uma delas na cidade de Betim. Exercia diversas funções de suporte a cliente, notadamente os serviços de *help desk*[45].

Depois ela se afastou da área de TI, quando foi trabalhar na área administrativa do setor de cartografia da prefeitura de Betim, responsável por serviços de geoprocessamento. Quando saiu desse emprego, não conseguiu mais uma posição no mercado de trabalho e resolveu fazer a segunda graduação, dessa vez tecnológica, voltada para a prática. Com a sua formação anterior, conseguiu aproveitar várias disciplinas do currículo, sobretudo as teóricas, concentrando-se na atualização das tecnologias em voga no momento. Depois de finalizar a segunda formação, Sara foi contratada para dar aulas de programação na área de robótica em escolas públicas da cidade de Betim, dessa vez em um programa do estado. Seis meses depois, ela conseguiu um estágio para atuar como programadora na empresa em que trabalha atualmente.

Ainda como estagiária, Sara recebeu diretamente de um dos CEOs da empresa a proposta de gerenciar um projeto que envolvia a construção de um aplicativo multiplataforma[46], com a promessa de contratação em um cargo de um nível mais elevado ao final do projeto. Liderando uma equipe de quatro homens, cujos cargos e salários eram mais elevados que o dela, finalizou o projeto em oito meses, sendo contratada como trainee nível 1[47], cargo CLT[48] de menor nível.

---

[45] O profissional de help desk utiliza ferramentas integradas de comunicação para abertura de chamadas, soluções de problemas de software mais simples, que não envolve as regras de negócio da empresa. Normalmente, as empresas de grande porte terceirizam esse tipo de serviços, contratando empresas menores.

[46] Uma aplicação multiplataforma é aquela que funciona, tanto em computadores, como em dispositivos móveis.

[47] As empresas costumam usar níveis para suas ocupações. Nessa empresa, o cargo de programador, possui cinco subníveis dentro de cada categoria (Estagiário, Trainee, Desenvolvedor Júnior, Master e Sênior).

[48] Os cargos anteriores, se referem aos de estágios remunerados. O cargo CLT é quando a pessoa se torna funcionária da empresa, tendo sua carteira assinada.

Meu contato com Sara foi por meio do *Facebook* e *LinkedIn*. Realizei o convite pelo *Messenger* do *Facebook* e ela prontamente aceitou conversar comigo para acertar os detalhes das entrevistas. Nós tivemos um total de quatro entrevistas em quatro encontros, a primeira delas realizada em sua casa, na cidade de Betim, no dia 8 de junho, e a última em 6 de agosto de 2019. As demais entrevistas ocorreram em um espaço reservado em um mezanino de um restaurante próximo ao trabalho de Sara, durante a semana, no bairro Funcionários, na região centro-sul de Belo Horizonte popularmente conhecida como Savassi.

A seguir, na última parte desta seção, descrevemos o passo a passo da elaboração do resultado narrativo das duas participantes escolhidas entre as cinco entrevistadas pelo critério de maior tempo (em anos) de experiência no trabalho no setor de Tecnologia da Informação.

3.4 ANÁLISE EM DUAS CAMADAS

> A pesquisa, que pontua sua metodologia entre o prescrito e o real, produz movimento e, logo, transformações (Laís Di Bella C. Rabelo).

Dos cinco mapas pré-montados, escolhemos os das duas participantes com mais tempo de experiência (em anos) no trabalho da TI como duas unidades de análise, para aprofundarmos o estudo. Investirmos em nos aproximar da dimensão diacrônica do microuniverso do trabalho, percorrendo o caminho que elas fizeram até o setor de TI, para, em seguida destacar os elementos que compreendem a sua inserção no trabalho, seus deslocamentos e permanências. Dessa forma, respeitando a singularidade em relação ao modo como qual cada uma fala sobre si e sua interação com o mundo, emolduramos os enredos narrativos em um formato no qual pudéssemos apresentar três momentos narrativos.

No primeiro momento, a participante se apresenta, falando um pouco sobre si mesma, narrando sobre suas referências, seu modo de ver o mundo. No segundo, ela apresenta sua origem, seu meio de vida, seus afetos (família nuclear de origem e/ou constituída) e sua interação com eles. O terceiro momento, mais importante e extenso, refere-se a relação que ela estabelece com o mundo do trabalho. Nele, as narrativas exprimem sua trajetória laboral, os acontecimentos e os diversos modos com os quais ela se desloca dentro da história.

As dramáticas dos usos do corpo-si estão imbricadas no texto, composto por um conjunto de subtramas organizadas em torno de um acontecimento ou uma unidade de mesma ação, separados por três asteriscos (* * *), em um discurso que integra uma sucessão de acontecimentos. Sabemos que das bases axiológicas, as quais inspiram as normas antecedentes, endógenas e exógenas ao corpo-si, que precisam ser retrabalhadas por ele, destacam-se dois grandes grupos, ou conjuntos de valores que se interpenetram de maneira complexa nesse emaranhado de arbitragens, cujas dramáticas se enraízam no corpo-si, tornando-o histórico, enquanto implicam-se em horizontes culturais mais amplos

e generosos, escapando, em grande medida, a qualquer padrão de procedimento (SCHWARTZ, 2016).

São eles valores dimensionáveis, quantificáveis, representados principalmente pelos valores mercantis, monetários, e valores sem dimensão ou não dimensionáveis, cuja grandeza e graus próprios de intensidade não possuem nenhuma unidade de medida comparativa. Esses últimos, “não existem inteiramente separados dos protagonistas da atividade, de sua experiência, porque essa atividade, essa experiência, no momento em que convocam, reelaboram esses valores, redescobrem, constantemente, seu conteúdo e sua definição” (SCHWARTZ, 2016, p. 340).

Por esta razão, assumindo os limites da nossa interpretação, não prescindimos do desconforto intelectual frente à impossibilidade de apreensão de boa parte das dramáticas e do universo de valores implícitos nas narrativas produzidas no campo. Ademais, procuramos não atribuir qualquer juízo de valor ou inferir sentido às tomadas de posição de nossas participantes. Nesta pesquisa “não há tentativa ilegítima da objetividade. Todas as explicações científicas são mediadas [...], logo, a racionalidade é uma ilusão de ótica” (RABELO, 2020, p. 58).

Para escrever o primeiro momento narrativo, direcionamos a atenção para a primeira coluna do mapa, selecionamos e organizamos as subtramas nele dispostas, cujo conteúdo narrativo indica características pessoais da participante, o que ela narra sobre si, sobre suas origens familiares e sobre a posição que ocupa no meio, ou seja, o papel que ela adota no seu círculo mais próximo de convivência. O intuito de trazer essa parte para a história é de apresentar a participante, de modo que a leitora e o leitor possam produzir as primeiras impressões sobre ela.

Na construção do texto que se refere ao segundo momento narrativo – a infância e a adolescência da participante - iniciamos o percurso, organizado cronologicamente no mapa, caminhando da esquerda para a direita no eixo horizontal, e de cima para baixo na vertical. Encontramos e selecionamos grupos de subtramas que se referem a experiências do referido período da vida, quando acontecem os processos de socialização e educação, nos quais a maior parte das pessoas estabelecem suas diretrizes relativas ao mundo do trabalho. No

caso das nossas participantes, o contato com a tecnologia foi um assunto que nos interessou buscar.

Embora o enfoque desta pesquisa seja abordar o trabalho das mulheres, sobretudo na Tecnologia da Informação, a partir das suas dramáticas e as relações sociais que as atravessam, escolhemos incluir na apresentação das narrativas elementos da experiência na infância e na adolescência - sua origem familiar, quem são seus pais, seus referenciais - antes de tomarmos a trajetória laboral como categoria central dos usos de cada corpo-si. Entendemos que essa pode ser uma forma de nos aproximar mais da realidade narrada por elas, enquanto nos permite reconstruir, ou melhor, tentar reconstruir a dinâmica histórica das suas interações, sua materialidade.

Em outras palavras, queremos dizer que se trata de gente, que nos referimos à essa dimensão humana que atravessa a história da TI no que tange o microuniverso social; que essa trabalhadora não surge do nada, ao contrário, ela traz uma ‘bagagem’ que a orienta nas tomadas de posição no trabalho e na vida. Esse patrimônio - de normas, valores, saberes construídos e renovados - investido no corpo-si teve um ponto de partida para esse destino a ser vivido e narrado, e é por essa razão que incluímos narrativas sobre tais experiências no texto apresentado.

A partir desse ponto, organizamos o terceiro e último momento, privilegiando as narrativas sobre as experiências da participante no trabalho. Para isso, repetimos a fórmula utilizada na construção do segundo momento, percorrendo o mapa nos eixos horizontal e vertical, buscando, dessa vez, narrativas sobre experiências formativas para o trabalho, e, no trabalho, seus deslocamentos, suas reflexões sobre a atividade. Com o intuito de compreender as relações sociais de sexo expressas nas dramáticas dos usos do corpo-si, identificadas nas narrativas, selecionamos e organizamos as subtramas cujo conteúdo indicasse não somente experiências opressivas, mas também as relativas aos processos agentivos, aos recursos utilizados por elas, tais quais ajustes de pertencimento ao meio de trabalho e vida.

Por ser essencialmente associado ao universo masculino, o meio da TI pode ser considerado hostil às mulheres, principalmente por suas normas exógenas globais se constituírem predominantemente sob um universo axiológico masculino, que segrega e exclui as mulheres das funções e

ocupações criadas para homens, predispondo a reprodução dessas normas e valores na cultura local de trabalho. Nesse sentido, encontramos narrativas sobre esses tipos de debate de norma que são comumente vivenciados por trabalhadoras em meios de trabalho masculinizados, como os da TI.

Para pensarmos a narrativa colocando o foco nesse intercâmbio de experiências, podemos considerá-la como uma das formas com a qual o 'ser-no-mundo' exerce sua compreensibilidade, pois, enquanto são contadas, as narrativas carregam consigo os significados que constituem o estar-no-mundo de quem as narra, "cujo ser-aí se revela e se encobre nas palavras, principal articuladora da sua compreensão num modo de existência" (DUTRA, 2002, p. 375).

> Segundo Benjamin (1994), "metade da arte da narrativa está em evitar explicações" (1994, p. 203), pois considerava a arte de contar uma história, um acontecimento infinito, "pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois" (1994, p. 37). Desse modo, a narrativa, em vez de ser uma lembrança acabada de uma experiência, se reconstrói à medida em que é narrada. Narrar alguma coisa consiste na "faculdade de intercambiar experiências", configurando-se naquilo que Eco (1993) chama de obra aberta, posição antecipada por Benjamin (1994), na sua obra "O Narrador", segundo prefácio da obra aqui referida (DUTRA, 2002, p.373)

É o que Gonçalo Tavares (2006, p. 75) sugere em uma espécie de metáfora, que o evidente, o que é esperado e propagado pela comunidade científica, principalmente em relação a uma evidência ou prova científica, é observado pelo centro do olho. Entretanto, para ver "o pormenor diferente, aquele que é o começo de qualquer coisa de significativo" é preciso observar pelo canto do olho ou "pensar ligeiramente de lado".

Deste modo, (re)construí as narrativas de vida, centradas na experiência, sobretudo social, das duas participantes com mais tempo de trabalho na área da Tecnologia da Informação. Dessa forma, apresento as reflexões sobre as experiências de Lamarr e de Pandora em formato de conto literário (*short stories*), conto da vida real, cuja escrita foi inspirada no capítulo 'Uma solitária voz humana' da obra de Svetlana Aleksiévitch (2016), 'Vozes de Tchernóbil'. A decisão de lançar mão do uso desse gênero textual, que mais se aproxima da literatura e da linguagem das artes do que da comumente utilizada na academia e esperada em uma pesquisa científica, não foi fruto de um único critério.

Tomo emprestadas as reflexões de Kind (2016) quanto à necessidade de ampliar o trânsito das fronteiras disciplinares tradicionalmente demarcadas, para que nossa própria escrita seja assumida como perspectiva ético-política (KIND, 2016). Com efeito, a referida autora, que se ocupa em desenvolver e apoiar pesquisas que desafiam o *establishment* acadêmico, menciona a necessidade de pesquisas acadêmicas no Brasil avançarem em termos de construção inovadora de experimentações narrativas, como os trabalhos de Faulkner (2014) e Patrícia Leavy (2013), para além dos limites da escrita de teses e dissertações na primeira pessoa do singular.

Com esse intuito, Luciana Kind juntamente com Rosineide Cordeiro organizaram a obra 'Notícias da vida', prefaciada por Mary Jane Spink. A publicação reúne narrativas escritas na primeira pessoa do singular, resultantes de pesquisas sobre a morte, com trabalhadoras rurais e mulheres que vivem com HIV/Aids (KIND; CORDEIRO, 2016). Em consonância, os trabalhos de Denzi e Lincoln (2006; 2012) criticam fortemente a narrativa convencional na pesquisa qualitativa, sobretudo por entenderem que ela deveria assumir o compromisso da produção de uma linguagem que seja compreensível, principalmente, por aquelas pessoas com as quais fazemos ciência.

Em defesa de pesquisas que se fazem 'com' e 'para' as pessoas – comunidade - em detrimento daquelas que se ocupam somente em investigar 'sobre' elas, Kind (2009) reivindica legitimidade institucional para as experimentações na escrita, no uso de filmes, sites e outras peças narrativas na pesquisa acadêmica:

> Talvez não seja o caso de criarmos outra 'casa' como propõe Denzi (2010). Por ora, seguimos animadas pela epígrafe que escolhemos para esse texto. Nossas palavras podem ser suficientes para dizer diferentemente, para se combinarem com outras expressividades e materialidades, para provocar deslocamentos em nós mesmas e em nossas leitoras e leitores" (KIND, 2009, p. 198).

Tomo o posicionamento ora sugerido por essas pesquisadoras e pesquisador, que defendem a validação das múltiplas formas de se fazer pesquisa qualitativa. Esse acervo de multimétodos não deveria pertencer a uma única disciplina, nem constituir um paradigma (DESLANDES; ASSIS, 2002). Do mesmo modo, para a ergologia, conceito e vida formam uma unidade dialética e precisam ser abordados conjuntamente (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008).

> Assim como as ciências naturais produzem modelos do átomo, do big bang, do DNA, no campo das atividades humanas, a deriva consiste em pensar que devemos também produzir modelos de comportamento, seja para analisar as 'regularidades' sociais, ou para gerir as atividades [...]
> Ora, dispor de conceitos para pensar a ação humana, suas eventuais e parciais regularidades é normal. Mas pensar que uma carreira universitária no campo das ciências humanas juga-se pelo rigor dos modelos que puderam ser construídos sobre diversas circunstâncias da atividade é propriamente usurpação (SCHWARTZ, 2003, p. 30).

A proposta de retrabalhar as prescrições normativas da linguagem textual nas narrativas de Lamarr e Pandora teve o intuito de aproximar a leitora e o leitor, o quanto possível, da realidade construída por nós no campo empírico desta pesquisa, sobretudo evidenciando as reflexões sobre os debates de normas e valores (dramáticas dos usos do corpo-si) inscritos por elas na história. A saber, confesso que não consigo pensar outra maneira, de, simultaneamente, empreender o uso e me despojar de mim mesma em favor das protagonistas das narrativas ora produzidas.

Na medida em que a narrativa remete à dimensão da desaderência, ou seja, da linguagem falada e escrita (mundo dos conceitos), não sobre um aqui-e-agora, mas sobre um acontecimento, reelaborado, revivido, uma escrita que se aproxime da arte da literatura, ela pode, em alguma medida, aproximar a leitora e o leitor da dimensão da aderência (mundo vivo), da atividade, e das dramáticas dos usos do corpo-si, dos saberes nele investidos pela experiência, tanto as rememoradas quanto as narradas pelas nossas mulheres.

Nesse sentido, para passar da linguagem falada para a escrita, realizei alterações estéticas no texto, com a preocupação de não acrescentar nenhuma palavra, de não alterar o sentido da fala da participante, procurando respeitar a forma e o modo próprio de cada uma falar, de narrar sua história. Para manter a autenticidade da narrativa, os termos técnicos comumente usados pela comunidade da TI e corruptelas comumente utilizadas por profissionais do setor foram mantidos da forma que foram ditos, sendo sinalizados em nota de rodapé.

Na sequência, procurei organizar a apresentação de ambas as narrativas, emoldurando as tramas do conto em uma disposição em que fosse possível apresentar a participante e a sua origem – por meio da sua família nuclear e relações afetivas – e por último, e mais importante, sua trajetória laboral, notadamente na Tecnologia da Informação.

Sobre a segunda camada de análise, realizei um aprofundamento, discutindo à luz de uma interlocução teórico-metodológica fundamentada entre a perspectiva feminista materialista das relações sociais de sexo e a abordagem ergológica. Para isso, assumimos o caráter parcial e aproximativo empreendido no cotejo epistêmico-ergológico desta pesquisa, visando somente alguns aspectos específicos da relação entre o conceito analítico da divisão sexual do trabalho – na qualidade de base a material das relações sociais de sexo - e as dramáticas dos usos do corpo-si – inscritas na materialidade da vida humana, na perspectiva ergológica.

Na próxima seção, apresentamos o resultado narrativo em forma de conto, como explicado nesta seção.

4 *FEMINA TECHNOLOGICAL*[49]

Nesta seção apresentamos os resultados da pesquisa na forma de contos da vida real, produzidos a partir das narrativas de Pandora e Lamarr. Em seguida, desenvolvemos uma discussão à luz da interlocução teórico-metodológica entre as relações sociais de sexo e a perspectiva ergológica, com o intuito de compreender o objeto proposto, a partir de dois grandes eixos temáticos emergentes do campo empírico: a socialização da mulher e suas experiências no mundo do trabalho na Tecnologia da Informação.

4.1 CODINOME: *PANDORA*

> Conta a mitologia grega que Pandora foi criada pelos deuses do Olimpo sob as ordens de Zeus. Pandora teria sido a primeira mulher, surgida como punição aos homens por sua ousadia em roubar aos céus o segredo do fogo (Alexandre Pelegi).

O que é que tem de incrível no que eu já vivi até hoje? Até hoje eu não vejo nada de incrível no que eu vivi, porque uma coisa pra mim parece consequência da outra. Se estou com sede, eu tomo água! Se perto da minha casa não tem água, mas eu escuto alguém falar que cinco quilômetros depois tem água, eu vou andar os cinco quilômetros, eu estou com sede! Eu tenho que achar água, gente! Não tem muito que inventar, né?

Eu sou uma pessoa muito monótona, eu gosto de normas. Eu adoro normas! Eu gosto de seguir, definir. Eu sou uma pessoa que gosta de processos e acho que tudo na vida que tem processo corre mais fácil! E tudo pra mim dá para esquematizar! Eu acho que de um jeito ou de outro, você consegue.

O que me faz feliz é roça! Eu em Brumadinho pareço uma árvore! Gosto de ficar na roça, gosto de jogar, gosto de ficar na minha casa com minha família, adoro brincar até hoje. Eu tive uma infância maravilhosa, acho que, de tão boa, eu não quis deixar ela pra trás! Adoro brincar, gosto muito de quebra-cabeças, que é jogo de estratégia, videogame, jogar baralho, gosto muito de jogar com minha mãe, eu jogo muito com ela! E, Nhãmnhãm! Comer! Adoro comer!

---

[49] O título desta seção é inspirado na tese de Clevi Elena Rapkiewiski, desenvolvida no final da década de 1990, cujo nome é Femina Computationalis, importante referência desta pesquisa.

Eu, Pandora, lá dentro do meu íntimo, eu não me vejo como uma pessoa leve, pelo contrário, eu me considero uma pessoa até um pouco pesada. Mas tive pessoas no meu caminho que eram muito leves e que são leves. Então, eu entendia que pelo menos eu tinha que me parecer com elas.

4.1.1 *Agora eu sou o homem da casa!*

Eu sempre estive muito ligada à minha família, nunca fui de ter amigos, nunca. Eu sempre fui uma menina muito fechada. O meu melhor amigo, desde que eu nasci, devia ter mais ou menos uns setenta anos de diferença. Foi meu avô de criação. Hoje, os amigos que eu tenho são poucos, mas hoje eu tenho.

No momento em que sepultei meu pai, em 2003, foi como assinar um contrato. Naquele instante eu percebi:

“Agora eu sou o homem da casa!”

Foi instintivo. Eu percebi:

“Agora é hora de eu incorporar esse papel.”

Enquanto o caixão do meu pai descia:

“Papai, descanse em paz, agora é comigo!”

E assim a gente se estruturou. Cada uma assumiu um papel, pra que a gente continuasse caminhando. Então uma foi sustentando a outra nessas carências, nessas necessidades. A gente se choca, a gente se atropela, mas a gente continua caminhando, a gente continua de mãos dadas! Tem horas que uma tropeça na perna da outra e embola, de repente a gente se desembola de novo e vira um laço, vira alguma coisa harmônica e a gente continua.

Minha sobrinha nasceu em casa, minha mãe e minha irmã brincam: Afrodite é filha da Pandora, Afrodite é filha da Pandora! É uma Pandorinha! Quando nasceu, minha irmã entrou no processo de separação, depois tentou suicídio.

“A gente tem que dar o amparo! Tem que dar o sustento!”

Aí é marido que some e Pandora é quem vai correr atrás de marido para pagar pensão, aquela coisa familiar mesmo, aquela bagunça! Então a vida foi assim. Aí, nessas, o que alegra minha vida é chegar num domingo de tarde e

estar todo mundo ali na mesa conversando fiado, eu olhar, e ver que tá todo mundo vivo!

* * *

Quando eu era pequena eu dizia pra minha mãe:

“Eu quero ser igual papai, eu quero ser taxista ou caminhoneira!”

Porque na minha cabeça, meu pai era o homem mais feliz do planeta!

“Que delícia, papai fica na rua o dia inteiro! “Eu quero ser livre, eu quero dirigir o dia inteiro, não quero ter endereço fixo! Quero ser igual ao meu pai quando ele era caminhoneiro! Quero conhecer o país no volante!”. Eu achava natural.

Ele me contava as histórias dele de caminhoneiro, das aventuras, sempre com muita alegria:

“Conheci a cidade tal, comi isso na cidade tal.”

“Quero ser igual a ele!”

Meu pai sempre dizia:

“Eu era um solteirão convicto! Sua mãe quebrou todos os meus princípios!”

Conheceu, se apaixonou e se casou! Conheceu minha mãe com 14 anos! Esperou ela completar 18 pra se casar. Meu pai com 40. Então, uma diferença muito grande!

Quando se casaram, meu pai precisava alugar um lugar para eles viverem. Eu não sei como ele chegou nessa senhora que é a minha avó de criação. Acho que foi uma parenta dele que apresentou minha avó para ele e meu pai alugou lá, logo que se casou.

Eu e minha irmã nascemos na casa deles. Minha avó amparou muito a minha mãe durante a gravidez. Minha mãe era uma criança tendo filhos! Ela se afeiçoou muito à minha vó.

Minha mãe conta que, quando a minha irmã nasceu, minha vó chegou no hospital, viu a minha irmã:

“Essa daqui é a minha neta! Essa é a Tuca!”

Apelidou minha irmã de Tuca. Minha irmã começou a desenvolver o mesmo estrabismo que ela, igualzinho! Minha irmã se parece com ela,

fisicamente, se você vir uma foto da minha avó de criação e da minha irmã, é impressionante!

A minha irmã era a paixão da vida da minha avó, e eu fui a paixão da vida do meu avô. Então, quando minha mãe engravidou novamente e eu nasci, meu avô falou:

“A Amara gosta da Tuca, agora tá chegando a Tiquim!”

Tudo que tinha na casa era para as netas. Tudo, tudo de bom, tudo de bonito, tudo de maravilhoso, e eles eram pessoas muito ricas culturalmente. Eles tinham acesso a coisas que a gente nem sabia.

Minha avó era uma pessoa muito culta, uma mulher que adorava ler, falava de tudo! Meu avô era um professor pardal! Quando eu entrava na oficina, um mundo se abria pra mim! Ele me deixava mexer no que eu quisesse! Se eu pegasse uma faca, sabe o que ele fazia? Ele pegava uma borracha, punha na ponta do lugar que eu fosse me cortar:

“Pode ficar com a faca na mão, não tem problema não!”

Ele nunca falou: não pegue isso, ou não faça aquilo! Ele me ensinava! Pegava um fio elétrico, descascava, mostrava pra mim que dava choque. Me ensinava a testar, a testar tomada!

Eu com 6 anos eu saia por aí falando um monte de coisa que aprendia com meu avô. Ele pegava aquelas lâmpadas queimadas, soldava de novo e a gente via a luz acender! Eu ficava louca! Ele me ensinava a fazer as coisas brincando com os trens. Meu avô consertava o fogão, geladeira e me levava pra baixo e pra cima pra consertar as coisas. Então, acho que daí vem um pouco dessa pegada de eu gostar de consertar, porque eu tinha muito disso. Tudo pode ser consertado!

Quando saímos da casa do meu avô, ainda na infância, fomos morar no Gutierres. Meu pai foi motorista particular de um homem muito rico, durante muitos anos, que nos cedeu o apartamento para morarmos. Há poucos anos consegui comprá-lo da família. Eu devia isso a papai!

* * *

Eu sempre fui uma menina muito fechada, fui uma criança fechada, sempre fui muito quieta, muito na minha. Nunca fui de ter amigos. Eu sempre estive muito ligada à minha família. Não era muito de ter amiguinhos na escola,

ficava mais quietinha, mais caladinha, e pelo fato de ter a minha irmã mais velha, e a diferença entre nós ser muito pouca, sempre teve muita comparação.

“Observe o que a Adora faz!”

Essa comparação nunca foi dentro de casa, sempre aconteceu fora e me incomodava demais! Mas graças a Deus! Em casa, minha mãe sempre soube equilibrar isso com muita maestria. Mas, externamente, sempre houve muito essa cobrança. Na escola, se eu tirava uma nota baixa, ao invés do professor chamar meus pais, chamava a minha irmã. Como nós nascemos no meio do ano, era sempre uma série escolar à frente da outra, então tinha sempre essa pegada de comparar, isso me incomodou demais!

* * *

Eu tinha 7 anos, isso eu me lembro! Foi na casa de uma das crianças que eu cuidei. Porque uma amiga nossa me deu a primeira oportunidade de trabalho. O nome dela é Joana. Ela era separada, eu fui ser babá dos filhos dela. Foi um emprego simbólico, foi mais uma questão assim, pra me educar sobre o valor do trabalho. Uma criança cuidando de duas!

O Bruno ganhou um videogame. O primeiro jogo que eu vi foi Batalha Naval:

“Que é isso!” Pensei.

“Nasci pra isso aí! Isso aí nasceu pra mim!”

Eu me apaixonei geral!

* * *

Eu sempre fui assim, eu sempre fui muito quieta, muito, muito na minha. Eu ficava dias e dias jogando. Minha mãe passava, ela não via que eu estava dentro de casa. Saía, voltava e eu lá, *tchum-tchum,* jogando. Até que eu saí do quarto com infecção urinária e fui parar no hospital.

Eu tive uma adolescência muito difícil, eu tinha pavor de gente, muito medo! Medo mesmo, tanto, que eu faço terapia.

“Nossa, eu não vou conseguir ser absorvida lá fora! Quando eu sair do afeto dos meus pais, quando eu escolher uma profissão, quando eu me tornar

adulta, que tiver que cuidar da minha própria vida, ninguém vai querer me absorver não!”

“Eu não tenho lugar nesse mundo doido não! Eu não sou loira, não tenho olho verde, eu não sou branca, eu não sou rica e não tenho mochila da moda, eu não tenho um tênis legal, eu nunca viajei, eu não sei falar a língua que essas pessoas falam, não tem lugar para mim lá fora!”

Então eu vou ficar aqui na frente do meu videogame que é meu universo! Porque eu quase não tenho que pensar. Mas pelo contrário! Eu pensava muito! Pensava até a ponto de ficar com dor de cabeça! Envolve o desenvolvimento de um raciocínio muito rápido! Você tem que montar altas estratégias! E eu usava aquilo como uma forma de me esconder do mundo.

* * *

Eu quase morri de emoção nesse dia! Eu ganhava menos de um salário-mínimo. Eu fui com minha mãe numa loja chamada Arapuã. Eu sei que o carnê era grossinho, minha mãe me deu uma prestação de presente e eu paguei o restante. Então, foi um motivo de muito orgulho comprar o meu videogame, e novo!

“Eu não quero usado não! Se eu comprar usado pode estragar! E aí vai ser difícil consertar! Ficar abrindo, soldar de novo as placas, eu quero um novo, mamãe!”

Ela me deixou ligar na única televisão que tinha lá em casa. Com o tempo a televisão começou a ficar meio rosada e ela me obrigou a tirar. Porque achou que era o aparelho que estava danificando a TV. Aí, aí eu fui correr atrás. Batalhar pra comprar uma televisãozinha de quatorze polegadas.

“Sem meu jogo eu não vivo!” Aqueles dramas da adolescência.

Eu me lembro quando eu ia mandar as cartas para a Sega[50]. É a fabricante de uma console chamada *Megadrive*, que foi a que eu mais joguei. Eles tinham uns jogos que você punha no papel todos aqueles *bugs*[51], tudo aquilo que a gente descobre que o jogo não está legal.

No meu tempo era posto num papel, em uma cartinha pelos correios. Vinha um papelzinho com a carinha do personagem e eu descrevia a cena. Eu

---

[50] A Sega Genesis é uma empresa fabricante de videogames.
[51] Erros.

mandava para ganhar cartuchos porque eu não podia comprar. Então, eu ficava mandando coisas para ver se eles também me mandavam alguma coisa.

Era uma troca, eu ficava achando brechas, ficava achando jogos ocultos, e quando achava um jogo oculto, você poderia ganhar um prêmio, um cartucho, um *joystick*, algo para melhorar a console. Então eu fazia isso. Eu amava quando chegava cartinhas do Sonic!

"Nossa, o *Sonic* mandou uma carta pra mim!"

Vinham cartinhas com a carinha do Sonic, *Robotnick*, e eu vibrava, viajava naquela maionese, e eu não sabia! Depois eu fui trabalhar com TI.

4.1.2 *Eu e os meus fantásticos cem toques por minuto*

Eu vi um computador, eu era adolescente ainda. Era uma daquelas primeiras versões, anterior ao 286[52]. E eu vi aquela tela monocromática e aquele *prompt*[53] piscando.

"Gente, o que será isso?"

Era uma empresa de venda de cotas de clube, eu devia ter uns 16 anos. Era tão menininha que minha mãe me levava para trabalhar todos os dias. Me deixava na porta e na hora do lanche ela levava o lanche. Era superdivertido, era próximo de casa, quase uma extensão da escola. Eu saia da aula, ia para lá, minha mãe levava lanche e tudo mais. E o que me encantou naquele cenário?

Já vinha carregado com a ideia de poder. Quem dominava aquele equipamento era alguém mais influente, era alguém superior, era alguém mais inteligente. E isso me encantou muito, porque era um rapaz, eu me lembro o nome dele, não vou citar aqui, mas eu me lembro o nome dele! Eu me encantei por ele, foi minha primeira paquerinha. Fiquei encantada pelo rapaz da informática, do antigo CPD[54], e vendo ele mexer com aquilo:

"Nossa, ele deve ser muito mais inteligente que o resto do planeta!" [risos]

Eu achava ele é superior a tudo e a todos que eu já vi na vida! Eu fiquei trabalhando lá alguns meses. Depois saí da escola, a família com muita dificuldade financeira, eu ainda tinha uma mente muito adolescente, tinha toda

---

[52] Versão de um microprocessador da empresa Intel: Pentium 286.
[53] Cursor à espera de comandos do sistema operacional da Microsoft MS-DOS, anterior à versão gráfica.
[54] O Centro de Processamento de Dados era uma área isolada, geralmente refrigerada, onde funcionada o departamento de informática das empresas.

essa questão mesmo de estar me descobrindo, de estar crescendo, tentando encontrar um lugar no mundo. Saí de lá e fui trabalhar numa padaria que eu fiquei pouquíssimo tempo, depois fui para uma clínica de geriatria, saí de lá e fui fazer o supletivo. Eu tinha que terminar a escola!

* * *

Sobrou um pouco mais de dinheiro, aí fui fazer um curso de datilografia. E lá existia uma sala, onde tinha um curso muito mais *top*, *fodástico*! Digitação!!

"Vou fazer esse negócio!"

O curso custava muito mais caro, mas eu pensei:

"Vou fazer o danado do curso de digitação!"

Papai completou o valor. Eu me lembro que dei mais de cem toques por minuto, e, a partir daquilo, já comecei a me sentir alguém muito especial!

Depois, através do SESC[55], fiz o curso Os Princípios da Informática. Com o *WS*, antecessor do *Word*[56], e o antecessor do *Excel*[57], que era o *Lotus 123*. E você poderia começar o Introduções ao *Windows*, que era o antecessor do *Windows* 3.11[58], que veio antes do 98.

Eu fiz esses cursos para tentar uma oportunidade de emprego diferente, mas não consegui de imediato, voltando a fazer esses serviços assim, de trabalhar em linha de padaria, casa de laticínios, nada voltado para o curso que eu havia feito. Até que, em um desses serviços, a dona do estabelecimento me pediu que fosse executar um pagamento num banco e que fosse levar uma correspondência a uma instituição chamada Empresa Alpha. Nunca tinha ouvido falar nesse lugar mais gordo na minha vida! Cheguei lá, pra entregar essa correspondência, e vi uma menina, na minha frente, com um currículo nas mãos. Eu escutei o papo da menina e pensei:

"Vou falar que vou fazer isso aí também!"

Chegou a minha vez, entreguei a correspondência e *soltei um H*[59] na moça:

---

[55] Serviço Social do Comércio é uma empresa privada de educação profissional.
[56] Processador de Texto.
[57] Programa de criação de planilhas eletrônicas.
[58] Sistema operacional da Microsoft S.A.
[59] Expressão "soltei um h" se refere a contar uma mentira.

“Eu também quero fazer isso aí que a menina veio fazer!”

“Você trouxe o seu currículo?”

“Não, mas, me dá uma fichinha aí?!”

E eu me inscrevi para uma oportunidade de trabalho lá. Participei de um processo seletivo durante seis meses. Entrei como auxiliar de escritório. E, nesse processo seletivo, qual foi o meu diferencial? O fato de eu saber digitar! Entrei nessa instituição! Eu e os meus fantásticos cem toques por minuto!

Lá, eu comecei mesmo fazendo *clipping*[60], cortando notícia de jornal. Um tempo depois, como eu digitava bem rápido, minha chefe me deixou começar a fazer fechamento de produção. Relacionava os alunos do mês com o tipo de curso, formação profissional, ação extensiva. Fazia na calculadora, eu não fazia no computador, que eram só dois por setor. Eles entendiam que só poderia trabalhar nos computadores aqueles que tinham mais experiência.

Aquela caixa preta monocromática piscando.

“Meu Deus! A qualquer momento uma entidade espiritual vai falar comigo através dessa tela!”

“Minha chefe ainda vai deixar eu trabalhar no computador!”

Fiz isso durante um tempo. Porém, em um determinado momento, uma dessas meninas que faziam o fechamento da produção no computador chegou para minha chefe e disse:

“Eu gostaria que a Pandora me ajudasse, ela faz bem rápido, ela é mais cuidadosa, queria que ela me ajudasse.”

* * *

Ela me colocou na frente de um *Mitus II*! Um computador da *Microtech*, uma marca de computador, que inclusive foi o meu primeiro computador também. Comprei um igual depois. E eu me sentei na frente do *Mitus II* e fui operá-lo pela primeira vez!

---

[60] *clipping* de mídia impressa é um serviço de apuração e coleção de assuntos e atividades sobre uma instituição a partir de recortes de jornais e revistas (RABAÇA; BARBOSA, 1998). É utilizado para analisar a presença, a imagem e a eficácia do processo de relacionamento da empresa com a imprensa a partir do material publicado sobre ela (INTERCOM, 2010).

Eu até me emociono contando isso, porque foi realmente um marco na minha vida! Ali a minha história mudou e foi muito legal! Aquela tela negra se tornou um arco-íris! Ali eu vi todas as cores! Vi todas as oportunidades! Ela foi o meu passaporte para vida!

Eu percebi que eu tinha capacidade de ir além de um recorte de jornal, que eu tinha capacidade de talvez até fazer um curso superior um dia! O que para mim era tão distante, porque eu confesso que nunca me permiti achar que pudesse fazer uma faculdade. Pela minha história, por ser filha de um homem negro, por vim de um núcleo familiar pobre, onde para a gente, riqueza era ter almoço e janta.

Então, eu já me via como uma grande vencedora ter concluído o segundo grau. E estar ali de frente para um *Mitus II*, tendo tido a oportunidade de largar a calculadora na frente das minhas outras colegas! Éramos um grupo de mais de oito mulheres, mais ou menos da mesma idade, e ela dizer:

“A Pandora é quem agora vai me ajudar!”

Que Deus a tenha! Foi uma grande amiga ao longo da vida! O nome dela era Cláudia. Aquilo ali me deu um novo gás para reescrever a minha história!

* * *

Essa instituição é uma escola, a Empresa Alpha é uma escola que tem uma gama de cursos. Aí eu fiz inúmeros cursos: *Word, Excel, Power Point, Corel Draw, Cobol*. Eu fui fazendo um monte de cursos. Mas, até então, eu não pensava em prestar vestibular. Eu só fui fazendo cursos profissionalizantes que eram todos gratuitos para todos os funcionários. E eu fazia à noite.

Fiquei nesse trabalho durante uns três anos. Além da parte de tabulação de dados eu comecei a fazer também a parte de digitação dos relatórios que iriam para o departamento nacional, que é o órgão regulador dessa instituição. E comecei a montar esses relatórios, tudo no *Word*. E aí eu *fui fazendo o nome* pela qualidade desses relatórios. A Empresa Alpha inteira sabia:

“Ah, quer um relatório bacana, quer um relatório bem caprichado? Manda para funcionária da Rosa Calhau, a Pandora, ela faz cada relatório incrível!”

Aí eu comecei a fazer isso em *PowerPoint*, em *Corel Draw*, eu comecei a fazer tabela em *Access*, comecei a fazer minibanco, comecei a fazer um monte de coisas, fazia tudo que eu tinha acesso para fazer.

E nesse interim aí, a área de TI começou a funcionar ao lado do setor onde eu trabalhava. Então, eu trabalhava ouvindo a conversa dos funcionários da TI. Sempre vozes masculinas. Porém, havia uma voz que se destacava. Uma mulher, e ela tinha uma voz muito imperativa, a voz dela dominava e eu achava aquilo o máximo! Todo mundo respeitava essa mulher pra caramba!

“Gente, que mulher é essa?!”

E tinha assim, homem de quarenta e cinco anos, rapazinhos de dezoito, e todo mundo pedia benção para essa mulher!

“Um dia eu vou ser igual a essa mulher!”

Nunca contei isso para ninguém, mas eu pensava:

“Um dia eu vou ser *foda* igual a essa mulher!”.

* * *

Começaram a chegar as impressoras matriciais. Foi a época em que as empresas começaram a comprar impressoras matriciais, aquelas que fazem *biziiiiii*, aquele barulhinho. A empresa comprou essas impressoras. Não sei se foi um problema no lote, mas algumas vieram com problemas e a TI não estava dando conta de dar manutenção nessas impressoras. Eu, *bico* que sempre fui, estava num setor um dia, uma dessas impressoras parou, e o que que eu fiz? Desmontei a impressora ali, ao vivo e a cores, e comecei a *fuçar*.

“Isso aqui deve ser igual chuveiro!” Pensei.

E comecei, *fuço* daqui, *fuço* dali, não tinha internet para consultar, mas sou neta de um homem que trabalhou a vida inteira consertando coisas! Passei minha infância dentro de uma oficina! Eu via meu avô fazer lâmpada queimada voltar a funcionar, e meu avô não teve curso, fazia sozinho! Então eu cresci naquele ambiente que te estimula a *fuçar*, a ficar ligando as coisas, tentando remontar as coisas. E a impressora voltou a funcionar. Voltou a imprimir borrada, mas ela voltou a funcionar, e foi em uma hora que eles precisavam muito. Então, atendeu a necessidade.

Dias depois apareceu mais outro me pedindo e apareceu outro e depois outro setor vinha me pedir, e outro vinha, outro vinha e eu acabei meio que me desvirtuando da minha função. Eu tinha que ficar no setor de planejamento e pesquisa digitando, e comecei a prestar suporte paralelo, e eu não era da TI! Então, um computador dava problema eles ligavam para a TI pedindo suporte e o suporte não ia, chama a Pandora da Rosa Calhau, a Pandora sabe, e assim foi.

* * *

Até que um dia eu prestei suporte para a gerente de RH[61]. Eu não sabia que ela era gerente, ela era novata, e eu estava lá, eram mais de seis horas da noite. Eu estava sozinha e ela chegou procurando a minha chefe, desesperada com um papel na mão, dizendo que tinha que fazer uma apresentação e que não sabia montar.

“Olha, eu não sei bem o que é não, mas senta aí que a gente vê o que dá pra fazer!”

E essa mulher ficou realmente bastante agradecida. No dia seguinte ela voltou:

“Eu vou dar um jeito de te dar uma oportunidade aqui.”

Só que... eu trabalhava do lado da TI! As pessoas de lá nem me cumprimentavam! Então, eu senti um certo medo deles. Era um universo diferente. Era uma bolha!

“Será que eu quero isso? Eu não vou conseguir! Eles vão me humilhar, eles não vão me receber bem!”

Só que não foi nada disso. Essa mulher com voz imperativa, que todo mundo morria de medo dela, quando a gerente de RH entrou em contato com ela, ela foi até a porta do meu setor:

“Quem é Pandora?”

“Ah, a tal da menina que anda consertando as coisas por aí, né?” Disse quando me viu.

Brincou:

---

[61] Departamento de Recursos Humanos da empresa.

“Se prepara, *hein*! Se prepara que a casinha vai cair!”.

Ela disse que eu iria enfrentar um mundo novo, mas que era para eu ir logo para lá. Aí eu fiz um processo seletivo interno, fiz as provas, e passei. No princípio, minha chefe começou a meio que empatar, para que eu não fosse, mas acabou que teve que me liberar, e eu fui para TI.

4.1.3 *Eu sou aquela que faz o que ninguém quer fazer*

Quando eu fui para TI, o que eu achava que sabia, e que era bastante, não era nada, em vista do que eu ainda teria que aprender. No meu primeiro dia de serviço no setor como técnica de suporte a hardware, eu não sabia distinguir um RJ45, que é um conector de rede, de um conector de telefone. E essa mulher me mostrou dois cabos e falou:

“Você vai ligar a rede desse setor.”

Ela me entregou os cabos, e eu não sabia o que fazer com aqueles cabos! Eu nunca tinha feito, eu nunca tinha grimpado[62] um cabo na minha vida!”

“Pega isso aqui, leva e faz!”

“*Ahãm*?!” Eu me assustei. Ela continuou:

“Bem-vinda ao mundo da tecnologia! Você vai grimpar esses cabos e ligar os computadores na rede. Se você não sabe, toma aqui, vai estudar, eu vou fazer para você agora, eu vou fazer uma vez. Eu vou te ensinar, mas você vai chegar em casa hoje e vai começar a estudar! A TI vai muito além do *Powerpoint*!”

E eu devo muito a ela!

Então, eu fui fazer um curso de hardware, um curso de técnico em eletrônica e hardware, super rápido, e o setor foi crescendo.

* * *

[62] Grimpar – Corruptela do verbo crimpar. Crimpar, em informática, é o ato de plugar o cabo de rede ao conector RJ-45, utilizando alicate específico.

Minha primeira aprovação em vestibular foi em Engenharia de Telecomunicações. Eu tentei pela PUC. Eu ainda trabalhava na área de planejamento e pesquisa e não tinha nada a ver. Eu não tinha condições de pagar nem a inscrição, na verdade! Para isso eu vendi alguns tickets refeição. Eu não me organizei para fazer isso, consequentemente acabou não dando certo. Eu passei no vestibular, cheguei aqui na Empresa Alpha, conversei com minha chefe na época:

“Não tem a mínima condição da gente conseguir bolsa para você! Esse curso não tem nada a ver com o que você está fazendo aqui!” Ela foi enfática.

Maior banho de água fria! Eu, por falta de entendimento das coisas do mundo, ao invés de ir à PUC me informar, eu simplesmente desisti de cara! Não fiz minha matrícula, larguei esse troço para lá.

Depois de um tempo, uns dois anos, eu me lembro que estava na unidade AA, que é uma outra unidade da Empresa Alpha, prestando um suporte pra um colega, e, de repente, ali batendo um papo, eu o vejo fazendo uma inscrição para a modalidade de Tecnólogo na UFA[63].

“Vou fazer esse negócio! Rede de Computadores. Dois anos e meio, resolvo minha vida!”

Vi que dava para pagar, fiz a inscrição e passei no vestibular.

Com o curso eu consegui conciliar o aprendizado da faculdade com a minha vida profissional e a prática do dia a dia. Foi muito bacana! Eu estudava em todas as minhas horas vagas! A TI ainda é um universo dominado por homens. Na foto da minha colação de grau eu sou a única mulher. No começo éramos eu e mais duas, uma delas já trabalhava na Prodata[64]. No final ficou só eu.

* * *

Até uns dez anos atrás era muito comum eu chegar para fazer um atendimento a um novo funcionário e ouvir:

“Mas eu estava esperando um menino, eu estava esperando um técnico!”.

“Oi! Eu vim te atender, o que você precisa? Me deixa eu configurar o seu perfil? Me deixa fazer isso para você?” Eu respondia.

---

[63] Sigla fictícia da faculdade privada em que Pandora se graduou.
[64] Nome fictício de uma grande empresa do ramo de informática na décadas de 1990.

Na maioria das vezes, ao prestar um atendimento, eu normalmente me deparava com o usuário estressado, com o usuário confuso. Então, eu sabia que se eu começasse a conversar com a pessoa como se eu fosse uma professora, a pessoa ia ficar de saco cheio de mim.

Eu não fui mãe no útero, mas eu trago um pouco de amor materno. E ao atender com carinho, com respeito, com cuidado, com o olhar mais afetuoso, isso faz toda diferença! A prova disso é que éramos cinco atendentes e as pessoas falavam:

“Não dá para Pandora descer aqui não?”

Às vezes o jeito que você fala, a leveza com que você, às vezes, traz no atendimento, faz toda diferença!

O setor de suporte a hardware, nasceu comigo. Aos poucos fui me tornando a gestora daquele setor. Essa minha chefe disse:

“Então, tá bom! Você vai estruturar uma equipe, vamos trazer pessoas para te ajudar, porque você sozinha não vai conseguir montar! Nós vamos começar a fazer licitação de equipamentos, então você vai aprender a especificar hardware e, detalhe, porque você vai ter que especificar isso tudo!”

Então, eu fui estudar muito para fazer aquilo! Eu tinha uns 24 anos, cheia de *titiquinha* na cabeça! Coitada de mim! Qualquer coisa que brilhava, eu achava que era *foda*! Meu primeiro acerto, eu achava que estava no paraíso. Minutos depois, eu tomava aquele tombo e *caía na real* rapidinho! Aquela coisa, *dormia na glória e acordava num caixote!*

E as pessoas foram chegando. Chegaram meninos para trabalhar comigo e chegaram homens também. E nesse processo todo teve uma situação muito desafiadora. Chegou um menino de Licínio de Almeida, na Bahia.

“Você é quem vai trabalhar com esse menino.”

“Então tá, tudo bem!”

E aí esse rapaz chegou, mas ele era diferente dos outros! Ele não me enxergava como analista. Ele me via de uma forma diferente. Assim... É que tinha muito a ver com a educação, eu acho.

Um menino que teve várias irmãs, era diferente! Ele, ele nunca me desrespeitou, nunca chegou me agredindo verbalmente, mas ele tinha um tratamento diferente comigo. Foi a primeira vez que eu... Gente, que diferente! Ele fazia brincadeiras:

“Ah, estranho, você é uma mulher, mas não pilota um fogão!”

“Você é minúscula, isso aqui você não vai dar conta de fazer, deixa que eu faço!” Ele ironizava.

Aí eu pensei:

“Eu vou ter que conquistar esse *cara* vai ser na mente, porque no físico não dá, ele tem duas vezes o meu tamanho! Não vai dar certo!”.

Mas me incomodava aquilo, me incomodava o jeito de ele me tratar. Ele meio que, não é que ele me desprezasse, mas ele me diminuía naqueles comentários. E eu achava aquilo muito esquisito.

“Qual é o problema desse menino?”

Um dia ele me falou:

“Você é a primeira pessoa, menina, que eu vejo com uma ferramenta na mão!”

Que passa até pela sexualidade!

“Eu achei que você era sapatão! Eu achei que você e a Vitória eram sapatão!” Ele me confessou.

Hoje em dia nós somos grandes amigos, mas ele falou isso comigo!

Porque, na cabeça dele, não era natural uma mulher com uma chave de fenda na mão, com um alicate na mão, uma mulher grimpando um cabo, uma mulher se pendurando numa escada para correr uma rede. Não era natural! Uma mulher entrando em caixa de fio no meio da rua. Eu já tomei muita carreira de rato no meio da rua! Na hora de fazer fusão de cabos, rato correu atrás de mim! Então, não era normal! Isso não era natural!

Você não via uma mulher executando essa atividade em 96, isso não era natural! Eu fui conquistando a confiança das pessoas, mais do que pelo técnico, pelo contato, pela forma de lidar, tinha aquela disponibilidade. Eu acabei adotando uma postura:

“Eu vou fazer o que ninguém quer fazer!” Porque eu vi ali, literalmente, um oceano azul.

“Eu sou aquela que faz o que ninguém quer fazer!”

* * *

Assim, estruturamos uma equipe, me tornei responsável pela equipe, mas ainda era atendente. Então, eu coordenava as coisas assim: uma parte do dia eu atendia, na outra eu relacionava os atendimentos. Eu montei um sisteminha para atendimento, para filas. Depois, eles compraram um outro sistema bacana, em *Delphi*, uma linguagem legal. Porque eu tinha feito um troço muito *tosquim*. Aí, eles fizeram um negócio bacana! E eu cuidava disso, eu organizava as filas:

"Pedro, você vai atender o setor tal, João, o setor tal, eu fico com o setor tal, Mário com o setor tal."

E todos caiam no mundo e iam atender!

A equipe foi crescendo, crescendo. De três virou cinco, de cinco, virou dez, de dez virou quatorze pessoas. Nesse processo, a área foi assumindo novas atribuições, eu estudei, me tornei analista, eu fiz certificações, processo, informatização, eu ia entregando e as coisas iam acontecendo. A Empresa Alpha Minas tornou-se até uma referência em estruturação, tanto na área de sistemas, quanto na área de infraestrutura e suporte. Quando o *datacenter* ficou pronto, a gente recebeu visita de outros estados. Eles vinham conhecer o nosso trabalho. Eu recebi muita gente quando estruturamos o sistema de chamados. Eles quiseram conhecer, entender a nossa metodologia de trabalho.

Como eu sempre trabalhei na plataforma Microsoft, eu busquei fazer certificações na área, para ser um diferencial. Porque é outro desafio! É uma praga! A gente sempre tem que estar um, dez, vinte, trinta passos à frente!

"Eu vou me certificar!"

Lia mil e quinhentas páginas em quinze dias, ia lá e fazia uma prova. Juntava um pouco mais de *grana*, voltava e fazia outra prova. Então eu falava para o meu gestor:

"Olha, eu fiz a certificação, passei!".

"Parabéns, tudo de bom para você!" Ele respondia.

Passavam cinco, seis, sete meses, eu via um outro colega ser promovido. Eu vivi isso por muitos anos. É interessante, eu e essa minha colega de trabalho, tanto eu quanto ela, capacitamos muitas pessoas, homens, que já estavam num cargo acima do nosso, e nós ficávamos ali. Numa posição confortável? Sim, graças a Deus! Um bom salário, muito, muito respeitadas no que fazíamos, reconhecidas no nosso trabalho? Até certo ponto!

Esse é seu teto, tá certo? Alguém me disse isso? Não! Mas eu vivia isso, e isso me incomodava muito!

“Espera aí, mas o que que me falta? Eu me certifiquei, eu corri atrás!” Me indagava.

“Se eu galguei oportunidades, por que eu não as alcancei? Vendo outras pessoas subindo o mesmo degrau, me perguntava:

“Se para ele, um mais um é dois, por que para mim é um e meio? Por que para mim tem sempre *um porém*?”.

Isso me intrigava, isso me incomodava! Ninguém nunca olhou para mim e disse: você não vai porque você é baixa, porque você é mulher ou porque você é parda. Nunca diziam! Eu sei que eu não ia!

* * *

Eu já estava ali há mais de dez anos. Eu podia não ter o cargo, mas tinha o comprometimento da execução. Eu já descascava abacaxi, todos os dias! E eu acho que foi o diferencial, para quando chegasse um gestor que se dispusesse a executar minha promoção, ser uma consequência natural. Que foi com a gestão do Narciso.

Antes dele, eu tive dois outros gestores, inclusive uma mulher, a Marília, que sempre falava:

“Eu vejo que você é muito boa, você é empenhada, trabalha muito bem! Está correndo atrás!”

Mas nunca executou minha promoção! Reconhecia meu trabalho através de elogios!

Quando mudou para a gestão desse último gerente, em pouquíssimo tempo, ele chegou, viu o trabalho de todos nós e foi ajustando as áreas.

“Nós vamos organizar isso! Nós temos que organizar isso! A gente que tem que colocar a casa em ordem! Você é coordenadora!” Ele disse.

A primeira coisa que ele fez quando chegou foi me separar da sala da colega, com quem eu trabalhei durante anos.

“Pandora, eu sinto que você não caminha com suas pernas! Tudo que você vai fazer, você sabe o que tem que fazer, você quer fazer, mas você vai lá e pede benção para a outra! Então, para resolver essa questão, eu vou separá-

las. Cada uma vai para um canto. Uma vai atuar numa área e a outra vai para outra área.”

Eu tive um impacto muito grande! Porque a minha colega Vitória, nós trabalhávamos juntas por muitos anos. Nessa ocasião, ela também era analista, mas ela demandava o serviço para mim. Na verdade, ela era meio que a minha chefe. Tinha um gestor da área que geria o todo e ela geria as tarefas da equipe.

Quando ele chegou, tanto eu, quanto Vitória, tínhamos o perfil e atuávamos como sênior. Então, imediatamente, cerca de um mês, ele nos promoveu a analistas sênior. Depois disso, eu tive um *upgrade* e ele me tornou coordenadora. Ele não deu a mesma oportunidade a ela. Até hoje ela é analista sênior. Isso foi o início do fim da nossa amizade.

Eu a servi todos esses anos! Sempre a vi como minha mentora, eu sempre tive uma relação de gratidão para com ela, de servidão por opção! Profunda! Tenho uma enorme gratidão e um orgulho muito grande de ter estado ali com ela. A gente era meio uma coisa quase que militar! Servimos juntas a Empresa Alpha. Então, eu tinha muito orgulho da forma como trabalhávamos. Éramos uma dupla, tínhamos uma parceria muito feliz.

E o interessante é que essa parceria nos fazia forte. Eu demorei a perceber. Ele primeiro fez a gente se virar uma contra a outra, ela ficou, e eu subi. Aí aconteceu um desgaste natural. Ela já não falava comigo direito, eu fui ficando magoada com ela, eu não falava, nem ela falava. A gente foi se separando, separando, separando, separando, e hoje estamos no extremo de não dar bom dia uma para outra.

* * *

Eu fiquei 5 anos gerindo o *datacenter* que prestava o suporte ao estado inteiro. Compra de hardware e software, era muita coisa! Uma equipe de dezessete pessoas na capital e trinta e seis no interior. Todos homens. Homens interessantes, como um técnico do interior do estado, que um dia me ligou:

“Pandora, eu estava ontem na igreja, e o pastor me disse: Você não nasceu pra ser comandado por uma mulher, meu filho!”

“É mesmo?” Perguntei.

“É, o Pastor falou!”

“Então Marcos, você pode começar a procurar outro emprego, porque, você vai precisar!”

Passei situações assim!

É evidente, que eu tenho consciência de que uma mulher gerindo homens, em virtude da nossa cultura, em virtude do que a gente aprende na nossa sociedade, existe, sim, uma diferença. Mas eu nunca deixei que isso impactasse na minha forma de trabalhar. Eu não permiti! Mas admito que, enquanto A entregava “x” ao quadrado, eu entregava “x” à quarta potência e era tratada como “x” ao quadrado. Ponto! Sempre foi assim, não que eu concorde, mas eu acabei aceitando, porque essa é a regra do jogo, e eu sempre quis estar no jogo! Então eu aceitava. Eu aceitava!

Passei por situações assim, no limite. O rapaz matava serviço, não justificava, me desrespeitava na frente dos colegas. Um dia, cheguei no setor, ele estava conversando com outro colega.

“Caio, você está trabalhando?” Perguntei.

Ele virou a cadeira sorrindo e respondeu com ironia:

“Não, tô à toa!”

“Ótimo, então se levanta e senta aqui, porque eu vou lhe dar um serviço!” Falei.

Passaram alguns dias, ele me chamou:

“Não gostei do jeito que você falou comigo, me senti desrespeitado!”

“Foi? Só um instante.”

Liguei no RH:

“Por favor, preenche uma advertência em nome de Caio da Silva e me entrega aqui na sala, por gentileza.” Solicitei e o adverti:

“Olha, rapaz, eu não estou aqui para ser sua amiga, eu sempre lhe respeitei como um colega! Então, aprende a me respeitar!”

Entreguei a advertência para ele. Esse rapaz tem um poder de perícia muito grande, é uma pessoa muito simpática, conseguia manipular os colegas. Aí começou a história do oráculo.

“Sai daí porque o oráculo está chegando!”

Coisas do tipo.

Aí um olhava para o outro e ficavam na *gargalhadinha*.

O oráculo era eu.

Isso porque eu me sentava com eles para mostrar como o serviço deveria ser feito. Muitas vezes eu tinha que fazer para mostrar que sabia o que estava dizendo.

Escutava deles coisas do tipo:

“A Pandora está mal-humorada porque está sem homem”

“E você não está fazendo seu serviço porque está sem mulher?” Eu retrucava.

Só que é muito ruim você ficar nesse clima. Então, esse rapaz ficou ainda um ano aqui, depois que a gente começou a ter problemas de relacionamento. Eu pedi ajuda do RH para acompanhá-lo. Ele continuou se ausentando, sem entregar atestado médico, até que eu tomei uma iniciativa quando ele faltou novamente. Eu liguei para ele e disse:

“Amanhã quando você vier trabalhar, você vai passar por uma consulta com a médica do trabalho.”

“Olha Pandora, eu quero pedir para sair.” Ele falou.

* * *

Há três anos, eu tive a oportunidade de participar de um evento de *startups*. Eu tinha uma visão bem limitada. A TI, pra mim, era desenvolvimento, era *datacenter*! E no evento, eu vi uma FINPEC! Eu vi uma *startup* de Direito!

“O que que é isso gente?!” Pensei.

Startup de Psicologia e de um milhão de coisas!

“Gente que coisa é essa?!” Me surpreendi.

A princípio, fiquei muito preocupada:

“Meu Deus!!! Todo mundo mexe com TI!”.

Fiquei um pouco temerosa, mas pensei:

“Como eu vou poder fazer isso, depois de tantos anos aqui nesse mundo, que para mim parece tão seguro?”

Eu comecei a me lembrar do que eu gostava de fazer, do meu perfil. Eu sou uma pessoa muito voltada para processos. Eu adoro normas!

“Vou me arriscar na área do Direito!”

“Agora, eu vou parar de brincar no meu quarto e vou brincar no resto da casa! Eu vou conhecer outras áreas! Eu vou me aventurar por outros mares!”

Eu já vinha lendo algumas coisas sobre Direito digital, tecnologia de Direito, conversando com algumas pessoas. Primeiro, eu pensei em fazer um mestrado em tecnologia de Direito, para não ter que voltar para a graduação, já que estava com 42 anos, na época. Só, que fui olhar para o Direito e vi que eu precisava ter uma boa base. Me arriscar fazendo um mestrado, sem pegar os fundamentos, não era o caminho. Com esta previdência social que você vai morrer trabalhando, eu vou ter tempo de sobra!

“Eu vou arriscar! Vou começar a fazer Direito e vou juntar as duas linhas de conhecimento, vou começar a trabalhar com Direito digital ou com tecnologia de Direito e trazer isso para o meu dia a dia!”

* * *

Na minha trajetória profissional, eu considero que, a transição da função de técnica para analista, que é a gestão de suporte a hardware, foi muito mais marcante do que a de analista para coordenadora. Porque essa última, eu já tinha a expectativa que tinha que acontecer.

Assumir a postura de analista foi mais complicado para mim. Senti mais, porque eu era muito do fazer, eu era muito da chave de fenda, do alicate, e tive que aprender a ser da caneta! Tive que aprender a ser analista, tive que aprender a ser líder, líder de mim mesma e líder de quem estava comigo, porque eu tinha que conquistar o respeito daquelas pessoas! Uma menina no meio de um bando de homens!

Escrever para que outros façam também foi muito impactante. Hoje não! Hoje essa é a minha realidade. Estou me tornando uma advogada! Sou uma especialista em Direito digital! Vou trabalhar com descrição de regras e políticas, vou escrever regras para que outras pessoas cumpram. Então, hoje isso é natural. Mas, é engraçado que a minha ficha está caindo, sobre essa minha transição. Eu comecei fazendo, e hoje eu escrevo, para que outros façam.

Foi uma evolução!

* * *

Atualmente Pandora é *Digital Protector Officer* (Executiva de Proteção Digital) da Empresa Alpha.

4.2 CODINOME: *LAMARR*

> Qualquer garota pode ser glamourosa. Tudo o que você precisa fazer é ficar parada e parecer estúpida (Hedy Lamarr).

Eu sou uma pessoa não definida. Meu modo de viver é por tentativas. Eu tento levar um pouco das várias pessoas que vou encontrando pelo caminho. Vou aprendendo, me moldando. Às vezes eu me engano. Por isso, considero que referências devem estar na nossa vida, em constante transformação. As minhas estão sempre em evolução.

A primeira é a minha mãe. Tudo que ela pôde fazer no tempo em que esteve aqui, ela fez. Ela é minha total referência. Com ela, aprendi que a vida gira muito, e, por mais que a gente se programe, se planeje, muitas vezes, as coisas não vão sair do jeito que a gente quer. Eu também tive uma sogra, dos treze aos dezessete anos, que me inspirou muito. Ela foi uma mãe para mim, me deu muito afeto. A generosidade dela me tocou muito. Eu penso que se eu for um pouco generosa como ela, já está de bom tamanho.

Tenho muito do meu pai também. Por mais que eu critique muitas coisas que ele faz, ele tem outras admiráveis que eu sigo muito. A principal delas é a de trabalhar duro sem prejudicar, atrapalhar ninguém. Do meu irmão também. Ele sempre esteve comigo, sempre me protegeu. A gente hoje trabalha junto. Ele é calmo e isso me incentiva a relaxar mais, baixar mais a bola. E meu esposo, que me ajuda constantemente a ser uma pessoa melhor. Há muita troca entre a gente. Considero ter encontrado Lamarr de calças!

Estou em constante crescimento. Estou buscando ser feliz. Sorte que essa sou eu. É essa pessoa que eu sou. E só. Ufa, me emocionei...

4.2.1 *Eu nunca aceitei o destino que falavam que eu iria ter*

Minha mãe faleceu em 2002, de câncer de mama, quando eu tinha dez anos de idade e ela trinta e sete. Meu pai não gosta de falar sobre o assunto. Ele passa poucos detalhes. Antes do câncer, quando eu tinha uns quatro anos, ela teve problemas no coração. Não sei bem o que ela teve, meu pai também não sabe explicar o que era. Daí, passou um tempo e ela já descobriu o câncer. Ela precisou retirar a mama, mas já estava avançado, deu metástase. Foi muito

agressivo e muito rápido. As coisas aconteceram muito rápido. Mas, isso é uma coisa que a família não fala muito.

Eu perdi muita memória, principalmente da época em que eu era criança. Com esforço, me lembro dela com aqueles monitores de coração. Na época em que teve câncer, no início, eu e meu irmão ficávamos com ela durante o dia, na casa da minha tia. Ela precisava de apoio e meu pai trabalhava muito, doze horas por dia, não tinha como ficar com ela. E a gente pequeno. Depois, ela já ficava direto na casa da minha tia. Eu, meu irmão e meu pai, ficávamos em casa, só nós três mesmo.

Sobre o fato de eu ter perdido memória, um psicólogo me falou que talvez fosse para me proteger. Às vezes o Max conta sobre ele ter feito ou gostado de algo quando ele era pequeno e eu faço o movimento de tentar me lembrar de quando eu tinha a mesma idade e não consigo. Eu brinco que vivi anos no limbo. Realmente não me lembro o que fiz, não me lembro o que senti. É como se eu estivesse em *standby*[65], funcionando e não funcionando ao mesmo tempo. Às vezes, eu sinto que não vivi.

Das poucas lembranças, algumas são de momentos em que eu passei com ela doente e a do dia em que ela faleceu. Esse dia eu tenho muito nítido. Desde a hora que eu acordei, até a hora que eu soube que ela faleceu. Mas para eu me lembrar bem dela é difícil. Eu tenho que forçar muito. Olhando uma foto, eu consigo ligar alguns pontos. No mais, parece um limbo, o que parece ser. Um grande limbo.

* * *

Meu pai conta que tinha um programa na rádio que a pessoa enviava a sua história de amor, e quando minha mãe faleceu, ele escreveu uma carta e mandou. Meu pai foi adotado. Ele era feito de escravo por essa família adotiva, a mãe e uma irmã. Ele dormia no porão. Não tinha quarto, não tinha nada. Ele tinha que acordar bem cedo para lavar o carro dessa irmã e fazer as coisas em casa. Minha mãe é de Salvador, de uma família de doze irmãos. Ela veio para

[65] Modo de suspensão.

São Paulo e ficou na casa de uma das irmãs, minha tia. Eles moravam na mesma rua, eram vizinhos.

No dia em que se conheceram eles estavam com mangueiras lavando alguma coisa e começaram a brincar com a água, um molhando o outro. Na carta, meu pai conta que se apaixonou assim que a viu. E foi assim. Ele a chamou para sair, e logo começaram a namorar. Em pouco tempo eles juntaram os trapos e foram morar juntos. Meu irmão nasceu em Osasco, mas eles moravam em São Paulo. Eu nasci em Salvador. Parece que minha mãe estava muito triste em São Paulo e quis voltar para perto dos irmãos. Eles deixaram as coisas aqui em São Paulo e foram pra lá. Mas a vida lá foi muito difícil. Meu pai vendeu picolé na praia, foi cobrador e fiscal de ônibus. Um ano depois que eu nasci, eles voltaram para cá.

* * *

As meninas da COHAB gostavam de brincar de boneca e escolinha. Não que eu não brincasse, eu brincava, mas não tinha paciência. Não me identificava muito com as crianças da minha idade. Eu gostava mesmo era de correr descalça, ralar o joelho no chão jogando bola de gude e pião com meu irmão e outros moleques mais velhos. Eu e meu irmão também jogávamos videogame. Adorava! Videogame é algo que marca! Meu pai nunca foi de jogar não, mas eu e meu irmão, a gente sempre jogou! A gente sempre tinha um videogame, sempre algo em comum nosso! Porque tecnologia é o que a gente faz!

Era um *Megadrive*[66]. Claro que existiram outros, mas quando eu entendi que eu estava jogando, é dele que eu mais me lembro. Meu irmão já chegou a ter outros, mas esse foi o primeiro que eu brinquei. Os jogos eram em fitas. Você comprava uma fita e vinha cerca de vinte e poucos jogos. Além dos de luta e corrida, meus prediletos, tinha um joguinho super infantil que eu adorava! Era de uns pintinhos. Você era a mãe e ia pegando os pintinhos e ia subindo umas casinhas. Muito louco! Eu me lembro desse jogo nitidamente! Depois vieram os *PlayStations* da vida. E *Nitendo*! Os jogos do Mario. Eu e meu irmão éramos viciados nesses joguinhos!

---

[66] Da marca Sega Genesis

Eu não fazia distinção do meu irmão. Só me dei conta de que eu tinha umas necessidades diferentes, por volta dos doze anos quando menstruei. Eu me lembro que não sabia lidar com a situação e meu pai tentou me explicar o que dava. Tirando essa parte fisiológica, eu era um deles e achava tudo normal. Assim, acabei me interessando por esportes. O esporte é uma coisa bacana! Luta, gosto muito de luta! E futebol, adoro futebol! O gosto por futebol foi reforçado por um namorado que tive aos treze anos. Ele era da torcida organizada do Palmeiras. Então, já viu!

* * *

Meu pai cozinhava muito bem, cozinha até hoje! E ensinou à gente a cozinhar. Era ele quem fazia os afazeres domésticos. Logo na época em que minha mãe faleceu, ele teve que contratar alguém para ajudar, porque eu com dez anos, meu irmão com quinze e meu pai louco da cabeça, não dava para ele cuidar de tudo.

Depois de alguns anos ele conheceu outra pessoa e nos deixou, eu e meu irmão, morando sozinhos, assim, soltos no mundão! Mas até os quinze anos de idade, éramos sempre nós três. A família éramos nós. A família da minha mãe é de outro estado, e a gente acabou perdendo o contato até com nossos familiares que ainda moram aqui em São Paulo. Nosso contato se resume a algumas curtidas no *Instagram* e olhe lá.

Na verdade, meu pai se mudou e foi ser nosso vizinho. O conjunto habitacional tem dezesseis blocos, que eles chamam de estacionamentos. A gente morava no bloco C e ele no bloco A. Logo que ele comprou o apartamento do lado de lá, ele ficava indo muito em casa. É como se ele tivesse duas casas e a gente só não tinha ele para dormir. Depois ele seguiu, e deu uma largada, uma largada mesmo! Aí, por incrível que pareça, a gente ficava semanas sem se ver. Quem vivia ali no meu dia a dia e via o que eu passava, era o meu irmão. Por isso eu nunca pude deixar de trabalhar! Tinha que ajudar o meu irmão. A gente não pagava aluguel, mas a gente sustentava a casa.

* * *

Eu nunca aceitei o destino que falavam que eu iria ter. Nós viemos de uma classe social inferior. Morávamos em conjunto habitacional na periferia, onde a maioria das mulheres estão destinadas a se envolver com os caras das baladas da pracinha - antes eram os sambas e depois evoluiu para os pancadões - sem futuro nenhum! Engravidar cedo e ser mãe solteira mesmo. Depois ficar por ali, porque depois de um filho, sozinha, tudo fica mais difícil. Eu sempre quis sair dali. Sempre fugi do radar da COHAB[67]. Evitava ir às baladas onde o pessoal de lá sempre estava. Ia me divertir em outros lugares bem longe dali! Bem para o lado sul.

Tanto que hoje em dia eu só tenho uma amiga de lá. Conheço muita gente, até porque visito meu pai sempre. Mas amizade mesmo, só a dela. Uma pessoa de um coração bom, que amo! Mas, o que a gente tem em comum é só o temperamento estourado. Até por isso já brigamos e ficamos sem nos falar três vezes. Ela gostava, se apaixonava por aqueles tipos! Nossas divergências sempre foram nessas coisas. Ela se contentou com aquela vidinha. Nunca quis estudar, nunca pensou em ter uma carreira, viveu vários relacionamentos abusivos e não enxerga! Ela é mãe de dois filhos de pais diferentes. O detalhe é que um era amigo do outro. Foi através dela que conheci meu *ex*, com quem namorei por quatro anos. A avó dela é de Pirituba e a gente ia dormir lá de vez em quando.

Depois de começar a namorar, eu ia todo final de semana para Pirituba. Ir para a casa do meu namorado era maravilhoso, tinha uma afinidade enorme com minha sogra, ela adorava que eu fosse para lá. Ela sempre me esperava com uma comida que eu gostava, um sorvete, sempre com alguma coisa especial. Me levou no ginecologista, porque educação sexual com meu pai era impossível. Até nas brigas entre meu namorado e eu, ela sempre ficava do meu lado.

Além disso, lá em casa, no começo do namoro, principalmente, ainda tinha aquele ambiente triste, mórbido, com meu pai e meu irmão. Então sair de casa, ufa! Era um alívio! Isso durou até meus dezessete anos, quando terminei o namoro e nunca mais voltei a vê-la. Ele não aceitou o término, assim de pronto,

---

[67] Conjunto habitacional da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo. Criada em 1965 com a finalidade de fornecer acesso a moradia à população de baixa renda.

ficou muito chateado e me convenceu de que minha sogra pudesse estar chateada comigo também.

* * *

Conheci o Max no último ano da graduação, poucos meses depois de ingressar no meu terceiro emprego. Claro que, primeiro eu gostei da aparência dele, e da sinceridade. Nisso ele ganhou logo vários pontos comigo. Logo me apaixonei por ele e pela leveza que ele trazia. É incrível a lucidez com a qual ele vê as coisas. É muito fácil conviver com ele! Ele é tranquilo e eu uahhhh muito agitada! Então, *bateu* muito! Demorei três anos para encontrar outra pessoa que acendesse algo em mim de novo, aquela afinidade que eu tive antes, com meu ex-namorado.

Quando a gente se beijou pela primeira vez, foi aquela coisa assim bem brega mesmo, de ver borboletas! Foi um sentimento muito recíproco! Ele também é de Pirituba e palmeirense, mas as semelhanças entre Max e meu o ex-namorado se limitam a isso. Max sempre quis algo a mais para a vida! A gente tinha isso em comum, a ideia de não aceitar aquela inércia em que a gente vivia e que para todo mundo era normal. A gente queria descobrir as coisas. A gente nem sabia o que era! Não sabia nem o que iria fazer para isso, mas sabia que não queria ficar daquele jeito.

Cada um no seu mundo, as pessoas nos falavam que estávamos fadados àquilo. No caso dele, era ser morto ou ir para a cadeia, como vários amigos dele. Ele tinha uma perspectiva de vida bem ruim, vem de uma família muito pobre, de um lugar bem caído. Quando começamos a namorar, descobrimos que pensávamos muito parecidos. Acho que isso juntou a gente. Ele ainda sonhava um pouco mais baixo do que eu. Eu sempre sonhei alto demais.

“Nossa, você pensa muita coisa! Você vai conseguir?”

“Ah, não sei se vou conseguir, mas preciso sonhar, porque se eu não achar que posso conseguir, ninguém vai achar por mim!”

Então, a gente se identificou muito aí. Max foi feirante e depois que conseguiu fazer um curso profissionalizante de metalúrgico no SENAI[68], essa é

[68] Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI é uma instituição privada de educação profissional.

a profissão dele. Atualmente, faz faculdade de educação física. Considero essa fase um marco, porque eu me sentia em ascensão. Estava feliz, estava bem na empresa, fazendo o que gostava e quando nos encontramos tudo fez muito sentido. Foi uma fase muito legal!

Nos conhecemos numa balada, mas não ficamos nesse dia. Só conversamos a noite toda. Fomos nos encontrar na semana seguinte e foi tudo muito rápido. Em duas semanas ele já tinha comprado alianças e me pediu em namoro. Um ano depois ele foi morar com a gente, aí virou noivo. A nossa desculpa para a sociedade era que faríamos um teste. Nos casamos pouco mais de um ano depois. Moramos uns três anos na COHAB antes de nos mudarmos para a nossa casa em Cotia. Isso porque quando compramos esse apartamento, ele veio cru. Não tinha piso, não tinha nada. Demoramos mais de um ano para conseguir deixá-lo habitável.

Um ano depois de nos conhecer, fizemos a nossa primeira viagem de avião. Foi para o Nordeste, Maceió! Foi a primeira vez de nós dois. Não tínhamos carro, não tínhamos nada. O mais longe que tínhamos ido foi para uma praia ou outra, aqui perto em Santos, mas tinha sido poucas vezes. Tanto eu, quanto ele, tínhamos ido a Santos raríssimas vezes. Nenhum de nós dois sabia como era viajar de avião e nem tinha muitos amigos com essa experiência para nos *passar uma visão*. Então foi uma experiência muito legal! Fechamos a viagem pela CVC[69] no shopping. Pesquisei na internet tudo bonitinho e fomos na loja para conseguir um desconto. E conseguimos! Poucos dias antes da viagem, surgiu um problema: como chegar ao aeroporto! Como ir da COHAB até Guarulhos. Descobri que tem um ônibus, aquele *Airbus*, que sai da Praça da República. Só que nosso voo era às seis horas da manhã e o transporte público começa às cinco da manhã. A gente *virjão*[70]:

“Temos que estar lá no aeroporto três horas antes!”

Então, o que fizemos? Pegamos um ônibus umas sete horas da noite até o metrô da estação Butantã, fomos até a estação República. Eu tinha bilhete, pois trabalhava em São Paulo, e sempre sobrava alguma coisa no cartão de vale transporte. Andamos uns cinco minutos até o ponto. Embarcamos e viajamos com pouquíssimas pessoas no ônibus. Chegamos era quase meia noite e

---

[69] Marca de uma agência de viagem.
[70] De virgem.

passamos a noite no aeroporto. Foi muito engraçado! Eu tenho uma foto em que um cara está atrás de nós dormindo com uma *bocona* aberta e eu e Max lá *empolgadões*! Chegamos, já fizemos *check-in* e passamos a noite toda esperando.

Ouvimos falar que tudo no aeroporto era muito caro! Então levamos bolo e *Gatorade* de casa. E olha a nossa ignorância! Achamos que não poderia entrar com comida na sala de embarque! Estávamos meio cheios e a não tínhamos noção de nada, de nada! Foi uma aventura! Comendo bolo, eu e Max nos *entuchando*, come aí, come aí!

"Eu não vou jogar fora, não vou desperdiçar o bolo, vou comer" Ele falou.

Engraçado, né? Saímos de casa às sete horas da noite e chegamos no hotel em Maceió já eram umas onze horas da manhã! Mortos, acabados! Pergunta se a gente queria *curtir,* ver Maceió? Não! A gente queria dormir! Aquele dia foi morto! Só dormimos e só saímos à noite. Essa história do aeroporto foi uma experiência!

4.2.2 *Achei fascinante aquela coisa de transformar dados!*

Eu fui criada na TI. Ingressei nessa área por causa do meu irmão e por influência do meu pai. Meu irmão é cinco anos mais velho do que eu, e meu pai se virou pra criar a gente sozinho. Aqui em São Paulo, ele foi a vida toda vendedor. Ele vende colchão a muitos anos. Agora ele já está para se aposentar. Nessa vida de vendedor, por causa do contato com muita gente diferente, alguém falou para ele para encaminhar os filhos para a área de tecnologia.

"É uma área que dá dinheiro! Eles vão fazer uma faculdade e vão ficar bem de vida!" Meu pai conta.

E foi o que ele fez. O meu irmão foi quem *startou* esse projeto. Então a primeira coisa que meu pai fez foi procurar escolas, estilo SOS Vida, SOS Computadores[71]. Hoje em dia não tem mais, mas na época eram bastante famosas aqui em São Paulo. Lá, a gente fez o primeiro curso de informática básica para aprender o que era um computador, o que que era uma *CPU*[72], os

---

[71] Empresa privada especializada em cursos de informática a preços acessíveis à população de baixa renda.
[72] *CPU – Central Process Unit* – Unidade Central de Processamento ou processador de um computador.

componentes etc. Eu e meu irmão acabamos gostando do curso. A gente fez isso na mesma época, eu tinha doze e ele dezessete anos.

Meu pai tentou forçar meu irmão a ir para escola técnica. Forçar, assim, eu digo que ele tentou encaminhar. Mas David não quis. Então meu pai continuou insistindo, colocando a gente em alguns cursos. E a gente foi. Fizemos os cursos de *Web Designer* e *Designer* Gráfico, e não gostamos! Engraçado que nós dois, muitas vezes tivemos os mesmos interesses! Eu cheguei no ensino médio e fui fazer um curso técnico, e meu irmão entrou na faculdade. Ele acabou gostando de Redes de Computadores e se formou em redes.

Na escola técnica eu tive poucas matérias sobre a parte técnica de informática. O curso era Sistemas de Informação, mas não tinha muitas matérias sobre tecnologia. Era basicamente, Banco de Dados e Linguagem de Programação, que na época era Delphi. Dali eu já vi que eu não gostava de programar. Não *curti*, não conseguia ter aquele raciocínio lógico, aquele negócio ali não me servia! Aí eu tive uma aula de Banco de Dados. Eles estavam ensinando *SQL*[73], nem lembro que versão que era, mas era em 2005.

E *curti* muito! Achei fascinante aquela coisa de transformar dados! E aí quando eles foram mais fundo e ensinaram uma vertente do *BI*[74]! Fiquei fascinada! Aquilo de você poder criar os dados, pô! Pensar que quando um supermercado monta uma prateleira, eles têm todo um estudo para fazer isso! Eu não fazia ideia! E foi isso que me fez querer fazer uma graduação específica, que foi Banco de Dados.

* * *

Fiz meu primeiro estágio ainda cursando a escola. A empresa tinha foco em programas com jovens, pegava pessoas que estavam na escola e ficava com elas até a faculdade. Era uma exigência da empresa que estivéssemos estudando. Lá eu não via nada de banco de dados. Era suporte mesmo. A gente prestava suporte a celular, a *Kindle*, que na época era uma novidade no Brasil.

---

[73] *SQL* - *Structured Query Language* – Linguagem de Consulta Estruturada ou Linguagem genérica de banco de dados.

[74] *BI* ou *Business Intelligence* é um conceito criado pela *Gartner Group* e se trata de um conjunto de ferramentas e técnicas para armazenar, organizar e principalmente analisar dados, gerando informações para dar suporte a decisões empresariais.

Pelo menos era para mim! Eu morava no Butantã e estudava na Lapa. Ficava quase três horas para ir e para voltar. Estudava de manhã, aí comia qualquer coisa, um salgado, entrava à uma e pouca no trabalho e saía às dez. O trabalho já era um pouco mais perto de casa, na Faria Lima.

Nunca tive amigos tão legais no trabalho como nesse primeiro emprego. Pessoas que amo e tenho amizade até hoje. Em compensação, tive uma experiência meio chata com um dos supervisores. Ele não era meu supervisor direto. Mas desde que eu entrei, um mês antes de completar dezessete anos, ele sempre vinha conversar comigo. Me chamava para sair pra comer, dizia que ele pagaria tudo, que estava interessado na minha amizade. Eu era estagiária e era uma ameba! No final do estágio, os alunos passam por uma avaliação para serem ou não contratados.

“Minha amizade é valiosa! Eu posso te fazer crescer aqui na empresa!”

“Eu não sou seu supervisor direto, mas você sabe, minha opinião vai pesar na sua avaliação de desempenho!”

Eu desconversava. Acho que se eu tivesse gostado dele, mas não! Passados nove meses, eu fui efetivada como funcionária, sem essa suposta ajuda. Mas ele continuou a insistir. E nisso de ele ficar sempre *enchendo o saco..*

“Quer saber, vou aceitar. Mas não vai ser do jeito que ele tá pensando!”

Ele me levou em um restaurante japonês, superlegal, estilo meio caro, ali perto do Butantã. No final, ele pagou a conta e ficou surpreso porque eu não *fiquei* com ele. Na verdade, ele ficou bem *p. da vida* comigo. E eu fiz bem de propósito! Sei que irritei muito a pessoa. Não faria de novo. Depois eu pensei que eu fui querer dar uma lição e ele poderia ter feito alguma coisa comigo! Mas não aconteceu nada. Eu fiquei mais de um ano nessa empresa e a vida seguiu. Logo que acabou a escola, eu mudei meu horário e passei a trabalhar durante o dia, porque faria faculdade à noite, e aí a gente não se encontrou mais.

* * *

Eu esperei um semestre para ingressar na faculdade. Isso, porque eu quis tirar a carteira de motorista. Acho que quis muito isso porque eu sempre tive essa carinha de muito nova, queria chegar nas baladas e ter a carteira, falar que era de maior. Algo bem, bem supérfluo! Eu também achei que meu pai poderia me

deixar dirigir o carro dele. Grande erro! Jamais! Mas teve um sentido ter um documento bom! De não ir à balada com RG.

No primeiro semestre minha turma tinha uns trinta alunos, mas muita gente fazia *DP*[75]. Então, no segundo semestre éramos vinte alunos. De mulheres, comigo eram quatro. Mas eu ficava mais com o pessoal de outros cursos. Na minha turma não tínhamos muita interação. Os trabalhos eram todos individuais. Em grupo só o TCC[76] e eu sou bem na minha. Sou meio chata para me envolver com as pessoas. Eu chegava no bar em frente à faculdade, tomava uma, quando dava a hora, subia, *pegava* as aulas e depois ia embora tranquila. Eu tive poucas amizades na faculdade.

Tem uma pessoa que eu tive amizade. Amizade assim, de uma balada ou alguma coisa mais pontual. Quando comecei a faculdade eu fumava, e a primeira pessoa que conheci foi uma menina, que fazia Gestão Empresarial. Nos conhecemos por causa de um isqueiro. Eu estava no bar fumando e ela me pediu o isqueiro emprestado. Começamos a conversar e essa amizade seguiu por toda graduação. Pegamos *DP*, ela na matéria da área dela e eu na minha, e acabou que fizemos a colação de grau juntas.

Apesar de haver mais professores homens, nunca senti distinção não. Inclusive, a nossa coordenadora do curso de Banco de Dados era uma mulher. Uma pessoa forte! Ela nos contou um pouco da sua trajetória profissional. Ela começou fazendo plantão, assim, coisas pequenas em banco, como *backup* e *restore*[77]. Foi gostando da área e se consolidou. Depois foi para o mundo acadêmico. Ela era uma boa coordenadora! Eu sentia que comigo, ela exigia um pouco mais. Assim, não no sentido chato, acho que ela sabia que eu poderia mais, então ela dava uma *pegadinha* no meu pé! Depois eu fui ter outra professora mulher no quarto semestre. De resto o corpo docente era composto de homens mesmo.

4.2.3 *Eu demorei para entender que o problema, muitas vezes, era eu ser mulher*

[75] Dependência em alguma disciplina.
[76] Trabalho de Conclusão de Curso.
[77] Backup - Cópia de Segurança; Restore – Restauração de Backup.

Quando ingressei no meu segundo emprego, já tinha cursado mais de um ano de faculdade. Eu entrei para ser *backup*[78] do meu coordenador, com um cargo bem pequeno, era uma coisa muito ridícula! Ele me explicou o serviço. A gente fazia muita intervenção direta em *banco*[79], muito *insert*, *update*[80], fazia muita coisa ali no quente, sob pressão, e você precisa resolver rápido, andar. Não importava se abrissem um chamado e ele tivesse um *SLA*[81] de vinte e quatro horas. Você tinha que resolver em dez minutos!

No começo até cometi um erro, uma *gafezona* de iniciante e esse coordenador teve que corrigir junto com o nosso gerente, porque alterei o banco de dados inteiro e tiveram que retornar o *backup*[82]. Mas eu, em princípio, achei ele super profissional. Eu me sentava ao lado dele, e estava sendo treinada. Ele não me fazia muita pergunta íntima, nada. Passados uns três meses, o interesse começou a surgir.

"Você não namora?"

"Uma pessoa boa pode alavancar sua carreira, pode alavancar sua vida"

Como a equipe era pequena, era frequente sair todo mundo junto para almoçar. Quando tinha outra pessoa da equipe, ele agia totalmente diferente. Quando éramos só eu e ele, pô! Era muito chato!

"Você não quer namorar? Eu gostei muito de você!"

"Não quero me relacionar com ninguém!"

Ele achou que ia me vencer pelo cansaço. Esse aí foi insistente! Depois de uns quatro meses trabalhando lá, ele passou um e-mail para nossa diretora, e me colocou em cópia oculta. No e-mail ele me tecia muitos elogios, dizendo que eu era um ponto fora da curva, que eu estava superando as expectativas dele. Eu tinha esse e-mail até pouco tempo. Depois, ele veio com a mesma conversa do meu antigo supervisor.

"Olha como eu posso te favorecer!"

Eu vi aqueles mesmos *papos* voltarem, eram as mesmas coisas!

---

[78] Backup na qualidade de função ou ocupação na área de TI se refere a um substituto, o apoio direto, a pessoa que faz a mesma função e cobre a ausência da outra.

[79] Banco de dados

[80] Comandos básicos da linguagem de banco de dados. Insert é um comando para inserir dados e Update é um comando para atualizar dados no banco.

[81] O *SLA, Service Level Agreement* ou Acordo de Nível de Serviço, é um acordo em que empresa e cliente fazem para definir todos os quesitos contratuais referentes a prazos, entrega, responsabilidades e tudo mais envolvendo contratado e contratante.

[82] A cópia de segurança do banco de dados.

Eu não o destratava. Só desconversava. Ele era meu chefe! Nisso, calhou de entrar uma menina no RH[83] da empresa e um tempo depois eles estavam juntos. Não sei o que *cargas d'água* ele pode ter falado para ela, mas logo, ela passou a falar comigo em um tom áspero. E o comportamento dele comigo também mudou. Desde então, eram raras às vezes que ele saia para almoçar com a equipe. O engraçado é que, esse era um ponto que eu achei legal, quando eu conheci a empresa.

"Nossa, o coordenador é próximo dos funcionários!"

Olha a inocência da pessoa!

Depois de nove meses de casa, do nada, ele me mandou embora. Com quatro meses eu era um ponto fora da curva, com nove meses, do nada, ele me desligou sem nem me dizer por quê.

"Lamarr, para o que está fazendo! Luana está te esperando na sala." Ele disse secamente.

Na hora nem pensei que era isso. E a funcionária do RH, a mesma que me contratou, me desligou. Ele não teve a *pachorra* de aparecer lá para falar comigo! Geralmente, pelo menos onde eu já passei, o seu chefe direto fala com você e depois entra a pessoa do RH, para te entregar os papéis, mostrar o que você vai receber, o que vai cair na sua conta. Nessa, não. Ela fez todo o trabalho e ele não apareceu por lá.

Quando fui me despedir, ele foi super seco. Profissionalmente não aconteceu nada, nada, nada. Eu só consigo atrelar minha demissão a isso. Pareceu que o motivo foi bem esse, pois, foi muito pouco tempo de casa para tudo isso acontecer. Eu já estava treinada, adaptada e por isso, na época não fez sentido algum. Ele sempre falava que a minha presença lá era muito importante, porque antes, ele não conseguia sair no horário dele e que com a minha presença ele conseguia muitas vezes não ficar na empresa até dez horas da noite. Foi muito esquisito!

* * *

[83] Departamento de Recursos Humanos da empresa.

Dois meses depois, ingressei no meu terceiro emprego, como analista de banco de dados onde profissionalmente foi muito bom! Era um trabalho bem técnico, uma fase muito importante da minha formação. A empresa tinha um *ERP*[84] desenvolvido e comercializado por ela, então eu dava manutenção no sistema. Eles vendiam o pacote básico e depois acrescentavam as customizações de cada cliente, onde eles ganhavam o dinheiro mesmo.

Então, eu implementava essas customizações. Ganhava pouco, pouco, pouco, mas amava! Estava no meu mundo, criando *query*, *procedure*, *trigger*, *view*,[85] relatórios com o *Crystal Reports*[86]. Ficava fascinada por conseguir colocar em prática o gerenciamento de banco de dados que aprendia na faculdade. Por outro lado, era uma empresa muito pequena, com apenas sete funcionários. Eu trabalhava direto com o dono, um privilegiado, que herdou a empresa do pai. Ganhava mal, mas adorava o trabalho!

Essa época da faculdade foi muito apertada, eu passei toda no *vermelho*! Então eu vendia meu *VR*[87] e fazia marmita para economizar. Só que o dono da empresa era bem *cricri*, não podíamos ter um micro-ondas no escritório e ele não me deixava comer lá. Dizia que dava cheiro, essas frescuras de gente rica. Então, eu tinha que almoçar sentada na escadaria do prédio, a comida fria.

Com o tempo, eu acabei fazendo amizade com o pessoal da recepção do prédio e eles tinham uma areazinha com micro-ondas e com banquinhos para os funcionários do condomínio. Eles me deixavam esquentar a marmita lá e passei a comer a comida quente. Mas, como eu não podia ficar no espaço, eu esquentava minha marmita, subia pelas escadas e me sentava lá para almoçar.

Às vezes, quando não queria comer na escadaria, eu arriscava deixar para almoçar bem tarde, quando ninguém entraria lá na sala. Assim, quando tinha uma comida de cortar, ou uma coisa mais complexa, eu comia escondido no escritório no meio da tarde. Não tinha muito o que fazer. Não tinha de onde tirar dinheiro! O ser humano vai se adaptando... Fiquei nessa empresa por um ano e meio. Depois de formada, queria alçar novos voos. Queria ser *DBA*[88].

---

[84] *ERP – Enterprise Resource Planning* – Sistema de gestão empresarial

[85] Estruturas de código, procedimentos, funções que disparam em certas circunstâncias e consultas. Faz parte da linguagem utilizada pelos bancos de dados.

[86] Ferramenta para criação de relatórios.

[87] Vale Refeição.

[88] *DBA - Database Administrator* – Administrador de banco de dados.

* * *

Depois de me graduar e fazer algumas certificações, fiquei quase sete meses desempregada. Eu achava que quando terminasse a faculdade, a vida seria uma maravilha, que iria dar um salto e conseguiria uma oportunidade para ingressar na ocupação de *DBA*. Mas, recebi muitos nãos. Passava por provas e chegava até o final das entrevistas. Cada hora recebia uma desculpa, como a idade, a falta de experiência etc. Foram muitas entrevistas assim. A última entrevista que fiz, no final, o RH me deu a notícia triste de que havia um homem com um currículo parecido e ficaria com a vaga. A recrutadora foi clara ao dizer que por eu ser mulher, não aguentaria a pressão. Foi quando eu parei.

O seguro-desemprego acabando, eu precisando trabalhar, calhou de uma pessoa da equipe de analistas PJ[89] da qual meu irmão fazia parte, ser efetivada como CLT[90] na *Empresa Y Tech*, empresa que trabalho atualmente. Assim, sobraria uma vaga nessa equipe de PJs. Essa é uma prática comum da empresa. Contratar analistas que já estão trabalhando como terceirizados prestando suporte de primeiro e segundo nível a seus clientes, em projetos temporários. Então, por indicação do meu irmão, eu comecei a trabalhar como PJ, integrando essa equipe de analistas, que prestava serviços para a *Empresa Y Tech*, um ano antes de ser contratada. Dos cinco analistas eu era a única mulher.

Nessa época, eu fiquei, por dez meses, locada em uma empresa de RH, cujo escritório ficava na zona sul de São Paulo. Lá eu tive um forte contato com o pessoal do recrutamento e conheci suas práticas de contratação. Eles recebem um perfil oficial, que é divulgado e um perfil não oficial, que é o real, o que deve ser efetivamente seguido. É tão esdrúxulo a ponto de em muitos casos não poderem contratar pessoas negras, independente do sexo.

Para ocupações da TI, a busca sempre começa com o homem branco no topo da hierarquia. Depois vem o homem não branco, a mulher branca e, por fim, a mulher não branca. No tempo em que fiquei alocada lá, nunca vi uma mulher negra ser chamada para entrevista em cargos de TI. Eram sempre

---

[89] Pessoa Jurídica que presta serviços como empresa.
[90] Consolidação das Leis do Trabalho – Legislação brasileira que rege os direitos do trabalho.

homens brancos. Se a minha ficha já tinha caído antes, com essa experiência então! Ah, eu *brochei* muito! Se por um lado eu sei que devo ter um currículo muito bom e faço muito para isso, por outro, posso ter mil certificações que isso não vai mudar a realidade, pelo menos em empresas privadas.

Estou na *Empresa Y Tech* a pouco mais de cinco anos. Nas outras empresas eu fui passando assim aos picados. Ficava um ano, nove meses, depois um ano e meio, sempre procurando um cargo melhor, um salário maior, aquela coisa a mais. Eu achava que o problema estava na empresa e por isso eu ficava me mudando, para adquirir mais experiência e conseguir algo melhor. Mas não, eu estava bem errada. Eu demorei para entender que o problema, muitas vezes, era eu ser mulher.

* * *

Como analista PJ, eu acabei conhecendo pessoas que eram CLT[91] dessa empresa, que faziam o terceiro nível de atendimento. Um analista, com quem eu trabalhava diretamente – que inclusive, é meu amigo até hoje -, gostou muito do meu trabalho e me indicou ao gerente dele para que eu fosse contratada como CLT. Esse gerente sugeriu que eu fosse conhecer a empresa, que queria me ver trabalhando.

Assim, foi solicitado ao meu coordenador que eu fosse trabalhar um dia lá na empresa, e assim eu fui, trabalhei um dia e fiquei conhecendo o pessoal. Quando eu voltei, meu coordenador estava *fulo* da vida, me chamou em uma sala e me disse que eu havia pulado a hierarquia dele. Me disse que se alguém tivesse que ser contratado, haveria muitos nomes antes do meu, que eu não estaria nessa lista. Até aí, tudo bem. Mas aí ele falou:

"Eu não sei o que você tem com o Escobar. Até onde eu sei você e ele são casados, não sei por que essa amizade, esse interesse todo."

O nome desse meu amigo é Pablo Escobar. E esse coordenador tentou insinuar que eu traía meu marido, só porque um colega do sexo masculino se interessou pelo meu trabalho! No final, quando o projeto acabou, a equipe inteira, com os cinco analistas, foi absorvida pela empresa. Esse coordenador também

[91] Pessoas contratadas como funcionário, com carteira de trabalho e direitos regidos pela CLT – Consolidação das Leis do Trabalho.

foi contratado, porém, em um cargo mais baixo, sendo demitido pouco tempo depois. É aquela coisa, o mundo não gira, ele tomba!

* * *

Trabalhar no meio de homens não é um problema, na maior parte das vezes. Talvez, por eu ter crescido com meu irmão e meu pai, sempre me interessei por futebol e coisas assim do universo masculino. Então, eu converso na mesma linguagem e já notei que muitos colegas meus me veem como um outro menino. Eu chego falando de futebol, tipo conversa de camaradagem, falo muito pouco da vida pessoal. Ainda assim, senti bastante essa questão, logo que entrei. Senti que trabalho em um ambiente bem machista.

Lá, tinha uma patota, formada pelo gerente, meu coordenador e outros com o mesmo cargo meu, que se juntava para ficar falando mal dos outros. Tinham uma coisa de colocar apelido nos outros, mas que só eles sabiam. Esse gerente tinha práticas bem abusivas, como nos xingar e humilhar em reuniões, caso ele não gostasse de alguma coisa que tivéssemos feito. Ele não fazia só comigo, fazia com outras pessoas também. Era muita pressão psicológica. Mesmo que o procedimento adotado não tivesse um processo documentado, e eu tivesse feito do modo que fazia mais sentido para mim e que resolveu o problema do cliente, se ele discordasse, ele fazia questão de me *esculachar* na frente de todo mundo.

A gente tem vários serviços de vinte e quatro por sete[92], mas eu não trabalho vinte e quatro por sete. Meu horário é de oito da manhã às cinco da tarde. Mesmo que isso não estivesse previsto pelo RH, por lei, se um cliente ligasse a qualquer hora, você tinha que atender! Ele exigia isso. Se você não atendesse, no dia seguinte ia ser todo aquele inferno de voltar para a salinha e ter toda aquela coisa. Então, poderia ser oito da noite ou duas da madrugada eu tinha que atender. Depois de uma reformulação na empresa ele foi mandado embora. A empresa começou a ficar atenta a muitas coisas, principalmente depois de ser processada por assédio moral por causa desse gerente.

* * *

[92] Aatendimento ao cliente vinte quatro horas, sete dias por semana.

Essa empresa responde direto à *BZ Telecomunicações* que faz a mediação com a Anatel. Nossos principais clientes são as operadoras de telefonia. Quando fui contratada, o meu cargo era o de analista de suporte. Nessa ocupação, teoricamente, trabalhamos com os projetos que já estão em produção, o que chamamos de *on going*. O foco é sustentação, operação. Você faz o suporte ao sistema, depois do projeto pronto. Além disso, eu trabalharia local, atendendo aos chamados dentro da empresa e faria testes para encontrar bugs nos sistemas. Na prática, hoje, o que eu faço?

Participo de projetos como analista de sistemas. Eles me vendem assim, porque nos contratos eles tem que especificar todos os detalhes. Então, meu dia a dia é construir especificações, casos de uso, criar BPM[93], ir até o cliente fazer a análise de requisitos, para entender o que ele quer, para fazer a especificação, fazer planilha de métricas, fazer o plano de teste e executá-lo, porque não temos uma área específica de teste. Fora as tarefas na operação, porque entraram outras pessoas, mas tem coisas que, ainda, só eu consigo resolver.

Ano passado eles contrataram uma consultoria para avaliar várias coisas da empresa, não só da área de TI, mas, RH, Financeiro, em toda empresa. Com essa consultoria, houve uma avaliação geral na empresa e a gente teve uma equiparação de cargos e salários. Meu cargo na carteira mudou para analista de operações. Apesar de não ser a maioria, alguns funcionários tiveram alteração salarial. O meu irmão, que entrou junto comigo, temos o mesmo cargo, ele, muitas vezes, participa dos mesmos projetos e executa as mesmas funções que eu, teve um aumento de salário de cinco porcento. O meu salário aumentou dezessete porcento. É muita coisa, né? Eu fiquei chocada.

Mas eu tenho dias felizes, não é só tristeza não. Estou ao lado do meu irmão e isso é ótimo. Me sinto protegida! Quando tem algum projeto legal, fico empolgada! Isso me motiva, me dá um gás. No universo da TI, quando estão ali, só eu e a máquina, eu gosto! E tem o dinheiro! O salário que eu ganho hoje, eu mantenho tudo. Na real, não precisaria de mais, a não ser para guardar. No momento, Max está desempregado e a gente consegue viver lindamente com o que a gente tem. A área de TI é meio louca. Quando conheci o Max, a gente

[93] BPM – Business Process Management ou Gestão de Processos de Negócio.

ganhava a mesma coisa. Foi só eu ter uma formação, uma coisinha a mais no currículo, que puaaahh! Em pouco tempo meu salário quase triplicou.

* * *

Eu gosto do que faço! É uma carreira com a qual me identifiquei, apesar de não ter tido oportunidade de saber como é ter outra profissão. Já faz mais de dez anos trabalhando nessa área. Assim, não sei como é trabalhar em outra. Não sei fazer outra coisa! Nem me vejo fazendo outra coisa. Este ano, terminei uma pós-graduação iniciada em 2017, em Estratégia em Negócios de T.I. e tirei uma certificação *SCRUM*[94]. A empresa paga cinquenta por cento do custo de cursos de graduação, pós-graduação e línguas, para todos os funcionários. Quem usa o benefício tem que permanecer na empresa por, pelo menos, um ano depois do curso.

Para o futuro, não sei. Não sei se quero aprender a programar, se quero focar mais na área de negócio. É que antes, meu plano era ser DBA. Em algum momento do ensino médio eu tive esse desejo e fui criando, romantizando aquilo, sem nem saber se era bom ou ruim. Coloquei toda minha energia, todo meu foco nisso. Não tinha um plano b, foi onde eu me frustrei. Agora, não quero ficar só na parte de banco. Conheci a área de negócios e gostei muito.

Essa parte de análise de sistemas, de definir métricas, de participar do primeiro *kick-off*[95] de um cliente e entender suas expectativas em relação aos sistemas que você tem para oferecer, essa parte da TI eu não conhecia e gostei muito disso, embora eu adore a parte técnica, *botar a mão na massa!* Nessa área, ser técnico não é suficiente. A gente tem que ter o *plus-plus.* O conceito de *UX* [96] tem chamado minha atenção. Basicamente ele está presente no modo intuitivo como são construídos esses aplicativos populares, como *iFood* e *Uber*. Pode ser um grande nicho de mercado e estou pesquisando a respeito. Pode ser que eu invista nisso.

---

[94] *SCRUM* é uma metodologia ágio para gestão dinâmica de projetos de software (SABBAGH, 2014).

[95] Na Tecnologia da Informação, *kick-off* é a primeira reunião que trata do planejamento de um projeto. Nela os participantes, responsáveis pelo projeto, irão definir e compartilhar os principais objetivos, riscos, cronograma, prazos e ajustes de detalhes do trabalho.

[96] *UX* - *User Experience*] - Desenvolvedores *UX* observam o comportamento dos usuários para melhorar o design e a interface do aplicativo.

Considero que cresci muito, e ainda tenho muitos lados para explorar. Estou em uma fase de prospecção, tentando me descobrir. As coisas mudam muito. Eu não esperava que estaríamos vivendo politicamente como estamos, tão incertos sobre o futuro. Eu nunca tinha cogitado a possibilidade de morar fora do país. Hoje, é algo que levo muito a sério, e, se aparecer uma oportunidade, eu vou!

* * *

A seguir, estabeleço a discussão entre os temas emergentes no campo empírico da pesquisa e os achados da literatura relativos à temática, adicionando a trama dos conceitos que se tece na interlocução das perspectivas das relações sociais de sexo e da ergologia.

5 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO EM DEBATE NA TI

> O que é uma mulher? Juro que não sei. E duvido que vocês saibam. Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não se expressar em todas as artes e profissões abertas às capacidades humanas (Virgínia Woolf)

Nesta seção, apresento a discussão baseada na segunda camada de análise do campo empírico e sua articulação com o arcabouço conceitual teórico que ancoram esta pesquisa, a fim de refletir sobre o uso dramático do corpo-si, em sua dimensão sexuada diante das normas sociais. Para a ergologia o corpo-si é um centro de arbitragem, em permanente gestão das variabilidades do meio, em alguma medida, sempre infiel, no qual procura ajustar-se.

Trata-se do ser humano, encarnado, que congrega todos os elementos heterogêneos – corpo-alma, social-histórico, verbal-não verbal, normas, técnicas, saberes, valores etc., que, em atividade, tenta incessantemente colocá-los em sinergia, em nome da vida e da saúde (SCHWARTZ, 2011). Esse ajuste do corpo-si é realizado por meio dos usos de si, sendo o si, esse substrato enigmático “ao qual o corpo em atividade se refere” (SCHWARTZ; ECHTERNACHT, 2009, p. 9, tradução nossa).

A saber, quando nos referimos às nossas trabalhadoras, estamos falando de corpos-si em atividade, esta, também entendida como renormatização. Nesse fluxo explicativo, a ergologia compreende o trabalho humano como um lugar de debate de normas em um mundo de valores, escolhidos ou preteridos, nas diversas experiências laborais, considerando o trabalho em todas as dimensões (ontológica e antropológica) da vida. Portanto, para a ergologia não existe trabalho sem a dimensão humana desse trabalho, sendo, a atividade uma instância inscrita em um corpo vivo, mas, que ultrapassa a dimensão biológica (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007, 2008, 2010, 2016).

É importante salientar, que o intuito de abordar a dimensão sexuada do corpo-si nesta pesquisa, se centra na análise das narrativas de vida, com enfoque nas trajetórias laborais, de duas trabalhadoras do setor de Tecnologia da Informação no Brasil. Com tais narrativas tomadas como conjuntos de dramáticas dos usos de si, em uma área profissional composta predominantemente por homens, direcionamos nosso foco para discutir os tipos de debate, de normas e valores que “nesses casos seriam abertos” [..] “quando

mulheres passam a integrar meios profissionais masculinos” (LACOMBLEZ, 2018, p. 42).

Conforme explicitado no capítulo 2, a interlocução das noções de relações sociais de sexo, divisão sexual do trabalho e ergologia me foram norteadoras ao adentrar o campo e ao organizar as narrativas que compuseram as histórias de Lamarr e Pandora, ora apresentadas. Igualmente neste momento, na qualidade de mulher da TI, proponho uma composição de vozes, não obstante a presença de improvisos, dialogando e dialetizando (MINAYO, 2012) as dramáticas apreendidas das narrativas das trabalhadoras da TI e com a divisão sexual do trabalho como conceito analítico central das teorias norteadoras.

Antes de iniciarmos a discussão, gostaríamos de enfatizar que embora empreendamos nossa análise a partir da narrativa dos fatos, nem os fatos ou as nossas mulheres ou a experiência delas podem ser reduzidas a qualquer narrativa, sobretudo a qualquer excerto de fala. Do mesmo modo com o qual Castro (2016) se posicionou em relação aos seus pesquisados, assumimos que cuidado ao tratar a diversidade de formas com as quais as mulheres podem construir sua relação com a tecnologia e sua inclinação profissional, não deve nos impedir de visualizar os exemplos que aparecem nos discursos delas e as práticas sociais. Seria ignorar os determinantes da estrutura macrossocial e o quão ainda é injusta e desigual a organização do trabalho, sobretudo, entre os sexos, foco desta pesquisa.

Para pensarmos o trabalho da mulher na TI e refletir sobre as dramáticas de uso do corpo trabalhadora frente a toda sorte de normas encontradas em um meio de trabalho que pode ser considerado hostil às mulheres em razão da normativa androcêntrica construída no meio da tecnologia, não nos preocupamos em destacar de maneira exata o quantitativo dos dados que evidenciam a baixa participação feminina entre os trabalhadores na área da computação. A persistente defasagem entre o público feminino e masculino nas ocupações do setor não é um problema novo, ou exclusivamente do Brasil, mas uma realidade histórica, mundialmente reconhecida por diversas pesquisas (BEN, 2007; CASTRO, 2016; GUERRIER et al, 2009; KELAN, 2009; McGEE, 2018; SCOTT-DIXON, 2004; WHITEHOUSE; DIAMOND, 2005).

Ainda que seja crescente, a participação das mulheres nos meios de trabalho desses domínios, presença feminina na TI ainda é pequena,

fazendo com que essa temática continue motivando estudos, e incentivando políticas sociais em prol da igualdade de gênero, notadamente por parte das organizações internacionais responsáveis por inspecionar e fomentar o desenvolvimento social, tais como a OCDE e a UNESCO (OLINTO, 2011).

5.1 O CORPO-SI É UM CORPO SEXUADO?

> Eu não planejo mais, sabe? Eu só tô planejando não ser deixada para trás.
> (Lamarr)

O reconhecimento por parte dos diversos campos do saber sobre as diferenças sistemáticas entre o trabalho das mulheres e o dos homens em todas as sociedades ao longo da história humana (HARTSOCK, 1993) é consagrado nos estudos das Ciências Sociais e Humanas. Entretanto, dependendo do ponto de vista epistemológico, a visão sobre as normas sociais pode revelar ou disfarçar, evidenciar ou esconder tanto as diferentes formas de opressão, sobretudo das mulheres, quanto as diferentes formas de resistência e agentividade, presentes nas experiências humanas.

Desde que a computação matemática foi feminilizada e depois da revolução tecnológica masculinizada, as conquistas das mulheres ao longo da história, sobretudo na computação são indubitáveis. Entretanto, o diálogo empreendido entre o campo empírico e a literatura nos impõe a necessidade de colocar luz sobre a principal questão que atravessa as relações sociais de sexo e suas imbricações de raça e de classe: o trabalho, nesta pesquisa, representado pelo debate de normas relativos à dimensão sexuada dos corpos-si das mulheres da TI, para ajustar-se a um meio, constituído por normas androcêntricas que segmentam e hierarquizam o trabalho. Normas sociais, sustentadas por um discurso naturalizante, baseadas, principalmente, em valores mercantis marcados pela “construção social, cultural e histórica das categorias do masculino e do feminino” (HIRATA, 2018a, p. 15).

Muitos estudos destacam, para além da importância do enfoque econômico, a dimensão sociocultural que está na base das desigualdades entre mulheres e homens, focalizando suas crenças, valores e atitudes socialmente estabelecidos que instauram mecanismos de segregação, formando estereótipos sobre as habilidades diferenciadas entre homens e mulheres que

acabam por firmar barreiras e influenciar as escolhas que as mulheres fazem para sua vida, limitando suas chances de seguir caminhos escolhidos e seguidos pelos homens (OLINTO, 2011).

A literatura sobre a participação feminina em profissões masculinizadas aborda essa temática identificando dois tipos globais de segregação das mulheres, sobretudo, das áreas tecno-científicas, diretamente relacionadas à divisão sexual do trabalho. A segregação horizontal, operada principalmente no processo de socialização das crianças e a segregação vertical, mapeada pela ausência ou sub-representação feminina em meios e posições hierárquicas de trabalho destinado aos homens.

Rapkiewicz (1998) afirma que precisamos analisar a trajetória das mulheres na TI, considerando a transversalidade das relações sociais de sexo e a construção social da ciência e tecnologia, para compreendermos os mecanismos de alijamento das mulheres. A pesquisadora associa o estereótipo da incompetência das mulheres relacionada à tecnologia, ao condicionamento do papel de homens e mulheres no processo de socialização.

Agrello e Garg (2009) atribuem a disparidade de gênero na C&T à construção social do que é o feminino e o masculino. Quando criança os bebês do sexo feminino são estimulados a brincar de boneca e os do sexo masculino a brincar de bola; na idade escolar os garotos são encorajados a estudar engenharia, matemática, computação e as meninas são mais direcionadas às artes e à literatura.

Podemos observar nas narrativas de Lamarr que essa normatividade social foi completamente transgredida por seu pai. Desde criança, ela foi estimulada a desenvolver habilidades informáticas por meio do oferecimento de cursos livres de informática ainda na infância e ingressar na Educação Tecnológica, nos níveis médio e superior. Pandora, por sua vez, evidencia a presença marcante que o seu avô exerceu na sua infância, com as brincadeiras na sua oficina de consertos. Ao narrar sobre o fato de ter conseguido consertar uma impressora no trabalho, sem nunca ter aberto uma antes, ela resgata a lembrança desse avô novamente, para justificar o feito, que posteriormente viu como um fator preponderante na sua trajetória até o setor de TI da empresa.

A divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos é um fator preponderante, no direcionamento profissional das mulheres. Na fabricação de

papeis sociais no mundo capitalista no qual os valores mercantis funcionam como uma régua que afere a posição das pessoas na hierarquia social, é legitimada por uma suposta condição biológica e natural direcionando "determinadas tarefas às mulheres, em geral circunscritas ao entorno do lar e dirigidas à produção para o consumo do grupo familiar, à reprodução da espécie e ao cuidado das crianças, dos velhos e dos incapazes" (QUIRINO, 2011, p. 52).

No caso das nossas participantes, observamos um desvio da norma com relação à socialização doméstica relativa às principais tarefas consideradas femininas, como por exemplo cozinhar. Lamarr cresceu vendo o pai como principal responsável por esse encargo. Podemos inferir que o fato da saúde frágil de sua mãe possa ter contribuído para que ele assumisse praticamente todas as tarefas do lar, pelo menos enquanto ela era viva.

Mas independentemente das razões que levaram a sua família se configurar de modo atípico às observadas na prática social da maioria das famílias, essa questão, em alguma medida, pode ter norteado suas escolhas. A configuração da família que ela constituiu com o marido, é baseada no compartilhamento igualitário do trabalho doméstico, com ele, pelo fato de estar desempregado atualmente, assumindo mais tarefas para que ela possa dedicar-se ao seu desenvolvimento profissional.

> [...] , ele faz mais do que eu hoje em dia, é, comida também, ele não sabia cozinhar nada, tipo fazia um ovo assim, o básico assim com a mãe e quando a gente veio morar junto ele aprendeu e hoje em dia faz coisas até melhores do que eu (risos) massa... nós passamos por uma situação, uma situação chata também que ele, coisa besta assim, jogando bola, ele zoou o pé, ficou com gesso, aí você imagina, como é que é que eu sozinha vou conseguir ir no mercado, levar o cachorro pra passear duas vezes por dia e ele não pode andar e o apartamento aqui que eu moro, ele é, aqueles apartamentos pequenos assim, vai até o quarto andar, não tem elevador, tem escada e eu moro no terceiro (risos), então, eu tenho que subir de escada…(continua rindo) [...] aí essa eu sofri, aí a logística era eu, era eu mercado, era eu tarefas de casa, era eu levando o cachorro duas vezes por dia pra sair, aí essa parte foi, foi bem punk, demorou o que, quase é..um mês, é..porque sei lá, uns dez dias com gesso, depois a bota, você não pode pisar… (Lamarr, 23/10/2019).

Pandora foi socializada no seio da sua família junto com sua irmã mais velha. Sua mãe, dona de casa, era a principal responsável pelas tarefas domésticas, que dividia, em parte com as filhas. Mas diferentemente de sua irmã, Pandora diz não ter habilidade para cozinhar, ao contrário da sua irmã,

> [...] a gente nunca teve ninguém pra fazer nada, minha mãe sempre fez tudo, minha mãe é muito jovem, igual te expliquei, casou muito nova e, e ela nos ensinou a fazer tudo. Eu, não conseguir desenvolver a capacidade de fritar um ovo, então desde … Graciela: Por quê? Você trabalhava desde cedo? Pandora: não, mas não foi por isso não, foi por falta de habilidade mesmo, eu tô dizendo assim, quando eu tinha 12 anos, por exemplo, entendeu, com 12 anos, é, o que que a minha mãe fazia, ela falava assim "Olha, se eu deixar você na cozinha, você vai se ferir e ainda vai estragar a comida, então você vai assumir a atividade de lavar banheiro, de limpar a casa, a Sis fica comigo na cozinha", e a minha irmã, com 13 anos, ela já cozinhava igual minha mãe! a minha mãe.. a minha irmã é uma cozinheira assim, de mão cheia, por quê? porque a minha mãe sempre colocou isso pra gente, né? minha mãe... mas, dividia... ela nunca deixou a gente ficar à toa, em casa com ela trabalhando, nunca! (Pandora, 31/08/2019).

A família de Pandora foi configurada de maneira tradicional, embora ela tenha escapado da força do molde que conforma os papeis do feminino e masculino. Agrello e Garg (2009) caracterizam os papeis masculinos e femininos nas concepções de família tradicionais a atribuição à mulher do papel fundamental da maternidade, do cuidado dos filhos e das tarefas domésticas e ao homem o papel de provedor do sustento da família. Conforme nos narra Pandora, com a morte de seu pai, ela assumiu o papel de arrimo que ele exercia, associando o ato de enterrar o corpo do pai à assinatura de um contrato que transferia para si esse encargo.

Lamarr e Pandora desde muito jovens estabeleceram uma relação importante com o trabalho. O primeiro contato de Pandora com a tecnologia foi aos sete anos, quando trabalhou como babá da criança que havia ganhado um vídeo game. Ela reflete sobre a oportunidade de trabalho dada por uma amiga da família. Nele, ela cuidou de duas crianças um pouco mais novas do que ela.

> [...] eu tinha sete (7) anos, isso eu me lembro, foi na casa de uma das crianças que eu cuidei, porque uma amiga nossa me deu uma...minha primeira oportunidade de trabalho, ela me deixou trabalhar como babá dos filhos dela, para que eu pudesse ganhar o dinheiro para pagar minha matrícula na escola, e aí ela me deu essa oportunidade, sabe? Ela falou pra mim assim: olha, você vem trabalhar comigo durante suas férias e ao final das férias eu te dou um dinheiro e o filho dela, ela era separada, o Bruno ganhou o vídeo game, o primeiro jogo que eu vi foi Batalha naval, que é isso! Eu nasci pra isso aí (risos) isso aí nasceu pra mim! (Pandora, 07/06/2019)[97].

A partir do contexto social no qual nossas participantes estavam inseridas na infância e adolescência, podemos pensar na consubstancialidade das relações sociais sexo e de classe em relação a Lamarr e de sexo, de classe e

[97] Entrevista original (P30-L1075-1084)

de raça em relação a Pandora. Segundo Kergoat (2010), sem perder de vista sua dimensão concreta, a noção de relações sociais consubstanciais visa desnaturalizar radicalmente as construções que se baseiam na diferenciação das desigualdades.

A teórica nos convida a pensar sobre a forma de desconstruir as categorias para analisá-las a partir da conjugação que se estabelece, fazendo o caminho contrário, pensando no negativo. Na análise das práticas de trabalho – exploradoras e exploradas, dominantes ou dominadas, opressoras ou oprimidas, a socióloga orienta a perguntar: quem coloca quem para trabalhar?

> eu não sei cozinhar, tá? sou filha de uma cozinheira de mão cheia, irmã de uma cozinheira de mão cheia que não sabe cozinhar, não sei cozinhar, cozinho para sobreviver, faço um arroz, faço um feijão, mas não tenho habilidade, não é o que eu goste de fazer, é...sei fazer de tudo, lavar, passar, cozinhar, de tudo, até porque já trabalhei, igual eu te falei, trabalhei em padaria, já fui empregada doméstica, eu já fui babá, então sei fazer, mas não é minha praia (Pandora, 07/06/2019).[98]

Cada configuração de relação social (considerada um sistema) possui suas próprias instâncias, que dominam, oprimem e exploram economicamente, articulando-se “entre si de maneira intra e intersistêmica” (KERGOAT, 2010, p. 99). Para ilustrar como a imbricação das relações sociais potencializa as opressões sofridas pelas mulheres, encontramos em Pandora uma adolescente com problemas em se socializar em seu meio de vida. Depois da saída da casa do avô, sua família passou a morar no apartamento cedido pelo patrão do pai em um bairro de classe média, onde ela pareceu não se ‘encaixar’.

> eu tive uma adolescência muito difícil, eu tinha pavor de gente, muito medo! medo mesmo, tanto que eu faço terapia né….muito medo de gente sabe, de achar assim, nossa eu não vou conseguir ser absorvida lá fora, quando eu sair do afeto dos meus pais, quando eu escolher uma profissão, quando eu me tornar adulta, que eu tiver que cuidar da minha própria vida! ninguém vai querer me absorver não! eu não tenho lugar nesse mundo doido não! **eu não sou loira, não tenho olho verde eu não sou branca**, eu não sou rica e não tenho mochila da moda, eu não tenho um tênis legal, eu nunca viajei, eu não sei falar a língua que essas pessoas falam, não tem lugar pra mim lá fora! (Pandora, 07/06/2019)[99]

Esse referido imóvel foi posteriormente comprado por ela, feito que considera como o cumprimento de um dever para com o pai. Em alguma medida,

---

[98] Entrevista original (P-26-L904-910)
[99] Entrevista original (P28-L989-998)

a consciência racial em Pandora, nos permite refletir sobre as inúmeras violências que transpassam um corpo de mulher negra. Nessa configuração consubstancial das relações sociais, o fator raça é preponderante, potencializando a opressão e exploração vivida pelas mulheres negras, sobretudo, no Brasil, um país historicamente racializado e hierarquicamente distribuído a partir de noções de estética em associação direta com as relações sociais de classe.

É evidente que, ambas as participantes tenham furado a bolha da segregação horizontal, se inserindo em um mundo profissional predominantemente masculino, o que nos faz refletir sobre o peso das renormatizações, das normas sociais vivenciadas por elas, sobre suas escolhas profissionais, sendo esta, uma questão. No entanto, o que podemos de fato afirmar é o caráter coercivo e repressivo relacionado ao processo de produção social de corpos sexuados desde a infância. “Se cada ser humano é diferente de todos os demais, é obvio que modelar todos os membros de cada categoria de sexo segundo o estereótipo correspondente significa violentar as particularidades de cada pessoa” (SAFFIOTI, 1987, p. 40).

Em um dos clássicos fundantes dos estudos feministas, Beauvoir (1967, p. 9), ao iniciar o capítulo sobre a infância e formação do ser social feminino, se preocupa em teorizar a problemática das relações entre os sexos observando que as diversas dimensões econômicas, sociológicas, psicológicas da formação de uma mulher resultam de uma única estrutura. “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade”.

A conjunção multidimensional que envolve a ‘constituição da mulher’ a que Beauvoir se refere, não concerne uma realidade ontológica nomeada como ‘natural’, embora seja incessantemente legitimada como tal. Pelo contrário, o fenômeno que parece não poupar nenhuma sociedade e época da História é tributário de uma relação de dominação construída cultural e materialmente, portanto, suscetível à superação (COLLIN, 2009; KERGOAT, 2002; SAFFIOTI, 2004).

Judy Wajcman (2004), em sua obra Technofeminism, critica fortemente o feminismo liberal que ignora a luta de classes nas suas pautas. Ao levantar a bandeira da igualdade de oportunidades para as mulheres, essa vertente

feminista localiza o problema das relações sociais de sexo nas próprias mulheres, nas suas aspirações e valores formados na socialização, não se preocupando em perscrutar mais amplamente a problemática da divisão sexual do trabalho. Assim, para ter sucesso na áreas tecno-científico, as mulheres devem se espelhar em modelos masculinos, enquanto esta mesma bandeira não prescreve um processo semelhante para os homens. A partir da visão de Wajcman, podemos questionar, em que medida as referências em masculinidades nortearam a identificação das nossas participantes com a TI e a tecnologia?

5.2 MULHER, TECNOLOGIA E TRABALHO

> A gente sempre tem que estar um, dez, vinte, trinta passos à frente! (Pandora).

Para Schwartz (2015), "na medida em que as normas sociais não são 'naturais' [...] nem são unificadas pela regulação orgânica, elas não podem se impor '*sem algum resíduo de ambiguidade*'"[100] (SCHWARTZ, 2015, p. 46, tradução nossa). Seguindo esse raciocínio, podemos refletir que no centro dos debates entre a força do molde exercida pelo estereótipo e a escolha do caminho a ser seguido, está o corpo-si de mulher, portador de história, saberes e valores acumulados e renovados nas diferentes experiências vividas, complexas o suficiente para impossibilitar determinações ou delimitações.

A aceleração do desenvolvimento tecnológico ocorrida a partir da segunda metade do Século XX tem revolucionado as estruturas da vida humana, redefinindo as dinâmicas sociais, seus meios culturais e sobretudo, materiais. E isso faz com que a tecnologia seja referência indispensável ao esboçar qualquer cenário ou conjuntura a ser analisada (FETZNER; FREITAS, 2007). A força e o poder da tecnologia são percebidos pelo senso comum, tanto, que nas narrativas de Lamarr encontramos o relato sobre seu pai ter sido aconselhado pelo cliente a investir na educação tecnológica dos filhos. Efetivamente, essas transformações são permeadas de processos ou modelagens (*shapping*) mútuas

[100] Dans la mesure où les normes sociales ne sont ni 'naturelles' […], ni unifiées par une régulation organique, elles ne peivent prétendre s'imposer '*sans résidu d'ambiguïte*'.

e circulares entre ciência, tecnologia e a sociedade, não cabendo analisar as relações entre elas de maneira determinista (RAPKIEWICZ, 1998).

A própria tecnologia é resultado de interações sociais e ao mesmo tempo influenciam a construção da sociedade. Assim, “o que parece social é parcialmente técnico e o que chamamos de técnico é parcialmente social.” (RAPKIEWICZ, 1998, p. 52). Com efeito, a tecnologia não é neutra, seus objetos técnicos e modelagem social são intrinsecamente sexuados, conformados e codificados no masculino, afetando mulheres e homens de maneiras diferentes (MIES; SHIVA, 2014; RAPKIEWICZ, 1998).

O cenário do qual emergem a modelagem da tecnologia e com as relações sociais que atravessam a sociedade, reflete uma construção sociocultural de dicotomias entre o masculino e o feminino, legitimada por um ideário de naturalização (MIES; SHIVA, 2014; RAPKIEWICZ, 1998; WAJCMAN, 2000; 2004). Um dos resultados desses processos é a construção sociocultural de polaridades entre o feminino e o masculino, com os homens sendo os inventores e mantenedores da tecnologia e as mulheres suas usuárias (RAPKIEWICZ, 1998). Esse processo histórico acabou naturalizado no senso comum, como podemos perceber nas reflexões sobre a experiências vividas por nossas participantes, seus deslocamentos e as diversas formas de tentativa de desqualificação da capacidade industriosa delas, sobretudo, relacionada à tecnologia.

Com a necessidade de apreensão do conhecimento contextual dos clientes, o novo modelo de atividade de trabalho pós-burocrático do setor exige a atuação de equipes com múltiplas funções e múltiplas habilidades para atender às demandas dos negócios das organizações, criando outros mecanismos de diferenciação das ocupações do setor, que passou a exigir profissionais com capacidade técnica e de relacionamento, notadamente, perícias relativas à comunicação e mediação (CASTRO, 2013; 2016; GLOVER; GUERRIER, 2010). Essa situação aparece nas narrativas de Lamarr, sobretudo nas experiências do último emprego em uma empresa de TI de grande porte, onde ela é apresentada nos contratos como analista de sistemas. A questão da acumulação de funções também aparece, além de especificar o projeto, ela precisa testá-lo e prestar o suporte a clientes, além disso, auxiliar no treinamento de novos funcionários.

> [...] a gente tem que ser *flex*, na verdade, né? Não basta a gente só saber a parte técnica. Na verdade, se você só souber a parte técnica, você assim, morre de fome, né? O seu salário acaba sendo muito baixo por você só saber parte técnica. Hoje em dia, você tem que ter o plus-plus, fazer toda parte de negócios e a parte técnica é o bônus pra você, de repente, entrar numa conversa com o cliente e conseguir debater tecnicamente. Mas, se você não tiver todo esse embasamento e toda essa parte de negócio, seu técnico morre. (Lamarr, 10/07/2019)[101]

Por exigir uma mistura de tecnicidade e habilidades sociais e de comunicação, o trabalho na TI na nova economia da informação é denominado híbrido pela literatura acadêmica (GLOVER; GUERRIER, 2010). Para Kelan, na nova economia da informação não basta ser flexível e ter competências sociais. É preciso ser *tech-savvy*[102], para apropriar-se das tecnologias e ser capaz de produzir conhecimento a partir delas. Com efeito, "ainda que muitas das novas habilidades exigidas na nova economia possam ser associadas ao feminino, ser *tech-savvy* não parece ser uma delas" (KELAN, 2009, p. 4, tradução nossa)[103], o que representa um obstáculo cultural às mulheres no trabalho da TI.

O aspecto da tecnicidade parece ser um fator de peso para as mulheres, não somente na no ramo da tecnologia, mas também em outros meios profissionais masculinizados. Lacomblez observa o fato de mulheres ao se inserirem em coletivos de trabalho predominantemente masculinizados "se sentirem frequentemente 'intrusas'" (LACOMBLEZ, 2008, p. 40). Essa constatação de Lacomblez (2008) nos remete à narrativa de Pandora sobre sua necessidade de conquistar a confiança dos homens com os quais trabalha.

Em três momentos diferentes durante as entrevistas, Pandora exprime a ânsia de conquistar a confiança dos homens com os quais trabalha: no momento em que narra sobre o colega baiano que não a aceitava como analista, quando falava sobre os usuários esperarem por um atendente do sexo masculino, e quando refletia sobre a construção do setor de suporte a hardware, o qual ela coordenou por anos antes de trabalhar na segurança de dados da empresa.

Pandora, iniciou sua trajetória na TI em meado da décadas de 1990, e nos narra a época em que era técnica de suporte a hardware. Ela fala sobre o

---

[101] Trecho original (P12-L383-390)

[102] A expressão da língua inglesa tech-savvy quer dizer competente em tecnologia de ponta, ou seja, o que está na vanguarda da tecnologia. A escolha por manter o termo *tech-savvy* se deu pela potência de significado, sem tradução do adjetivo em português.

[103] Original: Althought many of the new skills required in the new economy may be gendered feminine, being tech-savvy does not seem to be one of them.

estranhamento dos homens, principalmente da hostilidade do rapaz de Licínio de Almeida, interior da Bahia, em relação as suas tarefas que incluíam o uso de ferramentas, subir em postes para instalar cabos de rede, e, fala também o atendimento aos usuários, clientes internos da empresa, quando esperavam um rapaz e não por uma moça.

A pesquisa franco-brasileira de doutoramento de Clevi Elena Rapkiewicz (1998) que abordou a participação da mulher na informática do final dos anos 1990, analisou o trabalho de mulheres técnicas em manutenção de computadores na França. O lócus da pesquisa de Rapkiewicz (1998, p. 184) foi uma organização de formação profissional privada em Paris que fazia parceria com empresas públicas e privadas em projetos para inserção de pessoas jovens ou desempregadas nos ramos manutenção em informática e secretariado com utilização de recursos de informática. Lembrando que, tomadas as devidas diferenças, se tratou de uma empresa do mesmo ramo da que Pandora trabalha. A teórica mapeou e descreveu as habilidades necessárias para realizar as tarefas exigidas pela ocupação na época,

> 1) saber montar uma estação, isto é, conectar todas as partes de um posto de trabalho informatizado (monitor, impressora, mouse, teclado, etc.) para tornar o equipamento operacional; 2) abrir os computadores e as impressoras para verificar problemas ou introduzir peças (aumentar a quantidade de memória, por exemplo); 3) instalar programas, isto é, a partir de disquetes, transferir o produto para o disco rígido de forma que pudessem ser usados; 4) sob chamada de um usuário, deslocar-se até seu local de trabalho e detectar uma pane do computador ou do programa e tratá-la no próprio local; 5) configurar os microcomputadores e os programas, ou seja, modificar certos parâmetros dos programas de acordo com as características dos computadores (RAPKIEWICZ, 1998, p. 184).

Rapkiewicz (1998) observa nas narrativas dos entrevistados (gestores, tutores e operadoras), uma diferenciação sobre os tipos de tarefas associadas à ocupação, sendo o termo manutenção, se associa mais ao hardware (tarefas 1 e 2), e o suporte a cliente ao serviço de atendimento (tarefas 3, 4 e 5). Em entrevista com gestores (gerentes e tutores) da organização (lócus de pesquisa), a referida autora observa nos seus interlocutores a ideia de uma ‘mulher-exceção’ quando se trata do trabalho na informática. O discurso dos franceses trazido na pesquisa de Rapkiewicz se assemelha ao narrado por Pandora sobre

o que o colega advindo de Licínio de Almeida no interior da Bahia pensava sobre ela.

Sobre a tarefa de suporte, naquele contexto, a utilização em massa de microcomputadores por usuários não técnicos nas empresa, sobretudo os ainda inexperientes ou com dificuldade no uso do equipamento, valorizava mais o *métier* da manutenção a hardware do que na época dos computadores de grande porte, que eram operados por informatas que trabalhavam dentro do departamento de informática das empresas (RAPKIEWCZ, 1998).

Na conjuntura sócio-histórica em que Pandora narra sobre seu trabalho como técnica de suporte a hardware, instalar uma impressora, uma máquina de escanear, ou mesmo um mouse não era tão simples como fazemos hoje em dia. Conectar os dispositivos nas entradas do equipamento (*plug*) exigia conhecimento técnico mais profundo sobre o funcionamento *hardware-software*, para configurar o sistema operacional para o uso (*play*) da máquina[104]. No início dos anos 2000 passaram a possuir a tecnologia (plug and play), o que permitiu aos usuários conectarem os dispositivos externos e o sistema configurá-los automaticamente (MULLER et al, 1997).

Essa questão é trazida por nossa participante quando ela fala que estudou muito para fazer o trabalho que fazia, narra sobre se destacar buscando percorrer caminhos que ainda não eram comuns, fazendo o que ninguém queria fazer, o que denominou como um ‘oceano azul’. Ela o menciona também para justificar o atual investimento no curso de Bacharelado em Direito, enquanto paralelamente se especializa em Direito Digital, um ramo da TI ainda não muito explorado, massificado. “vai acontecer com a tecnologia o que aconteceu com outros segmentos né, tem ai a indústria...veio a 4.0, você vai ter uma massificação disso de uma forma, que vai se misturar, ela vai se diluir no meio das outras funções” (Pandora, 07/06/2019).

Observamos uma coerência no agir de Pandora em busca de crescimento profissional, embora, a partir de suas narrativas, possamos observar que ela é consciente em relação aos diversos cerceamentos presentes na sua trajetória

[104] Entre os anos de 1997 e 2006, o professor Prof. Benito Piropo Da-Rin, da empresa Arquitetura, Organização e Hardware de Computadores, conhecido no meio informático como B. Piropo, escreveu uma coluna no Jornal O Globo, dando dicas de configurações e manutenção de computadores. Veja mais em https://www.bpiropo.com.br/artigos-oglobo-sb.htm

laboral. Pesquisando mulheres da Física, Lima (2013) utiliza a expressão ‘Labirinto de Cristal’ como metáfora para descrever a trajetória profissional das mulheres nas ciências duras, sobretudo da Física.

A referida pesquisadora associa o percurso profissional das mulheres cientistas, permeado por variados desafios e armadilhas, à ideia de um labirinto, predispondo à construção de uma carreira não linear, ao desperdício ou ao baixo aproveitamento dos talentos femininos, de modo a reforçar sua baixa representatividade em espaços preponderantemente masculinos. Considerando as narrativas de Pandora, poderíamos associar sua trajetória a um labirinto de cristal? As barreiras encontradas pelas mulheres nos domínios masculinizados não são formais, mas, concretas, como observa Lima (2013).

Essa questão é marcada pelo significativo modo como a masculinidade é construída no meio de trabalho da TI. Se, por um lado, normas tradicionalmente masculinas são operadas, a exemplo de prioridade do trabalho em detrimento aos compromissos não trabalhistas como os da família, ênfase do domínio técnico e longas horas de atividade, por outro, o considerável crescimento do foco do setor de TI no universo do cliente, as *soft skills*[105] associadas ao universo feminino, tais como, empatia e cuidados com a aparência física, são cada vez mais requisitadas, tanto em mulheres quanto em homens (GUERRIER et, al, 2009).

Entretanto, enquanto os homens são recompensados ao apresentarem habilidades associadas ao universo feminino, o mesmo não acontece com as mulheres que apresentam habilidades associadas ao universo masculino. Ao contrário, para que a competência técnica delas seja percebida, para ter sucesso no mundo da TI, elas devem estar preparadas e se sentirem à vontade em uma função que contraria o que no *meanstream* significa ser mulher (GUERRIER et, al, 2009; SCOTT-DIXON, 2004). No caso de nossas participantes, as narrativas de Lamarr nos sugeriram que ela parece à vontade no universo masculino. Contudo, se por um lado, fala que para alguns colegas ela é mais um entre eles, por outro demonstra insatisfação ao perceber que é preterida pelos mesmos coletas em relação ao seu irmão.

[105] Habilidades sociais e comportamentais inatas ou aperfeiçoadas, relacionadas à comunicação e que não são ensinadas na escola (CASTRO 2016).

> Quando tem reunião técnica, muitos evitam me chamar. Como eu e meu irmão trabalhamos na mesma equipe, eu vejo muito isso. Assim, chamam muito mais ele do que me chamam e aí eu acabo participando porque o meu próprio chefe fala: 'não, é ela que vai, né, até porque não tem como eu ter duas pessoas na equipe e só uma assumir tudo, né? Preciso que a outra também assuma pra desafogar.' **Mas a preferência dos meus colegas de trabalho é sempre procurar mais o meu irmão.** Aí se ele não tá lá, ou tá enrolado, aí me procuram, senão, eu sou a segunda opção (Lamarr, 10/07/2019)[106].

Por exemplo, o estudo de Guerrier et al (2009) sobre a participação de mulheres na TI do Reino Unido, sugerem que os gestores de pessoas são inclinados a associar as habilidades sociais (saberes investidos no corpo-si a partir da socialização feminina – uma construção social de papeis) à feminilidade, considerando-as como parte da natureza da mulher. Quando relatou sobre a pós-graduação em Estratégia em Negócios de TI, Lamarr mencionou a necessidade de desenvolver tais habilidades. "É, bem, bem por isso assim, eu não tenho muita vocação pra, pra chegar e falar assim, numa sala, entreter, então eu acho assim, que eu precisava de um pouco mais disso" (Lamarr, 09/06/2019).

Podemos relacionar o fenômeno da associação de habilidades sociais da mulher, com as narrativas de Pandora ao longo das suas transições de carreira no setor de TI. Sobre a época em que trabalhava como atendente, ela descreve a tarefa de atendimento, atribuindo a preferência dos usuários, pelos seus serviços, em detrimento aos rapazes, à educação e candura, associadas à maternidade, ao papel da mãe.

Adiante ela nos conta que seu trabalho era recompensado por elogios, ficando durante anos exercendo uma função de liderança sem ser oficialmente reconhecida. Esse é um fator preponderante nas pesquisas sobre o trabalho da mulher na TI. Esse tipo de comportamento é observado por pesquisas com trabalhadoras da TI (CASTRO, 2013), que como Pandora, utiliza o estereótipo da feminilidade como uma forma de valorizarem-se, ou justificarem sua presença em um setor masculinizado, sobretudo, ao se referirem às habilidades de mediação, a capacidade de aplacar a fúria do cliente.

No entanto, a competência industriosa das mulheres não é percebida como qualificação técnica, diluída por uma qualidade nata, e por isso não é formalmente valorizada, ao contrário dos homens que são estimulados e

[106] Entrevista original (P16-L533-542)

recompensados por apresentarem atributos relacionados ao trabalho híbrido da TI. Essa também é uma constatação na pesquisa de Castro (2013). Em outro momento, já em uma posição de liderança, Pandora precisaria mudar a postura de docilidade, agindo com firmeza frente aos constrangimentos aos quais foi submetida por seus subordinados pelo fato de ser uma líder mulher.

Pandora falou sobre a história do 'oráculo', adjetivo, atribuído por um membro de uma das equipes que coordenava, em nosso penúltimo encontro. Essa situação nos lembrou o termo software, apelido desdenhoso designado às computadoras que operavam o *ENIAC*[107]. Nesse mesmo encontro, Pandora refletiu sobre ter escolhido estar no jogo, cujas regras eram, entre outras coisas, enfrentar tais adversidades. Falou a respeito do acúmulo de funções, sobre a necessidade de fazer sempre mais, de ser mais para ser igual (GONÇALVES, 2019), já que não se espera de uma mulher traços agênticos e competência técnica. A literatura aponta que mulheres inscritas em papeis de liderança, enfrentam muitas críticas quando exibem qualidades inerentes aos papeis masculinos (EAGLY; KARAU, 2002; McGEE, 2018).

As narrativas de Pandora nos sugerem que, jogar o jogo da vida remete à forma que encontrou de retrabalhar as normas e pertencer ao meio masculino do seu trabalho. Da mesma forma acontece com Lamarr. Esse movimento de retratação das normas, de gestão das situações concretas de trabalho como estas, a ergologia denomina por renormatização. Reiteramos que a gestão da defasagem entre o trabalho prescrito por toda ordem de normas institucionais e oficiais, de ordem técnica, social etc., é uma realidade de toda e qualquer atividade. Entretanto, esse tipo de debate de normas – dramáticas dos usos do corpo-si -, que identificamos, a partir da análise do conteúdo da narrativas das nossas participantes, é comumente encontrado nas experiências de trabalho e vida de mulheres.

Para Wajcman (2004), tecnologia, poder e masculinidade fazem uma tríade, cujos três elementos são indissociáveis, sendo a tecnologia uma fonte primária de poder dos homens e uma característica definidora da masculinidade. Na pesquisa de Castro (2013) algumas entrevistadas usavam do apagamento do gênero, mudando a forma de se vestir e se comportar, para se tornarem

[107] Veja a Seção 1, página 27.

“apenas mais um entre os caras” (CASTRO, 2013, p. 308) para evitar assédios. Semelhantemente, as estudantes de engenharia entrevistadas da pesquisa de Gonçalves (2019) sobre violência simbólica de gênero com mulheres estudantes de engenharia, que mudam o jeito de se vestir com a mesma intenção.

Lamarr narra sua trajetória laboral, e cita em alguns momentos essa tentativa de apagamento de gênero na convivência com os colegas, embora não afirme que essas atitudes sejam conscientes. Apesar disso, ela nos conta sobre situações nas quais foi submetida a constrangimentos (sexuais e morais) no trabalho. Nos dois primeiros empregos, dois coordenadores de equipes das empresas em que trabalhou a abordaram sexualmente. Coincidentemente, em ambos os casos, narrados por ela, eles se aproximavam com elogios e com convites à restaurantes, associados a um discurso marcadamente sexista de que ela precisaria de ‘alguém’ que a impulsionasse profissionalmente. Nas demais, os insultos foram de ordem moral, violência psicológica e de ordem discriminatória, a exemplo da história do seu coordenador de equipe ter insinuado que ela traía o marido com outro colega, para desqualificar a sua competência industriosa.

Infelizmente esse tipo de situação vivida pela nossa participante não é incomum entre as mulheres no trabalho, mas, ele nos leva a refletir, como esse tipo de dramática acontece em um meio masculinizado, onde a trabalhadora, na maior parte das vezes, como no caso de Lamarr, é a única mulher. A violência contra a mulher, em todas as suas modalidades (física, moral, sexual) é um fenômeno histórico, mapeado por várias pesquisas, como as da socióloga e advogada Heleieth Saffioti (1987a; 2004) que desde a década de 1980 investiga as relações de gênero e a vida das mulheres no Patriarcado.

Entretanto, somente com a expansão das redes sociais digitais, pela popularização da internet, que permitiu a exposição em massa desses homens, sobretudo os famosos, em todas as esferas, públicas e privadas. A questão do assédio, sobretudo, no trabalho, passou a ser tratada como uma realidade concreta pelos órgãos governamentais e não governamentais, a exemplo da criação da ‘Campanha Assédio Moral e Sexual no Trabalho’ pelo O Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça do Senado Federal,

cuja página dentro do site do Senado Federal disponibiliza cursos, vídeos e cartilha sobre a temática[108].

As narrativas refletem sobre as violências sofridas por elas, sobre dramas relacionados ao fato de serem mulheres, nos remetendo a um princípio heurístico das relações sociais, a partir do qual, procuramos compreender as práticas observadas (KERGOAT, 2002). A constituição das identidades sexuadamente diferenciadas e sua coexistência conflitante socialmente construída, relacionam-se com o estabelecimento de normas de conduta e espaços sociais para cada sexo (YANNOULAS, 2011).

As mulheres estão destinadas historicamente às atividades associadas à esfera privada; quando migradas à esfera pública carregam as marcas sociais caracterizados pela apropriação dos seus corpos, como teorizado por Guillaumin (2014), potencializado por um meio androcêntrico de trabalho, sobretudo, no qual, o "gênero opera um papel na definição sobre qual atividade de trabalho pode ou não ser considerada tecnológica" (LERMAN, 1997, p. 36). Ilustramos essa questão com Lamarr narrando sobre o comportamento dos seus pares no trabalho.

> [...] dentro da empresa, a dificuldade foi, foi não, foi e ainda é, maior, principalmente...vou te dizer que muitas vezes não é nem hierarquia acima, é quem tá as vezes do seu próprio lado, não ter esse, não ter esse reconhecimento assim, né? não escutei nem uma ou duas vezes este tipo, **'ah você só tá aqui porque você é bonitinha, porque você faz o que o chefe tá pedindo'** sabe essas, essas brincadeirinhas né? essas brincadeirinhas sem graça (Lamarr, 10/07/2019).[109]

Guillaumin ao desenvolver o conceito de relações sociais de sexagem, categorizou em quatro expressões concretas de apropriação integral da vida das mulheres. A saber, a) A apropriação do tempo, b) A apropriação dos produtos do corpo, c) A obrigação sexual, e d) O encargo físico dos membros inválidos do grupo (inválidos por idade – bebês, crianças, velhos – ou doentes e deficientes), bem como dos *membros válidos do sexo* macho" (GUILLAUMIN, 2014, p. 35).

Contudo, nos casos específicos de Pandora e Lamarr, não se trata do tipo de apropriação teorizada por Guillaumin, mas pode ser relacionada, em alguma

---

[108] Mais informações no site do Senado Federal: https://www12.senado.leg.br/institucional/responsabilidade-social/equidade/pages/comite_/campanha-assedio-moral-e-sexual-no-trabalho

[109] Entrevista original (P16-L527-533)

medida, com uma (a primeira) entre as quatro expressões particulares das relações de sexagem (ou apropriação) trazidas na pesquisa da teórica, a apropriação do tempo, quando relacionada à naturalização do excesso de trabalho, um fator comum, mapeado nas pesquisas sobre os trabalhadores do setor de TI (CASTRO, 2013, 2016). Sobre isso Lamarr relata que sofria com pressão psicológica do seu chefe para que trabalhasse fora do horário de trabalho, atendendo a chamados de clientes em qualquer horário.

> Lamarr: fora, tipo, pressões psicológicas que ele, ele gerava né, é, tipo, **a gente tem vários serviços tipo 24/7, mas eu não trabalho 24/7 por sete, né?** meu horário, onde eu assinei, é de oito da manhã até às cinco da tarde e mesmo que isso não fosse previsto com o RH por lei, se alguém te ligasse, você tinha que atender**, ele te exigia isso, se você não atendesse, no dia seguinte, ia ser todo esse inferno, ia ser voltar pra salinha, ter toda aquela coisa, então …**
> Graciela: ligava fora do horário?
> Lamarr: fora do horário, sempre fora do horário, **tipo 8, 9, 10, às vezes de madrugada, ou 1, 2 horas da manhã** e ai de você se não atendesse, tipo, tinha que dar uma desculpa muito boa, assim... e, emenda de feriado também! (12/09/2019)[110]

Esse tipo de conduta da chefia também é observado na pesquisa de Scott-Dixon (2004) com mulheres da Tecnologia da Informação no Canadá. A pesquisadora ilustra o contexto com a experiência de Lilith, uma engenheira de sistemas, de 29 anos, que trabalha como gerente de redes para uma organização canadense e tem a carreira permeada de invasões de tempo – a entrevistada define a própria jornada de trabalho como ‘sempre disponível’ - tanto no escritório, como em casa, que tanto os clientes quanto os empregadores esperam que ela esteja de plantão 24 horas por dia,

> “quando seu telefone comercial toca depois de horas de trabalho, você é tentada a atendê-lo. Apenas mais uma ligação ... e depois você fica presa novamente, trabalhando até as nove da noite". O problema central, diz ela, é que **os clientes e os empregadores esperam que os trabalhadores técnicos estejam de plantão 24 horas por dia**, independentemente de quão (ou não) importante seja o assunto relacionado ao trabalho. "Parece apenas razoável supor que, quando você termina ou sai do trabalho, pode ter algum tempo para si mesma." Eu concordo que isso parece razoável. "Mas **se eu deixasse meu celular no correio de voz** e não retornasse à ligação em dez minutos, **teríamos uma grande reunião no dia seguinte sobre o atendimento ao cliente**" (SCOTT-DIXON, 2004, p.149, grifo nosso).

Embora as conquistas das mulheres ao longo da história sejam evidentes, sobretudo, apesar da profissional de TI ocupar um lugar social elevado em

[110] Entrevista original (P-46-L1643-1654)

relação à maioria das mulheres da sociedade, a problemática da divisão sexual do trabalho revela como as relações sociais de sexo e suas imbricações de classe e raça operam formas perversas de desqualificação e subordinação femininas. Mesmo que nossas participantes não tenham cedido à norma de gênero e tenham transgredido o *status quo* do que é esperado para uma mulher em termos de escolha profissional, “aos gargalos de entrada, somam-se os da permanência” (CASTRO, 2016, p. 94).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo de compreender, a partir da interlocução entre a perspectiva feminista materialista de origem francófona e a ergologia, as relações sociais de sexo. Por meio da identificação de dramáticas dos usos do corpo-si presentes nas narrativas de trabalhadoras da Tecnologia da informação, procuramos realizar um cotejo entre tais dramáticas e as relações sociais de sexo, em alguma medida, nelas refletidas.

A vida profissional na Tecnologia da Informação é permeada por diversos conflitos, entre os quais, se encontram suposições estereotipadas por normas e valores sexuados, onde a associação entre a tecnologia, a masculinidade e o poder, leva as mulheres a vivenciar tensões e constrangimentos pelo simples fato de serem mulheres (GUERRIER et al, 2009; WAJCMAN, 2004). Esses tipos de dramáticas dos usos do corpo-si no trabalho, é que nos interessou apreender das narrativas das participantes desta pesquisa e nos levou a questionar sobre implicação da dimensão sexuada do corpo-si no meio de trabalho da TI.

Esse contexto é trazido por diversas pesquisas e remete à tendência das concentrações de postos associados ao masculino como socialmente superiores do que os associados ao feminino. Além disso, tais pesquisas ainda sugerem que os gestores de pessoas são inclinados a associar as habilidades sociais à feminilidade, considerando-as como parte da natureza da mulher. Com isso, a competência industriosa das mulheres não é percebida como qualificação técnica, nem é formalmente valorizada, ao contrário dos homens que são estimulados e recompensados por apresentarem atributos relacionados ao trabalho híbrido da TI (BEN, 2007; CASTRO, 2016; GUERRIER et al, 2009; KELAN, 2009; McGEE, 2018; SCOTT-DIXON, 2004; WHITEHOUSE; DIAMOND, 2005).

Trazer a abordagem ergológica para pensar as relações sociais de sexo em um setor marcadamente masculino como o da TI, se centrou na compreensão das dramáticas dos usos do corpo-si, termo fundamental da ergologia que possibilita apreender do trabalho sua dimensão de atividade entendida como uma renormatização. Essa exigência vital que inclui todo o drama de reinterpretar, transgredir em nome da vida, introduzir algo de si, modificando as normas do meio (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010), foi base para

discutir os debates de normas, (re)valorizações e (re)hierarquizações relacionados aos usos do corpo-si historicamente oprimido, em um meio que pode ser considerado hostil às mulheres por ter suas normas constituídas em bases axiológicas opressoras e exclusivas.

As práticas sociais no meio tecnológico têm historicamente sugerido que a divisão sexual do trabalho, do saber e do poder entre os sexos tem sido utilizada para construir uma narrativa que organiza a vida social de mulheres e de homens em compartimentos estanques e sexuados. É a partir de um discurso naturalizante, por meio da ideologia de dominação, que os papéis masculino e feminino são reafirmados e reforçados cotidianamente.

É importante observar que não é possível apreender a atividade humana por completo (SCHWARTZ, 2015), embora tenha sido utilizados meios para se aproximar-se dela a partir do ponto de vista e do modo de quem a empreende. Assim, evidenciamos que o ato de narrar suas trajetórias já se constitui por si uma ressingularização das próprias experiências. Rememorar e contar sua história também envolvem dramáticas que se decodificam e se recodificam na reconstrução das próprias vivências em um dizer novo sobre aquele fato narrado.

Então, da maneira propriamente ergológica de se pensar o corpo-si em atividade, no seio de todas as suas dimensões, procuramos compreender as relações sociais de sexo, a partir dos dramas vivenciados pelas mulheres da TI, na sua existência sócio-histórica, às voltas com um mundo de valores, frente as normas de uma sociedade falocrática que lhes impõe diversas formas de subordinação aos homens.

Enfatizamos que a compreensão das relações sociais de sexo presentes em um contexto, conquanto parte relevante, não constitui a totalidade das dinâmicas das relações sociais, que são muitas e múltiplas. Não pretendemos, portanto, reduzir as relações humanas às conexões sociais entre os sexos, já que os seres humanos não agem ou vivem sob o prisma de apenas uma única relação social. No entanto, consideramos necessário colocar luz sobre peculiaridades condicionantes da subordinação social feminina, presentes nas suas experiências laborais e nos seus meios de vida que envolvem as relações sociais de sexo.

Assim, é possível pensarmos que o setor de TI, desde os primórdios do seu desenvolvimento, reflete as relações sociais de sexo, operadas pela divisão

sexual do trabalho. Fica claro que a persistente sub-representação feminina na Tecnologia da Informação, tem raízes históricas profundas, e revela o longo caminho de luta a ser percorrido, apesar da existência de tantos projetos para trazer mais mulheres para o setor (ISACA, 2017). Não se trata apenas de aquisição de conhecimento, embora, ainda haja aquelas que resistem, fazendo uso de si, pelos outros, em um meio de trabalho cujas normas e valores foram construídos e são recursivamente reificados para excluí-las ou invisibilizá-las.

Ao passo que se compreende quais são os papéis normatizados para o grupo social masculino e para o grupo social feminino, é possível compreender, também, de que forma o mundo do trabalho se comporta nesse processo quando, principalmente, mulheres se atrevem a ocupar os espaços, assumindo papeis destinados normativamente ao homem. A Ciência e a Tecnologia têm a ideologia de quem as domina. Em um mundo dividido em classes, o aparato e o desenvolvimento tecnológico estão a serviço da classe dominante e não à serviço da grande maioria da sociedade. Logo, o espaço que se ocupa no desenvolvimento é um espaço de poder, e o poder é, desde muito tempo, masculino.

Conforme sinalizamos, não há nada de natural em uma norma. O mundo das normas obedece a uma hierarquização de valores. As normas operadas pela divisão sexual do trabalho remetem à imposição de espaços de trabalhos subalternos para as mulheres, o que se traduz na usurpação dos espaços destinados às atividades criativas, subordinadas a um imperativo masculino sobre o feminino, usado para perpetuar a manutenção dos seus lugares privilegiados de poder, artificialmente criados, falaciosamente legitimados e recursivamente reforçados.

Considerando que um “trabalho prescrito corresponde a um corpo prescrito” (SCHWARTZ; ECHTERNACHT, 2009, p. 19), podemos considerar que se trata, então, de enfrentamento dos mecanismos artificiais, normas sociais que segregam e excluem as mulheres dos espaços de desenvolvimento. Afinal, se o papel social esperado para um corpo-si ‘sexuado’ é o que remonta uma natureza específica de subordinação social da mulher, ele deve ser renormatizado, re-hierarquizado e ressignificado, até que as mulheres, na qualidade de grupo social emancipado, possam, efetivamente, ocupar espaços de protagonismo, sem que eles lhes sejam usurpados.

Pensar que há uma normatividade biológica da diferença anatômica entre os sexos que é completamente subvertida por uma normatividade social, que por sua vez é novamente subvertida por uma normatividade vital, própria do corpo-si, é entender que precisamos direcionar o olhar ao horizonte da emancipação humana. Para isso, é preciso desafiar a divisão sexual do trabalho e seus mecanismos que operam a serviço do capitalismo, direcionando todos os esforços em prol de uma reengenharia das normas do trabalho e da existência social, privilegiando o bem comum.

O trabalho das mulheres pode trazer uma imensa contribuição, não somente para o setor da TI, mas para todos os processos formativos que o envolvem, notadamente a Educação Tecnológica. Os saberes investidos nos corpos-si das mulheres, pelas renormatizações das normas, sobretudo, as operadas pela divisão sexual do trabalho, podem ser colocados em diálogo para que o universo de valores que constituem o meio da TI seja recursivamente ressingularizado. Essa direção aponta a superação das relações sociais de sexo e quaisquer outras relações de opressão e exploração da humanidade, podendo ser compreendido um embrião desse rumo a ser gestado.

Sem sombra de dúvida, essa compreensão passa necessariamente pelo conceito de classe, pela consciência sobre as formas de opressão e exploração de toda ordem a que a elas são imputadas. Entretanto, é preciso ir além, transcender às barreiras que conceituam e circunscrevem o agir da humanidade. O que a ergologia faz é favorecer a subversão de todas as normas falaciosamente estabilizadas, a partir da noção de corpo-si e de atividade humana. Acredito que seja essa a maior contribuição trazida pela démarche ergológica quando aborda a produção de saberes no trabalho, procura enfrentar a questão da emancipação da humanidade, buscando um modo diferente de fazer, ‘juntando’ tudo que foi separado. Nessa direção, ainda que, do ponto de vista das relações sociais de sexo, esta pesquisa tenha me levado à compreensão que a emancipação da mulher é a emancipação da humanidade, ela também me levou a pensar além.

Compreender dramáticas dos usos do corpo-si, é compreender que não há vida sem debate de normas. Todas elas precisam ser colocadas em jogo. O ponto de vista da atividade humana pressupõe invariavelmente questionar os modos de aprisionar o agir humano em conceitos, as normas. A atividade não

pode ser circunscrita em nenhum ponto de vista. Considero que, qualquer que seja a pretensão de subjugar os limites do corpo-si, por qualquer que seja a norma, ela sempre falhará, pois, viver sob o completo julgo das normas é impossível, *invivível*, tendo em vista que “a atividade transgride todos os ‘lugares’” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 200).

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís; VALENZUELA, Maria Elena. Tempo de trabalho remunerado e não remunerado na Latina: uma repartição desigual. In: ABREU, Alice R.P., HIRATA, Helena. LOMBARDI, Maria. Rosa. **Gênero e Trabalho no Brasil:** perspectivas interseccionais. Tradução Carol de Paula. São Paulo: Boitempo, 2016, p.113-123.

ABREU, Maira. **Politizando a Anatomia:** antinaturalismo e materialismo no pensamento feminista francês (1960-1980); Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas; Campinas, 2016. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/331436. Acesso em 04 abr. 2018.

ABREU, Maira. Feminismo materialista na França: sócio-história de uma reflexão. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1-17, 2018. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26538476?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em 30 dez. 2018.

AGRELLO, Deise Amaro; GARG, Reva. Mulheres na Física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento. São Paulo: **Revista Brasileira de Ensino de Física,** v. 31, n. 1, 1305-1 – 1305-6, 2009. Disponível em http://www.sbfisica.org.br/rbef/. Acesso em 02 ago. 2017.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de tchernóbil.**

ALVES, Branca M.; PINTANGUY, Jacqueline. **O que é o feminismo.** Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1982.

APFELBAUM, Erika. Dominação. *In*: HIRATA, Helena et al (Orgs.), **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 76-80.

ARANTES, Rivane F. **Meditações sobre feminismos, relações raciais e lutas antirracistas.** Recife: SOS Corpo, 2018.

ATHAYDE, Milton; BRITO, Jussara. Apresentação à edição brasileira: Um livro-ferramenta diálogo e seu uso na perspectiva Ergológica tecida entre nós. *In*: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Orgs.), Trabalho & Ergologia: Conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007. p. 5-15.

ÁVILA, Maria Betânia, Nas veredas do feminismo materialista. In: SILVA, Carmen; ÁVILA, Betânia; FERREIRA, Verônica (Orgs), Mulher e trabalho: encontro entre feminismo e sindicalismo. Recife: **SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia**; São Paulo: Secretaria Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT, 2005. p. 177-242.

BARTOL, Kathryn M.; WILLIAMSON, Ian O.; LANGA, Gosia A. Gender and Professional Commitment among IT Professionals: The Special Case of Female

Newcomers to Organizations. COHOON, Joanne; WILLIAM, Aspray (orgs.). **Women and Information Technology**: Research on Underrepresentation. MIT Press, Ed. Kindle, 2006. E-Book.

BEAUVOIR, Simone D. **O Segundo Sexo**: 2. Experiência vivida. Tradução Sergio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEN, Esther R. Define expertise in software development while doing gender. **Gender, Work and Organization.** v. 14, n. 4, p. 312 – 332, 2007. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1468-0432.2007.00346.x?casa_token=LCNLd-nzQm8AAAAA%3A1bGN7qwYfRmMAaPZ0ucQshp9S3OWu7hh-CQSZAyczsL6ooT-O_UGp0bcKiE-230F3fdVW1U4J8r7G46H2A. Acesso em 23 jan. 2020

BERTAUX, Daniel. El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. **Proposiciones,** Santiago de Chile, p. 1-23, 29 mar., 1999. Disponível em: http://surcorporacion.cl/publicaciones/Revista_Proposiciones/PR-0029-003-3258.pdf. Acesso: 23 jan. 2018.

BERTAUX, Daniel. Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos. Tradução Zuleide A. C. Cavalcante e Denise M. G. Lavallée. São Paulo: Paulus, 2010.

BRASSCOM. **Guia de funções de Tecnologia da Informação e Comunicação no Brasil**. São Paulo, 2017.

BREMOND, Claude. A lógica dos possíveis narrativos. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 114-141.

CAMPBELL-KELLY, Martin. **A History of the Information Machine.** [e-book] Boulder: Westview Press, 2014.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico.** Tradução Maria Theresa Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CANGUILHEM, Georges. **O conhecimento e a vida.** Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2012.

CASTAÑO, Cecilia; WEBSTER, Juliet. Understanding Women's Presence in ICT: the Life Course Perspective. **International Journal of Gender, Science and Technology**, v. 3, n. 2, p. 364 – 386, 2011. Disponível em: http://genderandset.open.ac.uk/index.php/genderandset/article/view/168. Acesso em 03 set. 2017.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 1 São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CASTRO, Bárbara G. **Afogados em contratos:** o impacto da flexibilização do trabalho nas trajetórias dos profissionais de TI; Tese (Doutorado em Sociologia)

– Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas; Campinas, 2013. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280163/1/Castro_Barbara_D.pdf. Acesso em 04 abr. 2016.

CASTRO, Bárbara. **As armadilhas da flexibilidade:** trabalho e gênero no setor de Tecnologia da Informação. São Paulo: Annablume trabalho, 2016.

CASTRO, Bárbara. Feminizando Chefias? Uma análise da dinâmica da divisão sexual do trabalho no setor de TI. **Revista da ABET**, v. 17, n. 1, p. 16-27, 2018. Disponível em: http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/41161. Acesso: 12 dez. 2018.

CELIBERTI, Lilián. Imaginários em disputa**.** Tradução Mizael Nascimento. *In*: **Cadernos de Crítica Feminista**, Ano VIII, N. 7. Recife: SOS Corpo, 2014.
CEFETMG. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Site institucional, 2019. Disponível em: http://www.cefetmg.br/.
Acesso em 03 jan. 2019.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015. Ed. Kindle. E-Book.

COLLIN, Françoise. Diferença dos sexos (teorias da). *In*: HIRATA, Helena et al (Orgs.), **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 59-66.

CURIEL, Ochy e FALQUET, Jules. Introdução. In: FERREIRA, Verônica; ÁVILA, Maria Betânia; FALQUEt, Jules; ABREU, Maira. **O Patriarcado Desvendado: Teorias de Três Feministas Materialistas: Colete Guillaumin, Paolo Tabet, Nicole-Claude Mathieu.** Recife: Edições SOS Corpo, 2014.

DAVIS, Angela. **"Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo"**. Salvador: UFBA, 2017 (Conferência). Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2017/07/28/angela-davis-construindo-o-futuro-da-luta-contra-o-racismo/> Acesso em 17 jan. 2021.

DELPHY, Christine. O inimigo principal: a economia política do patriarcado. **Revista Brasileira de Ciência Política.** n. 17, p. 99-119, mai./ago. 2015. Disponível em http://www.redalyc.org/html/3399/339930882004/ Acesso em 5 dez. 2018.

DENZI, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teoria e abordagens. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DENZI, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. Introdution. *In:* DENZI, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.), **Collecting and Interpreting Qualiative Materials.** Edição Digital**.** Thousand Oaks, Sage Publications, 2012.

DESLANDES, Suely F.; ASSIS, Simone G. Abordagens quantitativa e qualitativa em saúde: o diálogo das diferenças. *In:* MINAYO, Maria Cecília; DESCLANDES, Suely F. (Orgs.), **Caminhos de Pensamento:** epistemologia e método. Edição Digital. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

DEVREUX, Anne-Marie. A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 20, n. 3, p.
561-584, set/dez, 2005.

DORLIN, Elsa. Revolução do feminismo negro. **Revista Ártemis**. v. 27, n.1, p. 63-88, jan/jun, 2019.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139 a 154. mar. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n115/a05n115.pdf. Acesso em 23 set. 2018.

DURRIVE, Louis. A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré E Yves Schwartz. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, supl.1, p. 47-67, 2011.

DURRIVE, Louis; MAILLIOT, Stéphanie. Diálogo 3. A ergologia e a produção de saberes sobre os ofícios. *In:* SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho & Ergologia II**: diálogos sobre a atividade humana. Belo Horizonte: FABREFACTUM, 2016.

DUSEK, Val. **Filosofia da Tecnologia.** São Paulo: Loyola, 2010.

DUTRA, Elza. Narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, 2002, v. 7, n. 2, p. 371-378.

EAGLY, Alice H.; KARAU, Steven J. Role Congruity theory of prejudice toward female leaders. **Psychological Review**, 2002, v. 109, n. 3, p. 573-598.

ELSON, Diane; PEARSON, Ruth. 'Nimble fingers make cheap workers': an analysis of women's employment in third world export manufacturing. **Feminist Review**, n. 7, p. 87-107, Spring, 1981.

ENSMENGER, Nathan. L. Making programming masculine. In: MISA, Tomas. J. Misa (Ed.). Gender codes: **Why women are leaving computing.** [e-book]. Hoboken: John Wiley & Sons. 2010, p. 115–141. Disponível em http://homes.soic.indiana.edu/nensmeng/files/ensmenger-gender.pdf. Acesso em 09 out. 2019

FALQUET, Jules. Três questões aos movimentos sociais "progressistas": contribuições da teoria feminista à análise dos movimentos sociais. **Lutas & Resistências.** Lodrina, v. 1, p.212-225, set. 2006. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/revista1aedicao/lr212-225.pdf. Acesso em 29 nov. 2018.

FALQUET, Jules. Repensar as relações sociais de sexo, classe e '"raça"' na globalização neoliberal. **Mediações**, Londrina, v. 13, n. 1-2, p. 121-142, 2008. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3290. Acesso em 30 nov. 2018.

FALQUET, Jules. O capitalismo financeiro não liberta as mulheres: análises feministas materialistas e imbricacionistas. **Crítica Marxista,** Campinas, n. 36, p. 9-25, 2013.

FALQUET, Jules. Materialismo feminista... crise: entrevista com Jules Falquet Entrevista concedida a Oriane Petteni e Sophie Wustefeld. **cadernos cemarx,** 2017, n. 10, p. 244-265.

FALQUET, Jules. A combinatória straight. Raça, classe, sexo e economia política: análises materialistas e decoloniais. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 48, p. 127-145, 2019.

FERREIRA, Luciene B; RAMOS, Anatália S. M. Tecnologia da Informação: commodity ou ferramenta estratégica? **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação.** v. 2, n. 1, p. 69-79, 2005.

FERREIRA, Virgínia. Quando as mulheres eram Computadoras. Reflexões em torno das variações da feminização da programação em informática... In: AMÂNCIO, Lígia et al (Orgs.), **O Longo Caminho das Mulheres.** Feminismos 80 anos depois. Lisboa: Dom Quixote, 2007. p. 375-384.

FETZNER, Maria Amelia; FREITAS, Henrique M. R. Implantação de Tecnologia da Informação nas Organizações − os Desafios da Gestão da Mudança. In: Encontro de Administração da Informação (EnADI), I, 2007, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: 2007.
FOUGEYROLLAS-SCHEWEBEL, DOMINIQUE. Trabalho Doméstico. *In*: HIRATA, Helena et al (Orgs.), **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 256-262.

FUEGI, John; FRANCIS, Jo. Lovelace & Babbage and the Creation of the 1843 'Notes'. **IEE Computer Society**. Out a Dez, 2003.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Armed, p.79-96, 2009.

GLOVER, Judith. GUERRIER, Yvonne. "Women in Hybrid roles in IT employment: a return to 'nimble fingers'?". **Journal of Technology Management & Innovation**, London, v. 5, n. 1 p. 85-94, 2010.

GODOY, Arilda S., Introdução à pesquisa de qualitativa e suas possibilidade**s**, In: **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n. 2 1995, p.57-63. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf. Acesso em 08 dez. 2018.

GOMES JUNIOR, Admardo B. **O uso de si e o saber fazer com o sintoma no trabalho.** Tese de doutorado (em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais; Belo Horizonte, 2013. Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9DSHWB. Acesso em 22/11/2020.

GOMES JÚNIOR, Admardo B.; SCHWARTZ, Yves. Psicologia, saúde e trabalho: da experiência aos conceitos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.19, p.345 - 351, 2014. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722014000200016&script=sci_arttext. Acesso em 12 dez. 2018.

TAVARES, Gonçalo M. **Breves notas sobre ciência.** Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

GONÇALVES, Bruna G. **Violência simbólica de gênero da Engenharia:** estudo de caso no CEFET-MG. Dissertação de Mestrado (em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2019. Disponível em https://sig.cefetmg.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=&key=ec90c38b46a0c0fd962ed5d43a03ae04. Acesso em 20 nov. 2019.

GONÇALVES, Rita de C.; LISBOA, Teresa K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Katálysis.** Florianópolis, v. 10. p. 83-92, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/1145. Acesso em 20 dez. 2018.

GUÉRIN, François. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática da ergonomia. São Paulo: Edgard Bücher, 2001.

GUERRIER, Yvonne, et al. 'Tecnical, but not very...': constructing gendered identities in IT-related employment. **Work, employment and Society**, London, v. 23, p. 494-511, 2009.

GÜRER, Denise. Women in computing history. **ACM SIGCSE Bulletin - Women and Computing.** New York, v. 34, n. 2, p. 27-31, jun. 2002. Disponível em: https://dl.acm.org/citation.cfm?id=543843. Acesso: 12 dez. 2018.
HAGUETTE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HARDING, Sandra. Why Has the sex/gender system become visible only now? *In:* HARDING, Sandra; HINTIKKA, Merrill B. (orgs.). **Discovering reality:** feminist perspectives on epistemology, metaphysics, methodology, and philosophy of science. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1983. p. 311-324.

HILL COLLINS, Patricia. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

HIRATA, Helena. **Nova Divisão Sexual do Trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. **Sociologias** (UFRGS. Impresso), v. 21, p. 24-41, 2009. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/8854. Acesso em 30 nov. 2018.

HIRATA, Helena. Centralidade do trabalho, subjetividade e relações sociais: Pesquisar com Danièle Kergoat. *In:* KERGOAT, Danièle. **Lutar, dizem elas...** Recife: SOS Corpo, 2018. p. 13-22.

HIRATA, Helena. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. **Trabalho necessário.** v. 16, n. 29, p. 14-27, 2018. Disponível em https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4552/4195. Acesso em 26 nov. 2019.

HIRATA, Helena; LE DOARÉ, Hélène. Os paradoxos da globalização. *In*: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (orgs.). **O trabalho das mulheres.** São Paulo: SOF, 1999.
HIRATA, Helena. KERGOAT, Danièle. A classe operária tem dois sexos. **Estudos Feministas**, Florianópolis,, v. 2, n. 3, p. 93-100, 1994. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/43904487?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 26 nov. 2018.

HIRATA, Helena. KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007. Disponível em: http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/344/348. Acesso em: 26 nov. 2018.

HIRATA, Helena; ZARAFFIAN, Philippe. Trabalho. *In*: HIRATA, Helena et al (Orgs.), **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 251-256.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN Philippe. Trabalho (O conceito de). In Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré e Danièle Senotier (Orgs.), Dicionário Crítico do Feminismo (pp. 67-75), São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HOLANDA, Heloisa B. Introdução. *In*: HOLANDA, Heloisa B. (Org.), **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 9-21.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOLZ, Edvalter B.; BIANCO, Mônica de F. Ergologia: uma abordagem possível para os estudos organizacionais sobre trabalho. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 12, n. esp., p. 494-512, ago. 2014. Acesso em 01 set. 2018.

HUBBARD, Ruth. Have Only Men Evolved? *In:* HARDING, Sandra; HINTIKKA, Merrill B. (orgs.). **Discovering reality:** feminist perspectives on epistemology, metaphysics, methodology, and philosophy of science. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1983. p. 31-69.

INTERCOM. **Enciclopédia de comunicação**. São Paulo: Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da Comunicação, 2010.

ISACA. – *Information Systems Audit and Control Association. The future tech workforce: breaking gender barriers.* ***ISACA****:* 2017. Disponível em: http://www.isaca.org/info/2017-women-in-technology-survey/index.html. Acesso em 28 nov. 2018.

ISAACSON, Walter. Inovadores: uma biografia da revolução digital. Tradução Berilo Vargas; Luciano Vieira Machado; Pedro Maia Soares. Companhia das Letras, 2014. Ed. Kindle. E-Book.

JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: Bauer Martin W.; Gaskell Geoge. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2017. Ed. Kindle, 2017. E-Book.

KELAN, Elisabeth. **Performing gender at work.** Great Britain: Palgrave Macmillan, 2009.

KERGOAT, Danièle. A relação social de sexo da reprodução das relações sociais à sua subversão. **Pro-Posições.** Campinas, v. 13, n. 1, 2002. p. 47-59. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643968. Acesso em 23 mar. 2018.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, Helena et al (Orgs.), **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 67-75.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos** – CEBRAP, São Paulo, n. 86, 2010. p. 93-103. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100005. Acesso em 09 abr. 2017.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. *In:* ABREU, Alice R.P., HIRATA, Helena. LOMBARDI, Maria. Rosa. **Gênero e Trabalho no Brasil:** perspectivas interseccionais. Tradução Carol de Paula. São Paulo: Boitempo, 2016. p.17-25.

KERGOAT, Danièle. **Lutar, dizem elas...** Recife: SOS Corpo, 2018.

KERGOAT, Danièle. Relações sociais e divisão do trabalho entre os sexos. *In:* KERGOAT, Danièle. **Lutar, dizem elas...** Recife: SOS Corpo, 2018a. p. 85-94.

KERGOAT, Prisca; PICOT, Geneviève; LADA, Emmanuele. Ofício, profissão, “bico”. *In*: HIRATA, Helena et al (Orgs.), **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 159-167.

KIM, Eugene E.; TOOLE, Betty A. Ada and the first computer. **Scientific American.** v. 280, n. 5, p. 76-81, mai. 1999. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26058246. Acesso: 30 dez. 2017.

KIND, Luciana. Narrativas acadêmicas ou como contamos o que fazemos. *In*: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana (Orgs.), **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 185-201.

KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide (Orgs.). **Notícias da vida:** narrativas sobre a morte com mulheres trabalhadoras rurais e mulheres vivendo com HIV/AIDS. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LACOMBLEZ, Marianne. A feminização dos meios de trabalho definidos em masculinidade: debates de normas e desenvolvimento. **Laboreal**, v. 6, n.1, p. 39-45, 2008.

LAURINDO, Fernando J. B. et al. O papel da Tecnologia da Informação (TI) na estratégia das organizações. **Gestão e Produção.** v. 8, n. 2, p. 160-179, ago. 2001.

LERMAN, Nina. "Preparing for the duties and practice business of life": technological
knowledge and social structure in Mid-19th-Century Philadelphia. **Technology and Culture.** v. 38, n. 1, Ed. Especial: Gender Analysis and the History of Technology, pp. 31-59, Jan. 1997. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/3106783. Acesso em 20 nov. 2018.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 271-284, set./dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300016&script=sci_arttext.
Acesso 01 set. 2016.

LIGHT, Jennifer S. When computers were women. **Technology and Culture**, v. 40, n. 3, 455-483, jul. 1999. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/25147356. Acesso em 6 jul. 2018.

LIMA, Betina S. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. Estudos
Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 883-903, set./dez. 2013. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000300007.
Acesso em 19 dez. 2016.

LINKEDIN CEFETMG. Site institucional, 2019. Disponível em: https://www.linkedin.com.
Acesso em 03 fev. 2019.

LONGINO, Helen E. Epistemologia Feminista. *In:* GRECO, John; SOSA, Ernest. (orgs.). **Compêndio de Epistemologia.** Tradução Alessandra Siedschlag, Rogério Betoni. São Paulo: Loyola, 2012. p. 505-546.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHE, Pierre. Uma epistemologia da história. Posfácio. *In*: CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico.** Tradução Maria Theresa Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória.** São Paulo: Siciliano, 1995.

MALLIMACI, Fortunato ; BÉLIVEAU, Verónica G. Historias de vida y método biográfico. *In*: VASILACHIS, Irene (coord..). **Estrategias de Investigación cualitativa***,* Barcelona:Gedisa, 2006. p. 175-212.

MARCONI, Maria de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

McGEE, Kimberly. The influence of gender, and race/ethnicity on advancement in information technology (IT). **Information and Organization**, v. 28, n. 1, p. 1-36, 2018. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1471772717300556. Acesso em 12 dez. 2018.
MELFI, Theodore (2017). **Estrelas além do tempo**. (Drama/Biografia). Estados Unidos. Fox Film do Brasil.

MENCACCI, Nicole; SCHWARTZ, Yves. Diálogo 1. Trajetórias e usos de si. *In*: Schwartz, Y.; Durrive, L. (Orgs.). **Trabalho & Ergologia II: diálogos sobre a atividade humana.** Belo Horizonte: FABREFACTUM, 2016.

MIES, Maria; SHIVAS, Vandana. **Ecofeminism.** Londres & Nova York: Zed Books, 2014.

MINAYO, Maria C. de S. O desafio da pesquisa social. In: Minayo, Maria C. de S. (Org.), **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Edição digital. Coleção Temas Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MINAYO, Maria C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: Minayo, Maria C. de S. (Org.), **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Edição digital. Coleção Temas Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.

MONARD, Maria Carolina; FORTES, Renata P. M. Uma visão da participação feminina nos cursos de Ciência da Computação no Brasil. V Congresso de la Mujer Latioamericana en la Computación – LAWCC. **Anais** […], Naiguatá, Vargas, Venezuela, p. 6-12, 2013. Disponível em: http://sites.labic.icmc.usp.br/pub/mcmonard/MonardLAWCC2013.pdf.pdf. Acesso em 12 dez. 2018.

MOREIRA. Josilene A. ; MATTOS, Giorgia de O. ; REIS, Luana S. Um Panorama da Presença Feminina na Ciência da Computação. *In:* 18º REDOR – Perspectivas Feministas de Gênero: Desafios no campo das práticas. **Anais** [...], Recife: UFRP, p. 3527-3542, 2014.

MOREIRA, Lucimara. **O lugar da mulher no mundo do trabalho:** engenheira professora ou professora engenheira? Dissertação de Mestrado (em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2020. No prelo.

MOURA JÚNIOR, Pedro J.; HELAL, Diogo H. Profissionais e Profissionalização em Tecnologia da Informação: Indicativos de uma “Metamorfose Ambulante”. IV Encontro da Administração da Informação. **Anais** [...], Bento Gonçalves: ENADI, p.1-16, 2013.

MTECBO. Classificação Brasileira de Ocupações. Ministério do Trabalho. Disponível em: http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloA-Z.jsf. Acesso em 22 nov. 2018.

MULLER, A. et al. “Plug and play” systems for quantum cryptography. Geneva: **Applied Physics Letters**, n. 70, 793-795, 1997.

MUNIZ, Helder P.; SANTORUM, Kátia M. T.; FRANÇA, Maristela B. Corpo-si: a construção do conceito na obra de Yves Schwartz. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 69-77, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/fractal/v30n2/1984-0292-fractal-30-02-69.pdf. Acesso: 21 nov. 2019.

NEANDER, Kertin; SKOTT, Carola. Important Meetings with Important Persons: Narratives from Families Facing Adversity and their Key Figures. London, Thousand Oaks, CA , New Delhi: Sage Publications. v. 5 n. 3. 2006. 295–311.

NUNES, Marina M. et al, Uma iniciativa para atrair as estudantes do ensino médio
para a Área de Tecnologia da Informação. XXI Workshop de Informática na Escola (WIE 2015). **Anais** [...], Rio Paranaíba: UFV, p. 425-434, 2015.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5 n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011. Disponível em: http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667. Acesso em: 26 nov. 2016.

OECD (2012) Measuring the information economy. Paris: OECD, 2002. Disponível em: http://www.oecd.org/dataoecd/16/14/1835738.pdf. Acesso em: 24 set. 2018.
PINHEIRO, Luana S. et al (Ed). **Mulheres e trabalho**: breve análise do período 2004 – 2014. Brasília. IPEA: 2016.

PRESSMAN, Roger S. **Engenharia de Software**. Tradução José Carlos Barbosa dos Santos, São Paulo: Makron Books, 1995.

PUJADAS, Joan J. El método biográfico y los géneros de la memoria. Revista de Antropología Social, núm. 9, p. 127-158, Madrid: Universidade Complutense de Madrid, 2000. Disponível em: http://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/download/RASO0000110127A/9967. Acesso em 28 jan. 2019.

PUJOL, Andrea. Ocupaciones y biografias: la nocion de trayetoria em los estudios el trabajo. **Revista Aristeo**. n. 2 p. 1-19, Buenos Aires: Eudeba, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Andrea_Pujol2/publication/266389874_Ocupaciones_y_biografias_la_nocion_de_trayectoria_en_los_estudios_del_trabajo/links/543007340cf277d58e938258.pdf. Acesso em 22 jan. 2019.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga de M. Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil). (org.). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

QUIRINO, Raquel. **Mineração também é lugar de mulher!** Desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração. 2011. 289f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2011. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8NTGLQ. Acesso em: 26 nov. 2018.

QUIRINO, Raquel. Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: aproximações teórico-conceituais em uma perspectiva marxista. **Trabalho & Educação**, v. 24, n. 2, p. 229-246, 2016. Disponível em http://www.portal.fae.ufmg.br/revistas/index.php/trabedu/article/view/2328/1586. Acesso em 03 set. 2016.

QUIRINO, Raquel. I Workshop Formação de Pesquisadores em Educação Tecnológica, 2017, Belo Horizonte.**Apostila** [...]. Belo Horizonte: FORQUAP, 2017. p. 1-33.

PEDROSA, José G. Conceitos para pensar o capital e seu apêndice: o trabalho. Revista Educação & Tecnologia, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p.05-13, set. – dez. 2009.

PEDROSA, José G. Fundamentos da Educação Profissional e Tecnológica: Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG, 05 de mar a 25 de jun de 2018. 14 f. Notas de aula. Manuscrito. 2018.
RABAÇA, Carlos; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Atica, 1998.

RABELO, Laís Di Bella, Esse trem de fiscalização... O trabalho dos inspetores ferroviários em Minas Gerais; Dissertação de Mestrado (em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

RABELO, Laís Di Bella, "Ou morre ou fica aleijado": um estudo sobre o corpo-si mutilado pelo trabalho terceirizado no setor elétrico em Minas Gerais; Tese de doutorado (em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

RABELO, Laís; BARROS, Vanessa; CUNHA, Daisy. A metodologia de pesquisa entre o prescrito e o real. In: LIMA, Francisco; RABELO, Laís; CASTRO, Marcelle (Orgs.), **Conectando Saberes.** Dispositivos sociais de precenção de acidentes e doenças no trabalho. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2016. p. 379-402.

RAMALHO, José Antônio A. Clipper 5.0: guia de referência do programador. São Paulo: Makron, McGraw-Hill, 1990.

RAPKIEWICZ, Clevi Elena. Informática: domínio masculino? **Cadernos Pagu,** n. 10, p. 169-200, 1998a. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/209/showToc. Acesso em 09 out. 2017.

RAPKIEWICZ, Clevi Elena. Femina Computationalis ou A construção do gênero na informática, 249 f. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Sistemas e Computação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1998b. Disponível em: https://www.cos.ufrj.br/index.php/pt-BR/publicacoes-pesquisa/details/15/733. Acesso em 01 mar. 2018.

RIESSMAN, Catherine Kohler. Narrative methods for the human sciences. Thousand Oaks, CA: Sage, 2008, (e-book).

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Feminismos e seus frutos no Brasil.** *In*: SADER, Emir (org.). Movimentos sociais na transição democrática. São Paulo: Cortez, 1986.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria Paula. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Ed. Kindle. São Paulo: Cortez, 2013. E-Book.

SHAPIRO, Stuart. Boundaries and quandaries: establishing a professional context for IT. **Information Technology & People**, v. 7, n. 1, p. 48-68, 1994. Disponível em: https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/09593849410074025. Acesso em 12 dez. 2018.

SHETTERLY, Margot L. **Estrelas além do tempo.** Tradução Balão Editorial. Rio de Janeiro: Happer Collins, Ed. Kindle, 2017. E-Book.

SHEISTECH, 2018. She's Tech. Site institucional. Disponível em: https://shestech.org/. Acesso em: 19 nov. 2018.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. **Pro-Posições.** Campinas, v. 1, n. 5, p. 34-50, jul. 2000.

SCHWARTZ, Yves. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de
saberes. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n. 7, p. 38-46, jul-dez. 2000a.

SCHWARTZ, Yves. Introdução II. *In:* SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho & Ergologia:** conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007.

SCHWARTZ, Yves. Introdução II. *In:* SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho & Ergologia:** conversas sobre a atividade humana. 2.ed. Niterói: EdUFF, 2010.

SCHWARTZ, Yves. Qual sujeito para qual experiência ? Tempus – Actas de Saúde Coletiva, Brasília, v. 5, n. 1, p. 55-67, 2011.

SCHWARTZ, Yves. Histórico e conceitos da ergologia: entrevista com Yves Schwartz. Entrevista concedida a Moacir Fernando Viegas. **Reflexão & Ação,** Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 1, p. 327-340, 2013.

SCHWARTZ, Yves. Motivações do Conceito de Corpo-si: corpo-si, atividade e experiência. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 259-274, jul./set. 2014.

SCHWARTZ, Yves. L'activité peut-elle entre objet d'"analyse"?. **Letras de Hoje,** Porto Alegre, v.50, n. esp.(supl.), p. 42-52, dez, 2015.

SCHWARTZ, Yves. Conhecer e estudar o trabalho. **Trabalho & Educação.** Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 83-89, set./dez. 2015a.

SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Louis. (Orgs.). **Trabalho & Ergologia:** conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007.

SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Louis. (Orgs.). Glossário da Ergologia. **Laboreal** [online], v. 4, n1, Porto: Universidade do Porto, 2008. Disponível em http://journals.openedition.org/laboreal/1665. Acesso em 20 nov. 2020.

SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Louis. (Orgs.). **Trabalho & Ergologia:** conversas sobre a atividade humana. 2.ed. Niterói: EdUFF, 2010.

SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Louis. (Orgs.). **Trabalho & Ergologia II**: diálogos sobre a atividade humana. Belo Horizonte: FABREFACTUM, 2016.

SCHWARTZ, Yves; ECHTERNACHT, Eliza. Le corps-soi dans les milieux de travail : comment se spécifie sa compétence à vivre? **Corps au travail**. Ed. Dilecta, v. 1, n. 6, p. 1-24, 2009.

SCOTT-DIXON, Krista. **Doing IT**: women working in Information Technology. Toronto: Sumach Press, 2004.

SILVA, Aline P. Et al. Conte-se sua história: reflexões sobre o método História de Vida. Nmosaico: ESTUDOS EM PSICOLOGIA. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

SOFTEX (2013) – Economia da Informação e Internet (Cadernos Temáticos do Observatório). Disponível em: https://www.softex.br/wp-content/uploads/2013/07/Cadernos-tematicos-do-observatorio-economia-da-informacao-e-internet1.pdf. Acesso em 01 nov. 2017.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. A questão da mulher na reprodução da força de trabalho. **Perspectivas**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 43-47, 1981.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

STAKE, Robert E. **Investigación con estudio de casos.** 4 ed. Madrid: Morata, 2007.

STEIL, Andréa Valéria. Organizações, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 62-69, 1987. Disponível em: http://www.spell.org.br/documentos/ver/18443/organizacoes--genero-e-posicao-hierarquica---compreendendo-o-fenomeno-do-teto-de-vidro. Acesso em: 26 nov. 2018.

STEMLER, Steve. An Overview of Content Analysis. **Practical Assessment, Research & Evaluation**, v. 7, n. 17, jun. 2001. Disponível em: http://PAREonline.net/getvn.asp?v=7&n=17. Acesso em 23 dez. 2018.

SZNELWAR, Laerte I. Alain Wisner: o desenvolvimento da ergonomia e do pensamento sobre o “trabalhar” **Travailler**,n. 15, 2006. p. 57-70. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-travailler-2006-1-page-55.htm. Acesso em: 15 ago. 2020.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. *In:* SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda R.; PRANDINI, Regina Célia A. R. (orgs.) **A Entrevista na Pesquisa em Educação:** a prática reflexiva. 5. Ed. Campinas: Autores Associados, 2018. p. 9-60.

TENENTE, Luiza. Análise de sistemas: tecnologia não é coisa de menino mas só 20% dos alunos do curso são mulheres. **Educação: guia de carreiras**. 13/12/2018, Portal G1. . Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2018/12/13/analise-de-sistemas-tecnologia-nao-e-coisa-de-menino-mas-so-20-dos-alunos-do-curso-sao-mulheres.ghtml Acesso 13 dez. 2018

VERÍSSIMO, Mariana. Elementos para a construção da noção de saber investido. **Trabalho & Educação.** Belo Horizonte, 2015, v.24, n. 2. p. 295-313.

WAJCMAN, Judy. Reflections on gender and Technology Studies: In What State is the Art?. **Social Study of Sciencie**, London, v. 30, n. 3. p. 143-152, 2010. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/030631200030003005 Acesso em 04 jun. 2018

WAJCMAN, Judy. **TechnoFeminism.** ed. Kindle. Cambridge: Wiley. 2004. E-Book

WAJCMAN, Judy. Feminist theories of technology. Social. **Cambridge Journal of Economics.** v. 34, n. 1. p. 447-464, 2000. Disponível em: https://academic.oup.com/cje/article-abstract/34/1/143/1689542. Acesso em 04 jun. 2018.

WARDLE, Caroline; BURTON, Lawrence. Programmatic Efforts Encouraging Women to Enter the Information Technology Workforce. **ACM SIGCSE Bulletin - Women and Computing.** New York, v. 34, n. 2, p. 27-31, jun. 2002. Disponível em: https://dl.acm.org/citation.cfm?id=543824. Acesso: 12 dez. 2018.

WHITEHOUSE, Gillian. DIAMOND, Chris. “Hybrids” and the gendering of computing jobs
in Australia. **Australian Journal of Information Systems** - Ajis, v. 12, n.2, p. 79-89, 2005. Disponível em: https://journal.acs.org.au/index.php/ajis/article/view/94. Acesso em 12 ago. 2018.

WISNER, Alain. A antropotecnologia. **Estudos Avançados**, v. 6, n. 16, 1992.

WITTIG, Monique. The straight mind. *In:* FERGUSON, Russell et al (Ed.) **Out of There:** Marginalization and Contemporary Cultures. New York: The New Museum of Contemporary and Massachusetts Institute of Technology, 1999.

YANNOULAS, Silvia. Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília, ano 11, n. 22, 2011. p. 271-292.

ZAIDMAN, Claude. Educação e socialização. *In*: HIRATA, Helena et al (Orgs.), **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 80-84.
WARDLE, Caroline; BURTON, Lawrence. Programmatic Efforts Encouraging Women to Enter the Information Technology Workforce. **ACM SIGCSE Bulletin - Women and Computing.** New York, v. 34, n. 2, p. 27-31, jun. 2002. Disponível em: https://dl.acm.org/citation.cfm?id=543824. Acesso: 12 dez. 2018.

WHITEHOUSE, Gillian. DIAMOND, Chris. “Hybrids” and the gendering of computing jobs
in Australia. **Australian Journal of Information Systems** - Ajis, v. 12, n.2, p. 79-89, 2005. Disponível em:
https://journal.acs.org.au/index.php/ajis/article/view/94. Acesso em 12 ago. 2018.

WISNER, Alain. A antropotecnologia. **Estudos Avançados**, v. 6, n. 16, 1992.

WITTIG, Monique. The straight mind. *In:* FERGUSON, Russell et al (Ed.) **Out of There:** Marginalization and Contemporary Cultures. New York: The New Museum of Contemporary and Massachusetts Institute of Technology, 1999.

YANNOULAS, Silvia. Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília, ano 11, n. 22, 2011. p. 271-292.

ZAIDMAN, Claude. Educação e socialização. *In*: HIRATA, Helena et al (Orgs.), **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 80-84.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

As entrevistas devem ocorrer de forma dialógica e amigável e as entrevistadas estarão livres para escolher não responder qualquer pergunta ou intervenção que lhes pareça desconfortável ou que lhes cause qualquer tipo de constrangimento. As transcrições das falas das entrevistadas lhes serão posteriormente apresentadas para que elas possam anuir ou recusar o seu conteúdo, sendo o trecho não anuído retirado do texto. É preciso que seja evidenciado que a informante poderá encerrar a sessão de entrevista, se assim desejar, ou mesmo, desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento até o seu encerramento.

No primeiro encontro, a pesquisadora se apresentará e apresentará esta pesquisa:

Apresentação à Informante

Meu nome é Graciela, eu faço uma pesquisa de mestrado em Educação Tecnológica que pretende analisar as trajetórias laborais de pessoas que atuam no setor de Tecnologia da Informação em empresas privadas. A participação das informantes desta pesquisa deve ser voluntária. As entrevistas se darão em forma de uma conversa amigável centrada na temática da sua trajetória laboral. O método de história de vida centrada na trajetória laboral foi escolhido, em razão da intenção de compreender, para além dos aspectos inerentes as atividades laborais que você tem desempenhado durante essa trajetória, as motivações que as levou percorrê-la. As sessões poderão durar entre 40 e 60 minutos, a combinar entre nós antecipadamente. A totalidade das sessões de entrevista se dará de acordo com a sua disponibilidade e do conteúdo das suas narrativas, estando esse número entre uma e o quatro entrevistas.

A autorização para iniciar o trabalho de campo da pesquisa será apresentada às entrevistadas, junto com os termos Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido e Termo de Cessão Gratuita de Direito de Uso de voz e Trechos ou Partes das Entrevistas, este último previamente descrito no primeiro termo (TCLE). Assim, havendo anuência da entrevistada, após assinados os termos, as sessões de entrevistas serão iniciadas. Para resguardar a identidade da entrevistada, será solicitado que ela escolha um nome fictício (codinome) pelo qual será nomeada nesta pesquisa.

A pesquisadora iniciará a primeira entrevista com um pequeno questionário estruturado para obter as seguintes informações:

Questionário para a primeira entrevista

Codinome:

Idade;

Cargo/função em que está lotada no setor de TI;

Quanto tempo de experiência na área da tecnologia.

Em seguida a pesquisadora iniciará a entrevista em profundidade com a seguinte formulação inicial:

Formulação Inicial

Gostaria que você me contasse como se tornou uma profissional da Tecnologia da Informação.

A partir de então, a pesquisadora deixará a entrevistada discorrer livremente, mesmo que se afaste do tema proposto, verificando os entrelaçamentos das várias facetas do fenômeno estudado, procurando compreender o discurso da entrevistada e expressar tal compreensão, por meio de expressões físicas e verbais, sem perder de vista os objetivos do seu estudo (SZYMANSKI, 2018).

APÊNDICE B - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto CAAE: 3.375.869, aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em 06 de junho de 2019.

Prezada _____, você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada: Mulheres na Tecnologia da Informação: trajetórias e dramáticas dos usos de si. Este convite se deve ao fato de você ser trabalhadora do setor de Tecnologia da Informação no Brasil e possuir quatro anos ou mais de experiência nas atividades da área, o que seria muito útil para o andamento da pesquisa.

Ressalta-se que este estudo não contempla trabalhadoras do setor público, tendo em vista, as diferenças de processos relacionados às trajetórias profissionais entre os setores público e privado no Brasil.

A pesquisadora responsável pela pesquisa é Graciela de Andrade Boschetti, RG MG10815118, aluna regular do curso de mestrado em Educação Tecnológica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. A pesquisa objetiva compreender, a partir do ponto de vista feminino, oriundo das narrativas de vida, centradas nas suas trajetórias laborais, as relações entre os grupos sociais de homens e mulheres presentes no ambiente de trabalho do setor de Tecnologia da Informação, área profissional de alta qualificação, predominantemente masculina.

A pesquisa é iniciada por um levantamento teórico documental sobre o trabalho das mulheres no setor tecnológico, segue com a seleção das informantes da pesquisa, o recolhimento das suas narrativas de vida, a transcrição e análise das narrativas, enfocando suas trajetórias laborais.

Sua contribuição para esta pesquisa consiste em participar das entrevistas, que podem variar em quantidade, entre duas e quatro e duração máxima de uma hora, a combinar entre você e a responsável pela pesquisa, quem também conduzirá as entrevistas. Para enriquecer as narrativas, você pode utilizar, fotos, diários, cartas, memorandos, quaisquer outros documentos pessoais que possam ajudar a enriquecer sua narrativa, destacando que tais artefatos não serão reproduzidos no relatório da pesquisa, sendo apenas fonte de

enriquecimento e ampliação das suas memórias pessoais. O local, combinado previamente, será escolhido por você, fora da empresa em que trabalha, salvo você seja a proprietária da mesma.

Conforme o Termo de Cessão Gratuita de Direito de Uso de Voz e Trechos ou Partes das Entrevistas, a reprodução que ocorrerá na pesquisa será unicamente das falas. Os locais e horários das entrevistas serão combinados com você, respeitando a sua disponibilidade e preferência. Além disso, você não arcará com nenhum para participar da pesquisa.

Esclarecemos que o uso do material coletado será destinado única e exclusivamente para a realização dessa pesquisa e, sua identidade será omitida por meio do uso de nome fictício escolhido previamente por você. Em qualquer momento da pesquisa você pode desistir de participar, sem qualquer prejuízo pessoal.

Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa são mínimos, advindos de um possível cansaço ao longo da entrevista, ou algum desconforto causado por emoção gerada pela lembrança de algum fato marcante da sua vida. Caso ocorra qualquer desconforto, ou por razão da sua vontade sem qualquer motivo, a entrevista poderá ser interrompida e remarcada para outra dada, de acordo com a sua preferência. Ressalta-se ainda, o seu direito em desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade, desobrigando de remarcação da entrevista.

Informamos ainda que você não terá nenhum benefício monetário ao participar desta pesquisa, mas podem ocorrer alguns benefícios imateriais diretos, tais como, novas reflexões a partir da rememoração de momentos importantes, reorganização de ideias a partir da reorganização das memórias pessoais. Como benefício indireto podemos citar contribuir com a discussão sobre a participação das mulheres nas profissões tecnológicas na construção de modelos femininos que poderão ajudar a compor os referenciais que apoiem às escolha das mulheres em empreender atividades da tecnologia e o aumento da visibilidade do trabalho da mulher na sociedade, contribuindo para a redução de possíveis desigualdades de oportunidades entre mulheres e homens no mundo do trabalho, especialmente no setor de Tecnologia da Informação.

Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira, você é portador de diversos direitos, além do anonimato, da

confidencialidade, do sigilo e da privacidade, mesmo após o término ou interrupção da pesquisa. Assim, lhe é garantido:

A plena liberdade para decidir sobre sua participação sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza;

- A plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza. Nesse caso, os dados colhidos de sua participação até o momento da retirada do consentimento serão descartados a menos que você autorize explicitamente o contrário;
- O acompanhamento e assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado a sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao pesquisador responsável;
- O acesso aos resultados da pesquisa;
- O acesso a este Termo. Este documento é rubricado e assinado por você e pelo pesquisador, em duas vias, sendo que uma via ficará em sua propriedade. Se perder a sua via, poderá ainda solicitar uma cópia do documento ao pesquisador responsável.

Em caso de dúvidas, as pesquisadoras responsáveis colocam-se à disposição pelos contatos:

Mestranda: Graciela de Andrade Boschetti – 31 998998231 – graciela@andradeboschetti.com.br

Orientadora: Prof.ª Dr. ª Raquel Quirino – 31 997523998 - quirinoraquel@hotmail.com

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos. Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: http://www.cep.cefetmg.br ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, n. 5855

- Campus VI; E-mail: cep@cefetmg.br; Telefone: +55 (31) 3379-3004 ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras: 12:00 às 16:00 horas e quintas-feiras: 07:30 às 12:30 horas.

Se optar por participar da pesquisa, peço-lhe que rubrique todas as páginas deste Termo, identifique-se e assine a declaração a seguir, que também deve ser rubricada e assinada pelo pesquisador.

D E C L A R A Ç Ã O

Eu, _____, abaixo assinado, de forma livre e esclarecida, declaro que aceito participar da pesquisa como estabelecido neste TERMO.

Assinatura do participante da pesquisa:_____

Assinatura do pesquisador: _____

_____, _____ de _____de 20_____

Se quiser receber os resultados da pesquisa, indique seu e-mail ou, se preferir, endereço postal, no espaço a seguir:

_____

APÊNDICE C - TERMO DE CESSÃO GRATUITA

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITO DE USO DE VOZ E TRECHOS OU PARTES DAS ENTREVISTAS

Eu _____, brasileira, _____, portadora do CPF de nº _____ e RG de nº_____, nascida em _____, residente na _____ cidade de Belo Horizonte – MG, neste ato, e para todos os fins de direito, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa intitulada "Mulheres na Tecnologia da Informação: Trajetórias e dramáticas dos usos de si", bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha voz ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), destinado as informantes da referida pesquisa, AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras, mestranda: Graciela de Andrade Boschetti, e sua orientadora: Prof.ª Dr. ª Raquel Quirino, do Programa de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais -CEFET-MG, a realizar as gravações que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de depoimentos da gravação e de minha voz, de trechos ou partes da entrevista para fins científicos e educacionais (livros, artigos, slides, transparências, apresentação audiovisual, publicações e divulgações em seminários, minicursos, palestras, simpósios, periódicos científicos, congressos, aulas didáticas e apresentações de modo geral com ou sem premiações nacionais e internacionais), em favor das pesquisadoras desse estudo, acima especificadas. Porém, não devo ser identificada por nome ou qualquer outra forma. E obedecendo assim que as gravações fiquem sob a propriedade das pesquisadoras proponentes do estudo.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 20__

_____

Assinatura da Informante

Em caso de dúvidas, as pesquisadoras responsáveis colocam-se à disposição pelos contatos:

Mestranda: Graciela de Andrade Boschetti 31998998231 – graciela@andradeboschetti.com.br - Orientadora: Prof.ª Dr. ª Raquel Quirino 31 997523998 - quirinoraquel@hotmail.com

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos. Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: http://www.cep.cefetmg.br ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, n. 5855 - Campus VI; E-mail: cep@cefetmg.br; Telefone: +55 (31) 3379-3004 ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras: 12:00 às 16:00 horas e quintas-feiras: 07:30 às 12:30 horas.